

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
Área de concentração: Organizações e Sociedade**

JESSICA SYRIO CALLEFI

**O COTIDIANO E A TERRITORIALIZAÇÃO DOS VELHOS EM UM
ASILO DA CIDADE DE MARINGÁ**

Maringá
2017

JESSICA SYRIO CALLEFI

**O COTIDIANO E A TERRITORIALIZAÇÃO DOS VELHOS EM UM ASILO DA
CIDADE DE MARINGÁ**

Dissertação de Mestrado em Administração entregue ao Programa de Pós-graduação e Administração da Universidade Estadual de Maringá (PPA/UEM), como requisito para a obtenção do título de mestre em Administração.

Orientadora: Dra. Elisa Yoshie Ichikawa

Maringá
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR, Brasil)

C148c Callefi, Jessica Syrio
O cotidiano e a territorialização dos velhos em
uma asilo da cidade de Maringá / Jessica Syrio
Callefi. -- Maringá, PR, 2017.
158 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisa Yoshie Ichikawa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas,
Departamento de Administração, Programa de Pós-
Graduação em Administração, 2017.

1. Territorialização - Maringá (PR). 2. Asilo -
Maringá (PR). 3. Idosos - Maringá (PR). I. Ichikawa,
Elisa Yoshie, orient. II. Universidade Estadual de
Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas.
Departamento de Administração. Programa de Pós-
Graduação em Administração. III. Título.

CDD 23.ed. 658.001

Márcia Regina Paiva de Brito – CRB-9/1267

JESSICA SYRIO CALLEFI

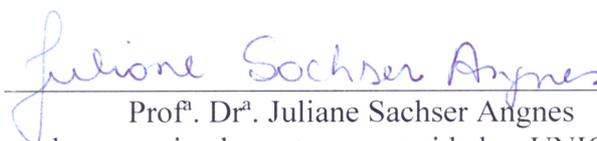
O COTIDIANO E A TERRITORIALIZAÇÃO DOS VELHOS EM UM ASILO DA CIDADE DE MARINGÁ

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Estadual de Maringá, sob apreciação da seguinte banca examinadora:

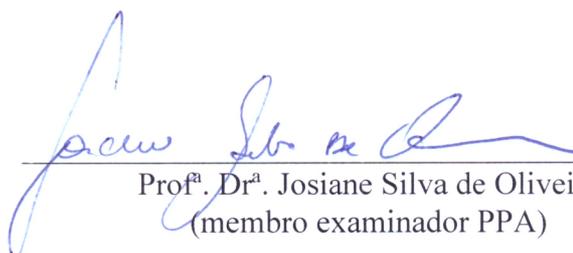
Aprovada em 14 de dezembro de 2017



Prof.^a. Dr.^a. Elisa Yoshie Ichikawa
(presidente)



Prof.^a. Dr.^a. Juliane Sachser Angnes
(membro examinador externo convidado - UNICENTRO)



Prof.^a. Dr.^a. Josiane Silva de Oliveira
(membro examinador PPA)

MARINGÁ
2017

“Fazer o ordinário extraordinariamente bem”
(Santa Teresinha do Menino Jesus)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de alguma maneira para que este trabalho se realizasse.

Primeiramente, agradeço ao asilo que acolheu esta pesquisa e a todos os entrevistados: Joana, Raul, Joaquim, Ester, Carlos, Rafael e Cecília, pois sem vocês esta pesquisa não existiria. Foi um prazer conhecê-los e uma satisfação muito grande ter tido acesso às suas histórias.

Agradeço à assistente social que permitiu que eu realizasse a pesquisa no asilo e por toda a abertura que me foi concedida. Agradeço ao fisioterapeuta que me ajudou a enxergar a questão física dos velhos de uma maneira que não havia considerado. E principalmente, agradeço ao terapeuta ocupacional, que me deu informações valiosas para a compreensão do meio no qual eu estava me inserindo, tirou todas as minhas dúvidas e explicou sobre tudo o que eu gostaria de saber a respeito dos velhos e também sobre as atividades, além de me deixar acompanhar as atividades que realizava.

Agradeço também aos professores do Programa de Pós-graduação em Administração (PPA), que de alguma forma ajudaram na minha formação. Ao Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, por todo o ensinamento na interessantíssima área da Psicologia e pela maestria com que ensinou um conteúdo tão denso de maneira clara. À Prof.^a Dr.^a Priscilla Borgonhoni Chagas, por me ensinar uma grande parte do que sei sobre a pesquisa qualitativa e também por me ensinar a escrever de maneira científica. Ao Prof. Dr. João Marcelo Crubellate, por me mostrar uma nova maneira de enxergar mais amplamente e profundamente como funcionam as organizações.

Agradeço também à Prof.^a Dr.^a Josiane Silva de Oliveira e ao Prof. Dr. William Antonio Borges pelas valiosas contribuições na banca de qualificação que melhoraram substancialmente esta pesquisa. E à Prof.^a Juliane Sachser Angnes pelas relevantes contribuições na banca de defesa da dissertação.

De maneira especial, agradeço à Prof.^a Dr.^a Elisa Yoshie Ichikawa. Primeiro, por me apresentar uma maneira diferente de ver o simbolismo presente dentro das organizações. Segundo, por aceitar uma engenheira como orientada. E ainda, pela paciência, correções, orientações e incentivos.

Aos professores aqui citados, estejam certos de que me formaram, não só como mestre, mas como docente. Serei eternamente grata.

Ao Me. Bruhmer Cesar Forone Canonice pela atenção e dedicação e por seu trabalho ser sempre tão bem feito. Certamente o mundo seria melhor se tivessem mais pessoas com esta dedicação.

Agradeço também a Deus e à Mãe de Deus, aos meus pais, sogros, irmão e esposo, por terem ouvido meus lamentos e desabafos. Sem isso, certamente eu enlouqueceria antes de terminar este texto.

Obrigada a todos.

RESUMO

Esta dissertação trata da temática dos velhos que vivem nos asilos, a partir dos temas do cotidiano e da territorialização. O novo contexto de vida e de trabalho das famílias brasileiras exigiu novas alternativas para o cuidado e moradia dos velhos, e uma dessas alternativas são os asilos, tanto públicos quanto privados, que surgiram para suprir esta demanda. Entretanto, é necessário compreender mais a fundo como ocorre a adaptação destes velhos nas instituições de acolhimento, no sentido de contribuir com uma melhor qualidade de vida para essas pessoas. Assim, o objetivo principal deste estudo é o de compreender como acontece o processo de territorialização dos moradores de um asilo da cidade de Maringá a partir de suas práticas cotidianas. O cotidiano é mais do que simplesmente os acontecimentos do dia a dia, o cotidiano acontece pelas práticas dos sujeitos ordinários, pessoas comuns que constroem o seu lugar no espaço em que estão inseridas (CERTEAU, 2012). E a territorialização é compreendida nesse estudo como a maneira pela qual as pessoas atribuem significados aos espaços em que estão imersos (TUAN, 1983; HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006; CLAVAL, 2007; HAESBART; LIMONAD 2007), uma vez que os velhos que vão para o asilo precisam territorializar um novo espaço. Foram utilizadas, para o alcance dos objetivos desta dissertação, as técnicas de observação participante e da história oral de vida. Os resultados mostram que, mesmo de forma quase invisível, os velhos moradores do asilo se utilizam de diversas práticas, tais como estratégias, táticas e conveniências para territorializar o espaço que habitam. As histórias de vida, por sua vez, mostram que as dificuldades ou não de se adaptarem ao asilo e o modo com que territorializam e simbolizam o espaço em que estão inseridos estão em um nível mais pessoal e íntimo de cada um do que com as atividades e práticas oferecidas pelo asilo. Por fim, concluo que não somente as práticas cotidianas atuais dos velhos estão relacionadas com as ações de territorialização, mas tudo o que já foi vivido por estes indivíduos no passado, seus costumes, suas tradições, e principalmente, o modo pelo qual lidaram anteriormente com suas perdas, suas mudanças e suas relações familiares, influenciam no processo de territorialização dos velhos no asilo.

Palavras-chave: Cotidiano. Territorialização. Asilos. Velhos.

ABSTRACT

This dissertation deals with the theme of the old people who live in the asylums using the themes of daily life and territoriality. The new context of Brazilian family life and work demanded new alternatives for the care and housing of the elderly. One of these alternatives is the public and private asylums that have emerged to meet this demand. However, it is necessary to understand more deeply how the adaptation of these old people occurs in the host institutions, in order to contribute to a better quality of life for these people. Thus, the main objective of this study is to understand the territorialization of the old people living in an asylum in the city of Maringá from the study of the daily life of these people. The everyday is more than simply the events of everyday life, everyday life happens through the practices of ordinary subjects, ordinary people who build their place in the space in which they are inserted (CERTEAU, 2012). And, territoriality is understood in this study as the way in which people attribute meanings to the spaces in which they are immersed (TUAN, 1983; HAESBAERT, PORTO-GONÇALVES, (2007), since the old people who go to the asylum need to territorialize a new space. Participant observation techniques and oral history of life were used to understand these elements. The techniques of participant observation and oral life history were used to achieve the objectives of this dissertation. The results show that, even in an almost invisible way, the old residents of the asylum use a variety of practices, such as: strategies, tactics and conveniences to territorialize the space they inhabit. Life histories, on the other hand, show that the difficulties of adapting to asylum and the way they territorialize and symbolize the space in which they are inserted are at a more personal and intimate level of each one than with the activities and practices offered by asylum. Finally, I conclude that not only the present day-old practices of the old are related to the actions of territorialization, but everything that has been lived by these individuals in the past, including their customs, their traditions, and above all, the way in which they dealt with their losses, their changes and their family relations, influence the process of territorialization of the old in the asylum.

Key words: Daily. Territorialization. Asylum. Elder.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dimensões que constituem o território.	31
Figura 2: Círculos da memória.	59
Figura 3: Formação da imagem pela memória	60
Figura 4: Mapa mental das práticas dos velhos.....	122

PREFÁCIO

Esta pesquisa surgiu a partir do meu interesse em compreender melhor as pessoas e o contexto em que se inserem. Apesar de essa primeira frase parecer um tanto quanto vaga, o meu interesse inicial dentro dos Estudos Organizacionais era simplesmente esse: tentar entender qualquer teoria, temática ou assunto que me trouxesse um entendimento melhor sobre a realidade. O estudo de comportamentos, ações e interações sociais sempre me atraiu. A partir da minha graduação em Engenharia de Produção, percebi que a continuidade dos meus estudos deveria focar nos estudos sobre as pessoas e a sociedade para que eu pudesse compreender o ambiente para além dos dados técnicos.

Enquanto cursava minha especialização em Engenharia de Produção Enxuta, percebi que conhecer e saber como aplicar teorias era apenas o primeiro passo para o bom trabalho do engenheiro. Porém, uma verdadeira transformação da realidade acontecia quando envolvia a melhora da qualidade de vida das pessoas, muitas vezes a partir das ideias e ações dos próprios sujeitos que tinham a oportunidade de serem ouvidos. E assim, surgiu meu interesse em ingressar no mestrado na Administração, que é uma vertente das Ciências Sociais Aplicadas, na busca de compreender melhor como as pessoas se comportam e interagem, e como essa compreensão pode ser integrada para trazer uma melhor qualidade de vida para as pessoas.

Apesar de existir a possibilidade de ir para uma linha mais parecida com a da minha formação da graduação, decidi-me pela linha de Estudos Organizacionais e Sociedade, que contém abordagens filosóficas, sociológicas e psicológicas no estudo das organizações, por acreditar que esta linha responderia aos meus anseios.

Iniciei minha trajetória nos estudos no mestrado da Administração com quase nenhuma bagagem teórica e insuficiente olhar crítico. Porém, acredito que o conhecimento, além de um desafio intelectual, é um divisor de águas em questões pessoais. Sinto-me como o homem do mito da caverna de Platão (1997), que sai da caverna e adquire um novo olhar sobre a sua existência, e que, uma vez que enxerga o mundo de uma forma que não estava habituado, não pode mais voltar ao seu estado anterior. Considero-me privilegiada por ter a oportunidade de poder enxergar mais uma maneira de compreender o contexto social.

Conforme o leitor já deve ter observado, esta dissertação apresenta a minha interpretação da realidade, ainda que seja um trabalho científico. Assim, para explicitar meu posicionamento tanto científico quanto político, e acreditar que nenhuma pesquisa é neutra,

decidi escrever em primeira pessoa. Minha intenção é deixar claro que o meu ponto de vista interfere na maneira como interpreto o mundo, observo meus sujeitos de pesquisa, componho este trabalho, analiso os dados, e formulo conclusões.

Penso que os nomes e conceitos determinam o posicionamento social das pessoas. Acredito que um termo, conceito, nome, rótulo, não só define o que é, mas tem a capacidade de tornar algo ou alguém o que se espera a partir da representação social deste termo. Assim, também é possível, a partir dos conceitos e rótulos que afloram nas entrevistas, analisar como a realidade que observo é definida pelos seus integrantes. Além disso, considero que a pesquisa social só pode ser compreendida pelo ponto de vista dos sujeitos de pesquisa que estão envolvidos nas atividades que estão sendo estudadas.

Por essa razão utilizo a palavra ‘velho’ e não ‘idoso’ já no título e por toda esta dissertação. Isso porque, a meu ver, a palavra ‘velho’ representa melhor a maneira pela qual os próprios indivíduos de pesquisa se rotulam. Tanto nas observações, conversas, quanto nas entrevistas, ouvi muitas vezes frases como: “sou só mais um velho”, e ainda, quando se referenciavam a si mesmos como idosos ou terceira idade, sempre foi em tom de deboche como: “agora somos terceira idade, a *melhor* idade”. Como se fosse uma ironia ser rotulado sobre os termos pelos quais não se reconhecem. Esclareço que, além das pesquisas que já discutiram sobre essa distinção (MOTTA, 1997; PEIXOTO, 1998; SILVA-SOBRINHO, 2007; SILVA, 2008; COLARES; SARAIVA, 2016), o termo ‘velho’ submergiu da própria percepção dos moradores do asilo e verifico que tem maior coerência em ser empregada desta pesquisa científica.

Explico mais adiante, em um capítulo particular em que trato sobre as questões da velhice, sobre a discussão teórica a respeito dos termos ‘idosos’ e ‘velhos’, bem como a utilização do termo ‘asilo’ e não outros termos que tentam suavizar ou tentar dar um novo sentido para a realidade do local no qual os velhos moram. Apesar de utilizar a palavra ‘velho’ e explicar o porquê, pessoalmente me sinto incomodada. Talvez isso se deva à minha criação, ao contato que tive com meus avós, e conseqüentemente, o respeito que tenho pela senilidade.

Confesso que no início da pesquisa, eu sabia muito pouco ou quase nada sobre a vivência do abandono de velhos. Tive o privilégio de conviver com meus avós desde a infância, como uma neta visitadora assídua de suas casas. Nas minhas lembranças, as casas eram sempre cheias de vida, gente e conversas. Por essa razão, sabia de antemão que certamente a realidade que vivenciaria nos asilos poderia ser muito divergente da minha realidade pessoal.

A respeito da escolha dos sujeitos de pesquisa, quando pensei em fazer esta pesquisa, pensei nos prós e contras de fazer com o leque de possibilidades de diversos grupos que poderiam ser pesquisados dentro da questão do cotidiano e da territorialização. Em um passeio de carro no sábado à noite, tentando explicar para alguns amigos os meus pequenos entendimentos a respeito de territorialização, tive um *insight* ao passarmos em frente a um asilo, foi quando percebi que poderia tentar escrever algo sobre o assunto.

Na tentativa de amadurecer essa ideia, percebi que poderia existir uma relação em que ambos os lados poderiam ganhar de alguma forma, já que eu precisava de pessoas que quisessem participar da pesquisa e os velhos nos asilos, como eu suponha e realmente o foi, precisam de pessoas que os ouça. Além disso, conviver com velhos sempre me foi natural, outro fator que considerei que poderia facilitar a minha inserção no campo como pesquisadora.

Outro ponto de interesse particular é que considero o outro como um universo a ser descoberto. Devido à singularidade da vida de cada indivíduo, época que viveu, geração que pertenceu, família que integrou, laços que construiu e extinguiu, cada pessoa apresenta uma realidade própria e pessoal a qual, quando acessada, torna possível conhecer e descobrir novas formas de enxergar o mundo.

Dentro desta pesquisa, busco compreender o mundo como ele é por meio do entendimento de sua natureza fundamental, e esta compreensão pode ser alcançada a partir da experiência subjetiva, ou seja, o mundo social é criado pelos indivíduos e acessado pela compreensão dessa subjetividade, por isso a importância de compreender a subjetividade através dos sujeitos pesquisados (BURRELL; MORGAN, 1979). Assim, espero ter podido enxergar o ambiente e os sujeitos de pesquisa com um novo olhar, o olhar das próprias pessoas sobre o mundo em que estão inseridas.

De ensinamentos, levo o escutar, primeiramente. Uma ação passiva, porém, rara em ser encontrada atualmente. Devo admitir que a confecção desta dissertação também foi um trabalho de reconstrução pessoal. Colocar as minhas impressões foi sendo facilitado à medida que eu ia me sensibilizando com as histórias de vida e criando laços com meus entrevistados. Isso foi necessário para que eu pudesse enfim ter a capacidade de inserir neste trabalho científico, o meu olhar, porém um olhar coerente e válido dentro da pesquisa científica qualitativa. Dar um pouco mais de mim, não no sentido prático, técnico e teórico, mas na questão pessoal e humana que a proposta desta pesquisa exige.

Por fim, sou grata pela oportunidade de realizar esta pesquisa de mestrado. As visitas ao asilo sempre me trouxeram uma sensação de bem estar muito grande. E esta pesquisa em si me trouxe uma grande satisfação pessoal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ALICERCE TEÓRICO: O COTIDIANO E A TERRITORIALIZAÇÃO	15
2.1 Cotidiano.....	15
2.1.1 Homem ordinário	17
2.1.2 Usos e consumos	19
2.1.3 Táticas e estratégias.....	21
2.1.4 Antidisciplina	23
2.1.5 Conveniência.....	24
2.1.6 Práticas cotidianas de Certeau.....	26
2.2 Cotidiano e territorialização.....	28
2.2.1 Perspectiva cultural da territorialização	32
2.2.2 Perspectiva política da territorialização	34
2.2.3 Perspectiva econômica da territorialização	36
3. VELHOS, VELHICE E ENVELHECER	39
3.1 Velhos	39
3.2 Velhice e envelhecer	42
3.3 Os asilos e seus moradores velhos	44
4. O ITINERÁRIO PERCORRIDO PARA TECER O PERCURSO METODOLÓGICO..	49
4.1 Tipo de pesquisa	49
4.2 Coleta de dados	51
4.2.1 Memórias e lembranças dos velhos.....	58
4.3 Análise dos dados	63
5. IMERSÃO NO CAMPO.....	67
5.1 Primeiros passos e primeiras impressões.....	67
5.2 O cotidiano observado e vivido	72
5.3 Entregas das entrevistas aos protagonistas	78
6. HISTÓRIAS DE VIDA DOS VELHOS.....	81
6.1 Joana	81
6.2 Raul.....	87
6.3 Joaquim.....	95

6.4	Ester	98
6.5	Carlos	101
6.6	Rafael	108
6.7	Cecília	111
7.	HISTÓRIAS DE VIDA, OBSERVAÇÕES E SUAS ANÁLISES À LUZ DO COTIDIANO E DA TERRITORIALIZAÇÃO	118
7.1	Antecedendo às práticas: ócio, alheamento e inutilidade	118
7.2	Percepções sobre as práticas cotidianas	121
7.2.1	Asilo	122
7.2.2	Velhos.....	123
7.2.3	Territorialização	125
7.3	As relações dos velhos entre si, com os outros e com o asilo.....	131
7.4	As práticas cotidianas e a relação com as memórias	136
7.5	Práticas cotidianas e relações traduzidas simbolicamente pelos moradores do asilo, ocasionando os processos de territorialização	139
8.	CONCLUSÕES.....	144
	REFERÊNCIAS	147
	ANEXO A.....	155
	ANEXO B.....	156
	ANEXO C.....	157

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço da pesquisa, tecnologia e saúde houve uma melhora na qualidade de vida das pessoas que puderam ter acesso a alguns tipos de benefícios como: vacinas, maior disponibilidade de alimentos, remédios, entre outros, e, com isso, houve um aumento expressivo da longevidade destas pessoas. Este fato é percebido pelo envelhecimento da população brasileira. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), em 2004 as pessoas com mais de 60 anos no Brasil representavam 9,7% da população e em 2014 chegaram a 13,7%, com uma tendência de continuidade deste aumento. Com as projeções de aumento populacional desta parcela da sociedade, alguns temas sobre os velhos têm ganhado destaque na área de pesquisa, pois algumas questões relativas às pessoas em idade mais avançada se tornaram pertinentes.

Uma das questões que vem sendo estudadas é a necessidade de existir mais asilos para comportar esta demanda, e a adaptação dos futuros moradores nestas instituições. Camarano e Kanso (2010) apontam que a legislação brasileira estabelece que o cuidado com os membros dependentes é de responsabilidade das famílias dos mesmos, mas devido às diversas mudanças atuais do contexto brasileiro, como a maior participação da mulher no mercado de trabalho e a redução do número de filhos, o cuidado que antes era realizado comumente pelas mulheres da família dos velhos, teve que ser atribuído a outras pessoas que não fossem membros da família ou ainda instituições especializadas.

Estas instituições têm caráter residencial com domicílio coletivo para pessoas com 60 anos ou mais, podem ser governamentais ou não, ter acompanhamento familiar ou não, e ainda, estes locais devem apresentar condições de liberdade, dignidade e cidadania para os seus moradores (ANVISA, 2005). Estas instituições devem promover a convivência entre todos os membros do local, criar incentivos para visita da família, manter o convívio de seus internos com pessoas de outras gerações, promover a integração em atividades da comunidade. Dessa forma, os velhos podem manter uma relação de convivência em diversos graus e com diversas pessoas, sentindo-se inseridos na sociedade de alguma maneira (ANVISA, 2005).

É visível a tentativa em adequar os asilos ao novo contexto social atual, através de normas e regulamentos para que estas instituições cumpram com as questões de saúde e moradia necessárias para os seus moradores atuais e futuros moradores, além das necessidades de relações interpessoais, com a fomentação de um maior convívio social.

Outra regulamentação de relevância dentro do mesmo assunto é o Estatuto do Idoso (2003), o qual, em formato de lei, define os direitos para cidadãos brasileiros maiores de 60 anos, legislando a favor do direito à vida, liberdade, respeito, dignidade, além de fatores como: alimentação, saúde, educação, cultura, esporte, lazer, trabalho, previdência social, assistência social, habitação, transporte, e proteções de âmbito legal para os velhos. Assim como a resolução da ANVISA (2005), o Estatuto do Idoso (2003) auxilia no constrangimento de algumas práticas nocivas relacionadas ao trato com os velhos e incentiva outras ações que são benéficas para o seu público alvo.

Para além da questão legal, outro aspecto a ser considerado dentro destas adequações é a tentativa de transformar a imagem sombria dos ‘asilos’ em agradáveis ‘Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI’S)’. Atualmente, as ILPI’s ainda são reconhecidas pelas pessoas como um local de descarte de velhos, o lugar no qual são depositados aqueles que não podem mais trabalhar e produzir, e assim, se tornam inúteis e um peso para as famílias, ou seja, consideram os asilos como abrigos para as pessoas aguardarem a chegada da morte (SILVA-SOBRINHO, 2007).

Ainda dentro destas mudanças, ou adequações na utilização de termos, cabe ressaltar que Silva-Sobrinho (2007) faz ainda uma diferenciação a respeito dos termos ‘idosos’ e ‘velhos’ que utilizarei ao longo desta pesquisa porque considero que o termo ‘velho’ é mais coerente com a percepção que os próprios sujeitos de pesquisa têm sobre si mesmos. Os discursos que apresentam a palavra ‘idosos’ relacionam-se a uma velhice com maior qualidade de vida, respeito, autonomia, enquanto o emprego da palavra ‘velhos’ remete a sentido de inútil, descartável, sem importância e abandonado (SILVA-SOBRINHO, 2007).

Trato os indivíduos desta pesquisa por ‘velhos’ porque o termo submergiu da própria pesquisa de maneira muito forte nas conversas informais realizadas durante a observação participante. Já nas primeiras visitas ao asilo, verifiquei que o entendimento da diferença entre os termos apresentadas por Silva-Sobrinho (2007) eram coerentes com a realidade que observava. A questão da liberdade e a autonomia nas decisões tomadas pelos velhos eram quase inexistentes. Ademais, a maioria dos velhos com os quais convivi no decorrer da pesquisa não se sentem úteis de forma alguma, o consentimento geral é o de que estão apenas esperando o tempo passar. Uma discussão mais aprofundada da utilização do termo ‘velho’ será realizada no capítulo que trato apenas sobre a velhice. Porém, adianto que os sujeitos de pesquisa deste estudo se sentem ‘velhos’.

Essa questão da maneira como os velhos se sentem é importante, pois impacta em sua adaptação nos asilos, ainda que o passado dessas pessoas também tenha uma grande

influência. Carvalho e Dias (2011), por exemplo, investigam as expectativas dos velhos institucionalizados em um asilo e seus dados mostram que o meio de onde os velhos vêm, bem como o motivo de sua internação, implica mais na sua adaptação do que a estrutura do asilo. Carvalho e Dias (2011) trazem ainda que as maiores interferências no processo de adaptação estão relacionadas ao contexto familiar, falta de autonomia, existência de doenças e limitações físicas. Ou seja, tanto o contexto familiar atual quanto do passado podem influenciar na adaptação, bem como o estado de integridade física e mental na qual os velhos se encontram.

No caso das condicionantes sociológicas na integração de velhos em asilos, sabe-se que quanto mais próxima for a cultura de origem da pessoa da cultura vigente, mais fácil se torna a adaptação desta pessoa, e no caso contrário, se essas culturas forem divergentes, torna-se mais difícil ou nem mesmo é possível a adaptação (MADEIRA, 1999). Nesses casos, existem duas possibilidades: trocar de asilo, caso haja o acompanhamento familiar, ou na pior hipótese, acostumar-se. Logo, a liberdade de escolha fica novamente prejudicada ou mesmo impossibilitada quando se trata da velhice.

Outros autores ainda tratam do tema dos velhos e sobre a adaptação deles nos asilos, trazendo contribuições relevantes sobre esta realidade. Marques e Sousa (2012) explicam que nos estágios mais avançados da vida, os velhos integram tradições, ligações familiares e sociais, e é dessa forma que encontram significados pessoais em suas relações. “A integridade do ego ganha ascendência na velhice à medida que o idoso se confronta com mudanças no papel social, vulnerabilidade física e perdas” (MARQUES; SOUSA, 2012, p. 207). Por isso manter a família dos velhos por perto ou mesmo manter vínculos com a comunidade em geral é de grande importância para a sua saúde mental e social.

A partir destes autores, compreendo que o contexto de vida dos velhos está relacionado à pré-disposição a se adaptar ao meio em que estão se inserindo, e não somente à estrutura do local em que serão internados, pois, conforme Carvalho e Dias (2011) a história de vida das pessoas tem uma grande relevância no processo de adaptação, bem como o motivo de seu internamento e o acompanhamento e a presença familiar.

Porém, em alguns casos, o asilo também pode ter sido o primeiro local no qual os moradores receberam algum tipo de cuidados, atenção e carinho. E assim, tornam-se gratos por terem um lugar para viver, conseguem se relacionar com os outros moradores e com os profissionais que atendem o asilo, criar vínculos e ter uma velhice digna (LOCATELLI; CAVEDON, 2014).

Mas como ocorre essa adaptação dos velhos nos asilos? Para esta pesquisa, supõe-se que aconteça no cotidiano, nas atividades realizadas pelos velhos, nas relações travadas com outras pessoas, tanto com cuidadores quanto com os outros moradores do asilo, nas escolhas que realizam dentro do ínfimo rol de possibilidades que estão disponíveis para estes indivíduos, tudo isso se funde com a adaptação destas pessoas ao espaço que ocupam.

Portanto, o estudo do cotidiano é primordial e leva a uma melhor compreensão da realidade das pessoas (CERTEAU, 2012). As realizações das atividades diárias que comumente não são levadas em consideração em estudos acadêmicos, mas que fazem parte da vida das pessoas, como por exemplo: morar, cozinhar, ler. Ou no caso dos velhos: caminhar, comer, conversar, entre outros, pode trazer grandes contribuições a respeito dos indivíduos e dos motivos pelos quais agem de determinada maneira e não de outra. Nesta pesquisa, parto do pressuposto de que a partir das práticas cotidianas os sujeitos territorializam o ambiente no qual estão inseridos.

Nem sempre a adaptação das pessoas no asilo ocorre de forma fácil e tranquila, principalmente nos asilos governamentais ou filantrópicos, que atendem pessoas carentes que foram obrigadas pelas circunstâncias a deixar sua moradia para ir morar nessas instituições. Entendo que mesmo quando os velhos se instalam nos asilos por vontade própria é necessário um tempo para que aconteça a sua adaptação. Esses velhos precisaram se adaptar a um local desconhecido, deixando para trás outros lugares nos quais construíram sua história de vida. Dessa forma, os vínculos emocionais, afetivos e simbólicos deverão ser reconstruídos novamente por essas pessoas no novo lugar que agora ocupam. Portanto, os velhos precisam territorializar o local onde vão viver, ou seja, aprender a conviver em um novo espaço, com outras pessoas desconhecidas, e a tornar o espaço que ocupam em um lugar que possam compreender como seu.

Neste trabalho compreendo a territorialização como o modo pelo qual as pessoas simbolizam os lugares que ocupam, visto que as pessoas investem significados simbólicos às coisas e ao espaço no qual se inserem e dessa maneira se identificam com o espaço e se apropriam dele, tornando-o seu território. Para esta dissertação, utilizarei as vertentes cultural, política e econômica para a compreensão da territorialização.

Claval (2007), que considera a ocupação dos espaços pelo indivíduo a partir da perspectiva cultural, afirma que o indivíduo cria raízes espaciais e sociológicas no lugar em que habita e este lugar se transforma em um nicho familiar, e, além disso, o indivíduo atribui significado a tudo o que está presente neste lugar, conforme o autor aponta: “As referências visuais identificáveis até o horizonte tornam-se essenciais e ganham um valor simbólico.”

(CLAVAL, 2007, p. 190). E a partir dessas representações simbólicas que o indivíduo investe no lugar, ele passa a se orientar e se sentir seguro no local.

Já Soja (1971) considera que a atividade humana está localizada dentro de espaços particulares e contextos específicos que irão interferir na política do espaço, e as ações resultantes desta política são tratadas como territorialidade. Portanto, o espaço é um local de embates sociais e políticos de seus membros.

Dentro deste mesmo assunto, de acordo com Raffestin (1993), todo o processo de relações que acontece dentro do espaço está permeado de relações de poder. Assim, esta pesquisa também se utiliza da perspectiva econômica da territorialização para compreender as relações, visto que o poder econômico tem a capacidade de influenciar nas relações e estabelecer o posicionamento social dos indivíduos. Entendo que, os indivíduos que possuem maior poder dentro das relações que acontecem no espaço, controlam e determinam as regras de acordo com seus interesses.

Dentro destes entendimentos do tema de territorialização é possível analisar como ocorrem as mudanças no espaço pelas próprias pessoas que estão fixadas nele. Isso pode ser verificado, por exemplo, com os velhos que são obrigados a sair de suas casas para viver nos asilos, onde precisam conviver com muitas outras pessoas desconhecidas, novos contextos e novas regras às quais não estão habituados, e assim, constroem o espaço que ocupam de acordo com as regras existentes e a dando sentido aos lugares e ações do dia a dia.

Com estes entendimentos, busco apreender como acontece a territorialização dos velhos nos asilos a partir da compreensão de suas relações e de suas atividades diárias. Para isso, elaborei a seguinte pergunta de pesquisa, que resume as minhas inquietações a cerca do assunto: **como acontece o processo de territorialização dos moradores de um asilo da cidade de Maringá a partir de suas práticas cotidianas?**

Para responder a questão de pesquisa, tracei os seguintes objetivos:

1. Descrever as práticas cotidianas dos moradores de um asilo da cidade de Maringá.
2. Identificar as relações que existem entre os próprios moradores e entre os moradores e o asilo no qual vivem.
3. Entender como estas práticas cotidianas e relações são traduzidas simbolicamente pelos moradores dos asilos, ocasionando os processos de territorialização.

Justifico este trabalho, primeiramente no âmbito teórico, pela compreensão tanto da territorialização quanto do cotidiano dos velhos. Os temas da territorialização e do cotidiano foram inseridos nos Estudos Organizacionais há pouco tempo, de modo que este trabalho vem a encorpar os estudos dentro desses dois temas. Além disso, o tema da territorialização,

compreendido pelo olhar do cotidiano, pode trazer uma nova ótica sobre o assunto, até então pouco trabalhado dentro da área da Administração, pois a compreensão do cotidiano dos sujeitos estudados permite a observação de detalhes do dia a dia que não são considerados nos estudos de territorialização.

Do mesmo modo, o cotidiano de Certeau (2012), tem sido utilizado nos Estudos Organizacionais em vista de compreender o comportamento do dia a dia dos sujeitos e as interações que acontecem entre os atores e as organizações. Conforme apresentado por Santos e Alcadipani (2010), a compreensão sobre as atividades humanas desempenhadas no cotidiano são tão importantes quanto a reprodução de teorias administrativas e organizacionais abstratas, apesar de raramente serem estudadas. Assim, este estudo também tem o interesse de focar nestas atividades cotidianas que são essenciais para a compreensão da sociedade.

Além disso, o tema do envelhecimento e suas consequências também foram pouco abordados dentro dos Estudos Organizacionais (LOCATELLI; FONTOURA, 2013). Tratar os velhos como sujeitos de pesquisa é outro fator que também justifica este trabalho, pois trata-se da utilização de um sujeito diferente do que é comumente trabalhados na Administração, os homens ordinários (CERTEAU, 2012), que compõem a maior parcela da sociedade. A área da Administração costuma trabalhar com grandes organizações e utilizar os gestores e empresários em seus estudos, focando em *cases* de sucesso. E, na contramão desta perspectiva, este trabalho tem como sujeito de pesquisa os velhos internados em asilo, um grupo que não está no poder ou em uma situação de sucesso, pelo contrário, um grupo marginalizado, mas que precisa ser estudado para uma melhor compreensão da realidade e da sociedade como um todo.

Outro ponto a ser ressaltado é que alguns estudos, dentro de algumas áreas da saúde como enfermagem e fisioterapia (BESSA; SILVA, 2008; CARVALHO; DIAS, 2011; ELBASAN ET AL., 2013; GUERRA; CALDAS, 2010; BISPO; LOPES, 2010), mostraram a relação entre a história de vida dos velhos e a maneira como ocorre a sua territorialização ou a adaptação dos velhos nos asilos, mas não explicam como ocorrem estes processos e, nesta pesquisa, pretende-se explicar este ponto a partir da compreensão das práticas cotidianas dos velhos.

Além disso, o estudo dos velhos se torna relevante pelo aumento do número de pessoas que alcançam uma maior longevidade no país. Portanto, é necessário conhecer mais profundamente as necessidades desta população e pensar em novas estratégias para atender a esta realidade. Amaro (2015) considera que existe uma situação paradoxal, na qual durante

séculos a humanidade buscou maneiras de prolongar a vida, e agora que conseguiu, compreende os aumentos com gastos na saúde, aumento de doenças crônicas em pessoas velhas, aumento de encargos do Estado com a Previdência Social e a alteração nas estruturas e relações familiares somente como problemas.

Espero também que esta pesquisa possa trazer benefícios práticos no futuro. Com a compreensão da maneira de territorializar o ambiente em que os velhos se inserem, esta pesquisa pode auxiliar na descoberta de melhores práticas para facilitar a adaptação das pessoas que chegam aos asilos. A nova territorialização dos velhos nem sempre ocorre de maneira fácil, comumente é bastante sofrido para o internado ou morador. Por essa razão, este trabalho deseja apresentar o processo de territorialização destas pessoas e, se possível, poder contribuir com alguma melhora no processo de territorialização dos mesmos.

2. ALICERCE TEÓRICO: O COTIDIANO E A TERRITORIALIZAÇÃO

A fim de explicar e discutir os fundamentos teóricos desta dissertação, abordo neste capítulo os temas do cotidiano e da territorialização, a partir dos autores que considero mais relevantes e que convergem com o olhar científico que quero despender para dar suporte a esta pesquisa.

É importante ressaltar que o estudo do cotidiano de Michel de Certeau tem sido utilizado em diversas áreas do conhecimento, devido a sua vasta aplicação, bem como, pelas áreas de estudos utilizadas pelo pesquisador. Michel de Certeau não se prendeu a uma só área do conhecimento (GIARD; MAYOL; CERTEAU, 2012), isso porque:

Em seus processos de formação e de trabalho, integrou diferentes disciplinas das Ciências Humanas e Sociais: História, Filosofia, Teologia, Antropologia, Sociologia, Psicanálise, Semiótica, entre outras. Ele não hesitava em avançar por entre diferentes campos, inventando o melhor percurso de investigação para abordar as questões com as quais queria/precisava trabalhar (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2017, p. 9).

É possível visualizar a pesquisa de Michel de Certeau em diversas pesquisas científicas, dentro de áreas como: ciências sociais aplicadas, ciência política, filosofia, sociologia, educação, entre outros. A partir desta pluralidade, torna-se possível compreender por diversos âmbitos o dia a dia dos indivíduos e as relações que acontecem dentro dele. Para iniciar as discussões relacionadas às teorias deste trabalho, apresento os conceitos de cotidiano empregados por Certeau (2012) e Certeau, Giard e Mayol (2012) que são utilizados ao longo desta pesquisa e correlaciono o cotidiano com as perspectivas da territorialização dentro dos âmbitos das perspectivas cultural, política e econômica.

2.1 Cotidiano

Para mim, o cotidiano remete à dinâmica da vida comum, na qual vivenciamos os acontecimentos, mas não nos atemos para analisá-los. De acordo com Guimarães (2002) a palavra 'cotidiano' vem do latim *cotidie* ou *cotidianus* e significa: todos os dias, o diário, o dia a dia, o comum, o habitual. Dessa maneira, o cotidiano é a consideração acerca da representação social do dia a dia pelas pessoas, dado que existem relações, regras e padrões que podem ser estudados dentro desta temática (GUIMARÃES, 2002).

O cotidiano já foi estudado por diversos autores, tais como: Agnes Heller, Henri Lefebvre e Michel de Certeau, que apresentam o tema de acordo com a suas visões epistemológicas (LEVIGARD; BARBOSA, 2010). Porém, nesta pesquisa utilizarei somente os conceitos de Certeau (2012) para a compreensão do cotidiano, pois este olhar converge com o que emprego nesta pesquisa, já que Certeau (2012) assume que o uso e a ocupação dos espaços acontecem no cotidiano pelas práticas de atividades diárias realizadas por homens ordinários. Além disso, compreendo que os sujeitos simbolizam os lugares que ocupam a partir de suas práticas cotidianas, territorializando o espaço em que estão inseridos.

A pesquisa de Michel de Certeau trouxe grandes contribuições ao distinguir o tratamento das práticas realizadas pelos indivíduos dos discursos que são escritos pela historiografia, conferindo importância os saberes ordinários, visto que têm grande confiança na inteligência do indivíduo e admite certa liberdade de este mesmo indivíduo poder praticar seu cotidiano (SALAMON, 2016). De acordo com Courpasson (2017), existe uma influência extraordinária nas ações ordinárias de nossas vidas, a vida acontece de maneira espontânea pelas circunstâncias que fazem parte do dia a dia, esses atos são não intencionais e constituem grande parte da nossa vida. Assim, a partir dos conceitos trazidos por Certeau (2012) é possível compreender melhor os meandros do cotidiano. Isso porque Michel de Certeau atribui importância aos saberes que são comumente negligenciados – o das práticas cotidianas, que é um saber cognitivo relevante para que o dia a dia das pessoas aconteça normalmente (CERTEAU, 2012).

Porém, estes conhecimentos, nem sempre reconhecem a si mesmos como tal, nem mesmo os próprios praticantes o consideram como um saber de conteúdo relevante a ser descrito ou merecer atenção, e, dessa forma, não se apropriam e nem reivindicam os direitos dele (CERTEAU, 2012). Por fim, cada conhecimento “fica circulando entre a consciência dos praticantes e a reflexão dos não praticantes, sem pertencer a nenhum. Trata-se de um saber anônimo e referencial, uma condição de possibilidade das práticas técnicas ou eruditas” (CERTEAU, 2012, p. 134).

Destarte, esse saber ganha um sentido lógico ao ser estudado e compreendido. O estudo da vida cotidiana pode ser um instrumento importante para analisar as pressões sobre as populações e assim compreender de modo mais amplo as relações entre os indivíduos e coletivos com o ambiente que se inserem (LEVIGARD; BARBOSA, 2010). O cotidiano designa aspectos alienantes da vida humana, como: a natureza repetitiva do trabalho, a fadiga e a frustração, mas também, o desenvolvimento do inesperado, do potencial criativo que cada ser humano tem em si mesmo (COURPASSON, 2017). Ortega (2016) defende o uso da

pesquisa certauniana como uma possível resposta para o pensamento da época atual tecnocrata, que envolve soluções racionais sem se importar com aspectos humanos e sociais, e presentista, que valoriza o presente sem se importar com o passado e futuro.

Dentro deste assunto, questiono-me sobre o quanto de conhecimento deste saber, ao que poucos atribuem importância nesta época, que cabem na vida de um velho, que já viveu quase toda quantidade de vida que lhe fora aquiescida. Acredito que existe uma sapiência a respeito da “escola da vida”, aquela que ensina pelos obstáculos superados com astúcia e pela valorização das satisfações que tornam a vida passível de ser vivida. Neste ponto singelo, porém essencial, está o interesse de Michel de Certeau. Ressalto que o interesse desta pesquisa não é o de romantizar o conhecimento senil, mas levantar a discussão acerca da importância destes conhecimentos ordinários.

Ortega (2016) ressalta três pontos que são essenciais para compreender a maneira de investigar o cotidiano certauniano: o primeiro é a preocupação com os lugares e modos de produção do saber; o segundo é a arte de fazer, os consumos ordinários e o modo como resistem e se desvencilham dos poderes hegemônicos, e por fim, a reflexão a respeito da alteridade e do lugar na sociedade do homem ordinário.

Em sua pesquisa sobre o cotidiano, Michel de Certeau pretendeu buscar um esboço sobre a teoria das práticas cotidianas para poder extrair daí as maneiras de fazer, ou seja, compreender o modo como as pessoas realizam as atividades do dia a dia (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2012). E, para obter uma melhor compreensão do cotidiano, Certeau (2012) utiliza em suas pesquisas alguns conceitos como: o homem ordinário, usos e consumos, táticas e estratégias, antidisciplina e conveniência, e práticas cotidianas, que são aprofundados nos tópicos subsequentes.

2.1.1 Homem ordinário

Diante do exposto até agora, cabe questionar: quem realiza, participa e constrói o cotidiano? Para Certeau (2012), este agente é o homem ordinário, aquele que é o construtor de uma sabedoria popular, quando realiza suas práticas cotidianamente. Na visão de Certeau (2012), o homem ordinário, apesar de não possuir certos conhecimentos eruditos, tem o conhecimento da realização de práticas e produção e manutenção do senso comum.

Do mesmo modo, conforme ressalta Martins (1998, p. 2), “o novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também

o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais”. O homem comum é, portanto, o protagonista da vida real, em seus saberes e fazeres cotidianos que transformam os espaços.

Assim, o homem ordinário tem conquistado um maior enfoque nas discussões acerca da possibilidade de realizar ações que transformam a vida comum, e, em certa medida, a sociedade. A sociologia da vida cotidiana surge como uma crítica da teoria macroeconômica que trata os atores como uma massa, no intuito de analisar o indivíduo como único (COURPASSON, 2017). Essa é a forma de pensar de Certeau (2012), o qual enxerga este homem ordinário por aspectos desconsiderados por Freud (1930) e Foucault (2012), autores que utilizou como suporte para realizar sua pesquisa, e inova ao reflexionar a respeito da capacidade de agência do homem comum. De acordo com Salamon (2016), Michel de Certeau atribui autonomia, independência e grande saber pessoal e político aos homens ordinários. Porém, conforme ressaltam Ferraço, Soares e Alves (2017), este homem ordinário ainda permanece um mistério.

Em Certeau, o Outro com o qual permanentemente se defrontava era, em potência, o mistério, a estranheza e a permanente surpresa, portanto, o imprevisível, no encontro com o qual poderia se estabelecer a crise do crível, ou seja, a quebra dos padrões habituais de referências, valores, pensamentos e ações (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2017, p. 9).

Freud (1930) considera *der gemeine Mann* (o homem comum, o homem ordinário) como uma população com destino comum, como sujeitos que realizam as suas práticas, e são ludibriados, frustrados, forçados ao trabalho, considera também que o homem ordinário tem um pensamento infantil, com dificuldade de superar uma visão da vida imposta pela sociedade, não possui conhecimentos nem de ciência nem de arte. E Foucault (2012), por sua vez, considera que as pessoas agem de acordo com a maneira pela qual foram disciplinadas, ou seja, para Foucault (2012), o homem ordinário não tem capacidade de agência (DEY; TEASDALE, 2015). Certeau (2012), no entanto, enxerga este homem ordinário com a capacidade de ludibriar os sistemas nos quais está inserido e as regras que lhe são impostas. Isso quer dizer que “[...] nasceu de uma interrogação sobre as *operações dos usuários*, supostamente entregues à passividade e à disciplina” (CERTÉAU, 2012, p. 37), e que enfim começaram a ser estudadas.

Assim, o homem ordinário, considerado um ponto inerte na sociedade, ganha notoriedade pelos seus afazeres diários e sua capacidade de influir nas pequenas coisas. Para Certeau (2012, p. 61) “o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário *se torna* o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu

desenvolvimento”. Dessa maneira, o homem ordinário tem a possibilidade de construir a cultura e não ser somente expectador dos eruditos que julgam que a produz. Essa construção acontece nas práticas banais, e podem ocorrer sem que o próprio homem tenha a compreensibilidade de suas ações, por estar tão imerso em seu lugar e acreditar que suas ações são insignificantes, mas ainda assim, vale ressaltar que estas ações têm a sua importância.

Neste estudo atribuo importância a essa gente que nunca esteve nos holofotes da academia, mas que se tornam os sujeitos principais desta pesquisa. Ironicamente, conforme ressalta Certeau (2012, p. 57): “Assim, na aurora da modernidade, no século XVI, o homem ordinário aparece como as insígnias de uma desventura geral que ele transmuda em derrisão”. Isso porque, descobriu-se que estas pessoas comuns têm algum tipo de liberdade que pode influir no campo do dominante e isso é possível porque o homem ordinário possui criatividade, inventividade e assim podem gerar táticas dentro das estruturas (DEY; TEASDALE, 2015).

Michel de Certeau conheceu, além das desigualdades e explorações do homem ordinário, “o poder de resistências, de negociações, de hibridizações e de invenções engendradas com as práticas culturais cotidianas” (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2017, p. 11). Assim, nesta pesquisa, delego atenção aos velhos que vivem em asilos, a quem me refiro como homens ordinários, e enfatizo que são essenciais para este estudo na busca de verificar as práticas cotidianas dos mesmos.

2.1.2 Usos e consumos

Souza Filho (2002) verifica que, para Michel de Certeau, quando o homem comum se apropria do espaço social e de seus produtos, ele também invade as estruturas do sistema, com a possibilidade de modificá-la, ressignificá-la e até deturpá-la de sua função original. Por essa razão, compreender os consumos do homem ordinário é um ponto de fundamental importância para o entendimento da dinâmica do cotidiano dos sujeitos e também da sociedade.

Acredito que os indivíduos que não têm poder sobre as normas e regras dominantes, têm ainda alguma liberdade para realizar certas ações, apesar de viverem dentro destas normas e regras pré-estabelecidas. Pois, a partir de Certeau (2012), verifico que o homem ordinário tem a possibilidade de fazer usos e consumir os produtos e os espaços, e a forma

criativa e inventiva que estes sujeitos encontram aberturas para agir dentro das estruturas, são as suas maneiras de poder empreender.

Para compreender o cotidiano a partir da lógica de Michel de Certeau é necessário penetrar na lógica do praticante e do consumidor, uma vez que o consumo, por mínimo que seja, contém uma maneira de pensar (ORTEGA, 2016).

Uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 2012, p. 39).

Isso significa que para compreender o cotidiano é preciso levar em consideração as maneiras de uso e consumo dos produtos e espaços pela ótica do consumidor, de modo a analisar os procedimentos populares e as maneiras de empregar os produtos pelas práticas dos usuários, ao invés de analisar pelo viés de quem oferece o produto ou espaço (CERTEAU, 2012). Por conseguinte, é possível entender um pouco mais sobre o porquê das ações dos indivíduos, uma vez que os consumidores têm motivos para agir da forma como operam em suas atividades cotidianas.

Exemplos disso podem ser encontrados no estudo de Honorato (2014), que apresenta a subversão nas cidades a partir das práticas sociais dos moradores de rua da cidade de Belo Horizonte. Honorato (2014) verifica que, mesmo utilizando algum auxílio assistencial, os moradores de rua encontram brechas no uso dos auxílios oferecidos, no intuito de utilizar estes serviços a seu favor. Isso é percebido quando os moradores de rua se submetem ao albergue apenas em dias de frio e se negam a ir para o albergue nos outros dias. Assim, estes indivíduos consomem o que lhes é oferecido de maneira desconforme com a proposta pelo agente dominante, que é a de deixar as ruas “livres” da presença “incômoda” dessas pessoas, melhorando a paisagem do espaço público.

Essa subversão, encontrada no estudo de Honorato (2014) é explicada pela necessidade dos moradores de rua em se sentirem livres, ou ainda, pela necessidade de utilizar álcool e drogas, aspectos que o sistema não considera ou não permite. Dessa forma, os moradores de rua encontram fissuras no sistema para conseguirem sobreviver, usufruir o que lhes é oferecido e manterem sua liberdade. Logo, esta é a maneira que usam e consomem o que lhes é oferecido de tal forma que podem adequar as suas necessidades ao que tem disponível.

Outro exemplo é trazido na pesquisa de Courpasson (2017), que aponta que a longa jornada de trabalho dos indivíduos dentro do espaço de trabalho, faz com que eles tenham a sensação de que o espaço do trabalho os pertence, de forma que este espaço é ressignificado como uma extensão da casa deles. Assim, os trabalhadores utilizam o local de trabalho e os objetos que estão presentes nele como se realmente os pertencesse, consomem o espaço e o que está presente nele em benefício próprio, como levar uma caneta para casa ou imprimir documentos pessoais dentro da empresa (COURSPASSON, 2017).

Ressalto que, de acordo com Certeau (2012, p. 41), existe uma lógica por trás das “operações multiformes e fragmentárias, relativas a ocasiões e a detalhes, insinuadas e escondidas nos aparelhos das quais elas são os modos de usar, e, portanto, desprovidas de ideologias ou de instituições próprias, obedecem a regras”. Logo, existe uma formalidade nestas práticas cotidianas que podem ser compreendidas e decifradas com a análise dos usos e consumos do homem ordinário.

Assumo para esta pesquisa que os velhos são consumidores do asilo, tanto do espaço quanto de todas as atividades, suprimentos e tudo mais que lhes é oferecido, e que os usos e consumos podem ocorrer de maneira conforme ou não conforme a proposta inicial do asilo.

2.1.3 Táticas e estratégias

A maneira pela qual os agentes podem praticar as suas ações são denominadas por Certeau (2012) de estratégias e táticas:

Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* a ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.) (CERTEAU, 2012, p. 93).

A estratégia ocorre quando o próprio tem querer e poder (CERTEAU, 2012), isso significa que a estratégia é realizada pelo dominante, o agente que aspira por algo e tem a força de dominação do espaço para que esta aspiração seja implementada. Portanto, a estratégia ocorre quando o sujeito está em seu ambiente, em uma condição favorável e em posição privilegiada. Dessa forma, seu desejo tem o respaldo do poder de dominação do espaço em que está inserido, para acontecer.

As estratégias são tratadas por Certeau (2012) como as ações que os dominantes do campo tomam em seu próprio local de poder, portanto, em um lugar que já tem vantagem e influência. Ao contrário disso, as táticas, são as ações da parte fraca, que encontra brechas dentro das estratégias e assim, tira proveito do espaço e das ações do forte.

Portanto, a tática ocorre quando a pessoa está no ambiente de domínio de outra pessoa, que não o seu (CERTEAU, 2012). “Denomino, ao contrário, ‘tática’ um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível” (CERTEAU, 2012, p. 45). Tal qual uma brecha descoberta para a ação em momento apropriado de quem não tem o poder, mas consegue agir em seu favor, mesmo dentro do campo do dominante, obtendo vantagem.

Certeau (2012) considera que a atividade habitual da vida cotidiana do homem ordinário contém elementos de táticas e estratégias:

Meu trabalho não visa diretamente à constituição de uma semiótica. Consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no ponto de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro [...] (CERTEAU, 2012, p. 97).

Dessa maneira, as táticas e estratégias formam uma política da vida cotidiana, na qual o fraco procura maneiras de tirar proveito do forte, enquanto o forte delimita as estratégias no ambiente ao qual todos pertencem. “[...] uma *historicidade* social na qual os sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos, mas como *instrumentos manipuláveis por usuários*” (CERTEAU, 2012, p. 78).

Para facilitar a compreensão desse tópico, trago como exemplo o estudo de Assunção e Mendonça (2016) que apresentam a ‘gambiarra’, que é “uma prática de improviso, de reapropriação de algum recurso material disponível que o transforma e adequa a uma necessidade específica” (ASSUNÇÃO; MENDONÇA, 2016, p. 93), como uma tática. Na visão dos autores, apesar da trivialidade da gambiarra, este processo está inserido nas práticas cotidianas e apresentam um potencial estético e até mesmo político. Isso porque “a gambiarra permite a manifestação da singularidade individual (e da pluralidade humana) em um mundo partilhado” (ASSUNÇÃO; MENDONÇA, 2016, p. 112), além de nos ajudar “a entender o modo como sujeitos continuam a agir, criativamente, na reinvenção política do mundo que partilham” (ASSUNÇÃO; MENDONÇA, 2016, p. 113).

Logo, apesar das cidades e edificações terem sido planejadas e pensadas para funcionarem de uma maneira específica, durante a apropriação dos espaços emergem táticas de acordo com a prática dos sujeitos (ASSUNÇÃO; MENDONÇA, 2016). Da mesma forma, Beal (2015) aponta que os governos, corporações e instituições definem o ambiente e impõem suas estratégias, no caso das cidades com a disposição de ruas, linhas de metrô, mas os cidadãos podem driblar essas estratégias, por exemplo, desviando destes traçados por um atalho pela grama do parque, no intuito de trazer algum benefício para si, por exemplo, encurtar o caminho.

Portanto, fica claro que os homens ordinários tem a capacidade de influenciar nas estratégias dos dominantes quando encontram brechas nas estruturas, e assim, subvertem o sistema a seu favor.

2.1.4 Antidisciplina

Os usos dos espaços e o consumo dos mesmos são realizados de acordo com as ações que os próprios usuários tomam de acordo com as posições que ocupam, em outras palavras, os fortes criam estratégias para o uso dos espaços e os fracos consomem o lugar seguindo as regras impostas pelo forte. As ações que tomam dentro deste espaço podem ser coerentes com o esperado, ou ainda, estes indivíduos podem subverter as regras a seu favor, a esta subversão Certeau (2012) denomina outro conceito que ocorre no cotidiano – a antidisciplina.

Compreendo, a partir de Certeau (2012) que a antidisciplina está relacionada com as táticas e os usos e consumos, uma vez que a antidisciplina é uma maneira de subverter com a ordem dominante, portanto, usos, consumos que acontecem de forma divergente da proposta pelo dominante, logo, são táticas dentro da estratégia do dominante.

A antidisciplina está relacionada à alteração de regras em benefício próprio. É importante ressaltar que este conceito é diferente do conceito da resistência, que age como uma força contrária às regras. A antidisciplina se utiliza das brechas dentro das estruturas para utilizá-las em proveito próprio, diferente do que fora idealizado pela norma. Por exemplo, o velho se recusar a tomar um remédio seria compreendido como resistência, enquanto, o velho fingir que não tomou o remédio para receber uma dose extra dos remédios seria uma antidisciplina. Ou seja, na antidisciplina a regra dominante continua a existir, porém os indivíduos atuam no intuito de receber alguma vantagem, ou ao menos, atuar de acordo com

suas vontades dentro de uma pequena liberdade que encontram nas fissuras da estrutura dominante.

Leite (2010) apresenta que o entendimento de como ocorre a antidisciplina sobre as regras sociais de acordo com as práticas dos sujeitos também é tema de interesse do estudo do cotidiano, e que pode trazer uma maior compreensão acerca das táticas e das práticas, posto que o homem ordinário encontra uma oportunidade para agir conforme o seu interesse.

Mil maneiras de *jogar/desfazer o jogo do outro*, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que ‘fazer com’. Nessas estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor. Destreza tática e alegria de uma tecnicidade (CERTEAU, 2012, p. 74).

Portanto, o homem ordinário tem a possibilidade de encontrar fissuras na estrutura que podem ser utilizadas a seu favor. Porém, além da astúcia e sagacidade do fraco, o homem ordinário, muitas vezes está preso em um sistema de regras e leis não escritas, e que nem mesmo se dão conta, simplesmente agem de acordo com a ela, falo da conveniência (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2012).

2.1.5 Conveniência

De acordo com Certeau, Giard e Mayol (2012), as ações dos indivíduos acontecem dentro de determinadas normas, que não são descritas, mas que são entendidas por todos os viventes de uma localidade de forma consensual, e, tratam a respeito das maneiras como todos os indivíduos devem agir dentro da localidade que é tida como um espaço social comum. E conforme a conveniência, os agentes realizam e demonstram ações que são o que os outros indivíduos, ocupantes do mesmo espaço, esperam que ocorram.

Certeau, Giard e Mayol (2012) consideram a conveniência como repressões minúsculas, ou seja, regras que são tratadas como lei a fim de reprimir o que “não convém”, filtrando comportamentos e banindo os que são contrários a estas sanções não escritas. De forma que os sujeitos precisam agir sobre uma ordem imposta e, não raro opressiva. Esta mesma ordem, com suas regras e determinações, ficam alheias ao questionamento da maioria dos sujeitos que estão imersos nela, e que continuam agindo conforme o ambiente lhes impõe. Não raro, os sujeitos nem mesmo têm consciência a respeito destas sanções.

Exemplos destas conveniências podem ser verificados nas relações com os vizinhos, como: não fazer barulho até muito tarde para não incomodar, vestir-se adequadamente para o passeio no bairro, saber a maneira adequada de cumprimentar cada indivíduo, conversar somente o essencial, entre tantas outras regras que variam de bairro para bairro. De modo geral, resume-se a não causar incômodo ao outro. Assim, além do agir, a conveniência também versa sobre o não-agir de maneira não conforme ao esperado. Ou seja, sutilmente, determina o que deve ou não ser feito pelas pessoas, até mesmo ações simples como um passeio.

Pois, ao caminhar pelas ruas, as pessoas praticam o espaço, algumas vezes privilegiando alguns lugares de acordo com a sua preferência pessoal e até mesmo evitando outros lugares que não lhe convêm (CERTEAU, 2012). Um exemplo disso é verificado em Certeau, Giard e Mayol (2012) que perceberam em seus estudos no bairro *Croix-Rouisse* que a mercearia de Robert era privilegiada em relação à mercearia da Germaine, pelo fato da mercearia de Robert ser frequentada pela maioria das pessoas do bairro e ser considerada ‘um ambiente mais familiar’ em relação a mercearia de Germaine.

Ainda nos estudos de Certeau, Giard e Mayol (2012) sobre a mercearia de Robert, percebeu-se que os moradores do bairro compravam vinho, na medida em que fosse conveniente, sem extrapolar os limites considerados saudáveis para cada pessoa. Pois, comprar na mercearia, significava deixar as compras expostas para que todos os que estavam no estabelecimento, ou mesmo Robert, soubessem sobre a intimidade da família, ou seja, o quanto comem, bebem, o que comem e bebem. Dessa forma, os moradores compreendiam quais eram as regras sociais implícitas estabelecidas no bairro e agiam em conformidade com elas. Sentiam-se coibidos em comprar mais álcool, por exemplo, pela vergonha ou mesmo medo de repreensão, ainda que esta fosse sutil.

Ou seja, a maneira pela qual o local fora simbolizado pelas pessoas, também pode ter influências a respeito do funcionamento ou mesmo da conveniência de pertencer ou frequentar determinados lugares ou não.

Outra forma de conveniência é apresentada no estudo de Mees (2015), o qual apresenta as novas formas de turismo que surgiram nos últimos anos no Morro do Alemão, no Rio de Janeiro. Mees (2015) verificou que os visitantes só realizam as rotas que foram desenhadas pelas agências de turismo no intuito de desviar de lugares que são tidos como proibidos ou muito perigosos. Ou seja, da mesma forma que é conveniente criar rotas de turismo dentro do Morro do Alemão porque existe um público que quer ver como é a realidade do local, e, portanto, torna-se um empreendimento convenientemente lucrativo,

também é imprescindivelmente conveniente caminhar apenas dentro de certos limites para assegurar a segurança dos turistas.

A análise da conveniência perpassa pelo entendimento das sutilezas. Além das repreensões minúsculas, vale lembrar que Certeau, Giard e Mayol (2012) consideram que os sujeitos, ou um grupo de sujeitos, praticam o cotidiano levando em consideração as regras do espaço também no intuito de receber alguma vantagem.

Esses benefícios podem estar interligados com o próprio relacionamento dos indivíduos que estão no mesmo espaço, por exemplo, tentar ao máximo não incomodar os vizinhos para manter uma boa relação com os mesmos e assim adquirir uma boa moral no ambiente social em que está inserido. Portanto, os sujeitos praticam a conveniência em busca de algum benefício em troca. Abordo essa questão de práticas no tópico a seguir.

2.1.6 Práticas cotidianas de Certeau

As práticas cotidianas são entendidas por Certeau (2012) como as operações, práticas ou maneiras de fazer dos usuários. Ou seja, toda e qualquer atividade que o indivíduo exerça em suas atividades rotineiras, como: cozinhar, ler, estudar, caminhar, comprar, entre tantas outras. Exercer estas atividades é o que faz com que o cotidiano aconteça, pois, para Certeau (2012), o cotidiano é construído a partir destas práticas.

Os conceitos apresentados nos tópicos anteriormente se relacionam com a prática, pois, os usos e consumos, as táticas, a antidisciplina e as conveniências são visualizadas através das maneiras de praticar o cotidiano, uma vez que os indivíduos encontram formas de se desvencilhar das estratégias dominantes pelas brechas encontradas nas estruturas ou ainda meios de mostrar a sua originalidade e individualidade.

Com a realização das práticas os sujeitos se tornam usuários e ao mesmo tempo produtores, logo, pela forma de consumir, acabam ‘fabricando’ a própria produção do consumo. Em outras palavras, a partir do momento que as pessoas usam determinado lugar, ou frequentam, elas retroalimentam o simbolismo do lugar a partir das ações que realizam, já que existe a tendência de agir pela conveniência, acabam por manter o comportamento que se espera deste lugar.

A denominação de prática de consumo é utilizada por Certeau (2012), não somente para a compra de itens em si, mas também sobre consumo do espaço. Isso significa que pela apropriação e utilização do espaço as pessoas consomem e fazem parte dos espaços que

ocupam. De forma que os próprios praticantes constroem seu cotidiano a partir do modo como realizam atividades de morar, caminhar, passear, e assim, territorializar.

Um exemplo disso é trazido na pesquisa de Vilas Boas (2017) que verifica que os migrantes mantêm algumas práticas que realizavam no seu local de origem, tal como a tentativa de manter os mesmos hábitos alimentares quando estão em uma nova localidade, no intuito de tornar o novo lugar um pouco mais próximo da realidade a qual estavam habituados. Logo, buscam praticar o novo lugar da mesma maneira que praticavam em sua região de origem. E ainda que não encontrem os mesmos ingredientes ou utensílios, se adequam para que o novo lugar se pareça ao máximo com o que eram acostumados.

As práticas geram o consumo pela maneira cultural destes sujeitos em operar as atividades, ocupações e funções. A partir da significação cultural da atividade do homem ordinário, este pratica o cotidiano nos processos realizados no seu dia a dia. “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2012, p. 41). Portanto, além da utilização dos espaços, outro assunto importante a ser abordado dentro das práticas cotidianas é a dos saberes dos homens ordinários que são utilizados e que estão embutidos nos lugares que eles ocupam. Trata-se de um tipo de conhecimento necessário para que ocorram as práticas.

De acordo com Certeau (2012, p. 134) este saber ordinário “trata-se de um *saber não sabido*. Há, nas práticas, um estatuto análogo àquele que se atribui às fábulas ou aos mitos, como os dizeres de conhecimentos que não se conhecem a si mesmos”. Isso quer dizer que estes saberes estão tão imbricados na banalidade que talvez não tenham a capacidade de poder ser exprimido em palavras ou nem mesmo são reconhecidos conscientemente pelas pessoas que os praticam como conhecimentos.

Ademais, os saberes são construídos de acordo com as ações dos sujeitos dentro das estruturas que os cercam. Isso ocorre pelo fato de que, em alguns casos, os sujeitos praticam as suas atividades no intuito de que os recursos existentes do ambiente se adequem ao que os indivíduos esperam da sua realidade. As “práticas fazem com que os objetos cotidianos atendam a desejos ou necessidades individuais, adaptando, assim, os códigos dominantes” (BEAL, 2015, p. 66).

Portanto, o homem ordinário tem certa liberdade para agir dentro das estruturas de acordo com a sua vontade, necessidade ou cultura, ainda que não tenha a consciência destas ações. Dessa maneira, agindo naturalmente pode transformar o meio que está inserido pelas práticas que realizam.

Após todo o exposto, dentro do estudo do cotidiano, busco enxergar a maneira na qual os velhos consomem e produzem o espaço dos asilos verificando suas práticas cotidianas. Pois, acredito que existe uma lógica nas práticas dos usuários que passam despercebidas no decorrer do dia a dia destas pessoas e que são essenciais para a compreensão da realidade dos mesmos. Para uma maior compreensão, abordo o tema da territorialização.

2.2 Cotidiano e territorialização

Tomo por pressuposto, para esta pesquisa, que a territorialização acontece pelas ações e práticas cotidianas que os indivíduos realizam dentro dos espaços, no que se refere a uma perspectiva simbólica de apropriação. Considero também que a territorialização acontece pela perspectiva material na apropriação do espaço com seus elementos físicos. De acordo com Saquet (2013a), a territorialização ocorre pelos acontecimentos do cotidiano: “vemos, percebemos, concebemos e construímos dinamizando o território a partir das territorialidades cotidianas” (SAQUET, 2013a, p. 113, tradução minha).

Esta visão converge com a concebida por Leite (2010, p. 747), o qual assume que “a noção de cotidiano como *práticas*, em Certeau, portanto, permite que se analise formas distintas de apropriação do espaço, a formação de lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana”. Assim, utilizo-me de Certeau (2012) para analisar como se dá a territorialização de um espaço a partir das práticas cotidianas dos indivíduos que habitam estes espaços.

Para Certeau (2012) o espaço é construído a partir das atividades e práticas que os indivíduos operam. “O espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidades polivalentes de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2012, p. 184). Assim, a compreensão do cotidiano perpassa pelo estudo das práticas que são realizadas no espaço, uma vez que os indivíduos, não só têm a possibilidade de atuar no espaço em que vivem, como agem interferindo por imprimir suas características no território; mesmo que o façam despercebidamente. Isso acontece porque, de acordo com Saquet (2013a), os processos históricos e multidimensionais da nossa vida cotidiana contêm relações de poder, identidade, redes e natureza, de forma que cada indivíduo entende suas necessidades de forma distinta uns dos outros e buscam satisfazê-la de alguma forma e isso acontece em qualquer espaço em que estejam inseridos.

Vale ressaltar que o homem comum tem a capacidade de alterar o espaço no qual está inserido com usos alternativos e reapropriações a fim de adequar o espaço às suas necessidades, que foram negligenciadas pelos dominantes, e assim, criar regras para o espaço, ou mesmo novas estratégias (DEMIRLI et al., 2015).

Ademais, é possível verificar a territorialização em todas as atividades diárias. Saquet (2013b) assume que as ações do dia a dia concretizam a territorialidade, de forma que a territorialização está relacionada ao cotidiano e suas atividades. Estas atividades podem ser visualizadas “no espaço do trabalho, do lazer, na família, resultado e condição do processo de construção de cada território envolvendo, necessariamente, relações sociedade-natureza, fundamentais para a reprodução biológica e social do homem” (SAQUET, 2013b, p. 41).

Nesse interim, compreendo a partir de Saquet (2013b), a territorialização como uma necessidade fundamental do indivíduo, tanto para se sentir seguro no espaço que se insere, quanto para promover e perpetuar a si e às suas tradições. Ainda que esta territorialização ocorra de forma inconsciente, apenas pela cotidianidade de suas ações, os indivíduos imprimem suas expectativas e vontades em cada ação realizada.

Na concepção de Certeau (2012) o lugar antecede o espaço, diferentemente de Raffestin (2012) e Tuan (1983), que consideram que o entendimento do espaço pelos indivíduos antecede o de lugar. Ou seja, para Raffestin (2012) e Tuan (1983), o espaço é transformado em lugar na medida em que adquire significado simbólico pelos seus ocupantes, enquanto Certeau (2012) considera que o espaço é delimitado à medida que os indivíduos compreendem o lugar que ocupam e se apropriam do mesmo. De acordo com Mendes e Cavedon (2013), Michel de Certeau considera a rua como um espaço, por ser geometricamente delimitada, e a movimentação que os indivíduos praticam nesta rua é produtora do espaço.

Dentro dos Estudos Organizacionais, a territorialização vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas, uma vez que o espaço organizacional contém relações de poder instaurada entre os atores (MENDES; CAVEDON, 2013). É possível estudar o espaço organizacional como um espaço simbólico, uma vez que possuem “uma cultura particular que alimenta a configuração espacial e a identidade organizacional, sendo assim, o espaço possibilita a construção de significados” (MENDES; CAVEDON, 2013, p. 113). Porém, a territorialização é um conceito que advém da Geografia, e assim, para compreender melhor este conceito, utilizo-me de autores desta área que são indispensáveis para explicitar o termo, e por fim, poder utilizá-lo com propriedade nesta pesquisa.

Antes de adentrar na discussão dos autores sobre as perspectivas da territorialização, acredito que seja importante tecer algumas considerações sobre os conceitos de espaço, lugar, território, territorialidade e territorialização.

Para Raffestin (2012) o conceito de espaço não pode ser definido de forma absoluta ou permanente, pois esse conceito carrega realidades materiais e imateriais, uma vez que é compreendido como a representação, ou construção mental, da realidade visualizada e criada de acordo com as necessidades dos seres humanos. Assim, o espaço é percebido pelos indivíduos de acordo com o ponto de vista que eles mesmos atribuem onde se inserem (RAFFESTIN, 2012).

A partir do momento em que o espaço se torna familiar e que a pessoa reconhece o espaço nas formas espacial e simbólica, este espaço se torna um lugar (TUAN, 1983). Reconhecer o espaço na forma espacial significa que a pessoa consegue atribuir distâncias e fazer correlações entre os objetos do espaço e criar uma representação do espaço, mesmo que mentalmente, com a disposição dos elementos que o compõe. Já quando o indivíduo é capaz de identificar, caracterizar e diferenciar um espaço a partir de suas impressões e sentimentos, o espaço é percebido de uma forma simbólica. Portanto, “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151).

Já território e territorialidade derivam da atividade que os seres humanos realizam no espaço que lhes é dado ou fornecido em comum dentro dos limites da concepção que eles têm do próprio espaço que ocupam (RAFFESTIN, 2012). Para Raffestin (2012) a territorialidade pode ser compreendida como um sistema de relações que afetam o território, a partir de estratégias humanas para controlar de alguma forma o território. Já o território é entendido como a delimitação espacial, em que, para cada espaço delimitado, existem relações atribuídas previamente para todos os sujeitos.

Esclarecidos esses termos, faz-se necessário compreender de que forma ocorre a apropriação dos espaços de acordo com as perspectivas da territorialização existentes, e para tal, apresento a classificação de Haesbaert e Limonad (2007) a respeito da territorialização, que a diferenciam a partir de três vertentes básicas, sendo elas: jurídico-política, cultural e econômica.

Dentro da vertente jurídico-política, a territorialização é entendida pelas relações de dominação política e regulação; na vertente cultural, correlaciona-se com o cotidiano, a identidade e a alteridade social, e também com a cultura e com as representações dos indivíduos; já a vertente econômica aborda a territorialização pelo aspecto da divisão do trabalho, classes sociais e relações de produção (HAESBAERT; LIMONAD, 2007).

Além disso, Haesbaert e Limonad (2007) assumem que os territórios são constituídos por dimensões material e imaterial. A dimensão material está relacionada com a esfera político-econômica, que compreende: as leis, as determinações do espaço e seus limites, apropriações do espaço físico, e a dimensão imaterial, está relacionada à esfera cultural e os valores partilhados pelos membros que compõem determinado território, conforme apresentado na figura 1.

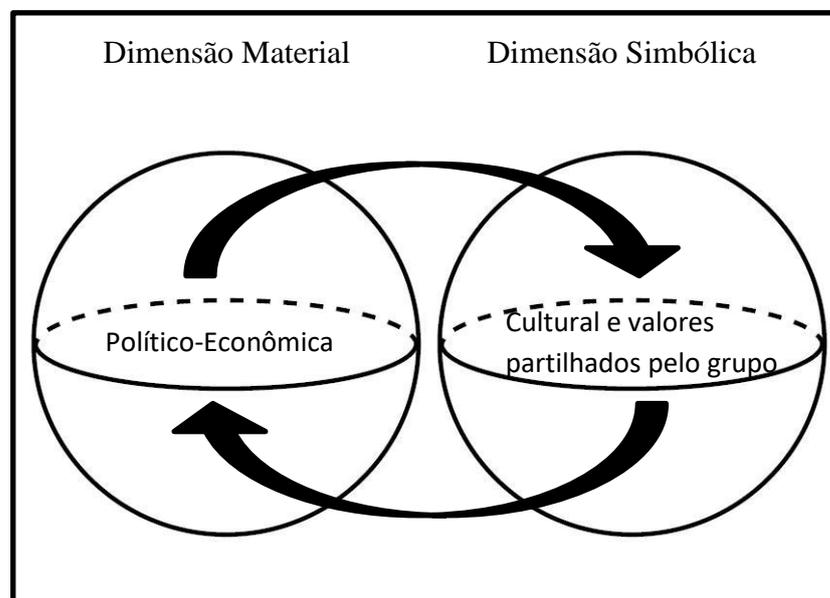


Figura 1: Dimensões que constituem o território.
Fonte: Figura elaborada pela autora com base em Haesbaert e Limonad (2007).

Para Haesbaert e Limonad (2007) as duas dimensões, material e imaterial estão intimamente correlacionadas, de modo que uma influencia na outra. Concordo com esta consideração de Haesbaert e Limonad (2007), pois, acredito que a apropriação do espaço físico também envolve a apropriação simbólica, e essas vertentes não se separam nas ações dos atores no que diz respeito à territorialização, uma vez que as pessoas têm impressões e sensações pessoais a respeito dos lugares físicos que ocupam.

A partir do exposto, aprofundo a seguir as perspectivas: cultural, política e econômica.

2.2.1 Perspectiva cultural da territorialização

Dentro dos estudos de apropriação do espaço por aspectos culturais, Haesbaert e Limonad (2007) apresentam que na abordagem conceitual cultural do território os principais agentes da territorialização são os próprios indivíduos que ocupam o território, e, esta territorialização ocorre por meios da identificação cultural do indivíduo com o espaço. Mas, cabe questionar: como acontece esta identificação cultural do indivíduo com o território que habita?

Para Claval (2007), os indivíduos que estão inseridos em uma sociedade, captam e decifram o mundo a partir dos parâmetros de leituras de sua cultura, parâmetros estes que são transmitidos para todos os membros. Nas palavras de Claval (2007, p. 81): o indivíduo “[...] procura apreender os recortes que evocam as palavras que lhe foram transmitidas e as construções mentais que a completam. A cultura faz assim passar de uns aos outros as representações coletivas”. Portanto, a cultura tem um papel de fundamental importância na compreensão da realidade dos indivíduos, e conseqüentemente, no modo pelo qual os indivíduos escolhem ocupar os espaços. Pois, toda essa realidade é interpretada através dos princípios, valores e tradições da cultura na qual estão inseridos.

Isso porque, a percepção do lugar, tanto simbolicamente quanto fisicamente, está relacionada com as características culturais e experiência de vivência no espaço pelos seus ocupantes (TUAN, 1983). Dessa forma, cada indivíduo valoriza o lugar que ocupa de uma maneira diferente, que comumente é a forma pela qual experimentou o lugar e dessa forma o ressignificou. Portanto, a apropriação do espaço realiza-se pelo conjunto das representações ou da identidade social de cada ocupante, tornando o lugar único para cada membro que o constitui (HAESBAERT; LIMONAD, 2007). Um exemplo desta questão é observado no estudo de Almeida e Crisostomo (2017) que verificam que a feira se torna mais do que um lugar de troca comercial, mas uma forma de mostrar e viver a interculturalidade que existe no espaço da feira, não apenas o espaço físico, mas o todo que representa.

Afinal, a experiência pessoal dos indivíduos está intimamente relacionada com a representação que os mesmos têm sobre a concepção de lugar e de espaço, uma vez que as pessoas interligam seus pensamentos e sentimentos às experiências cenestésicas vivenciadas, dando sentido ao espaço que ocupam (TUAN, 1983).

À vista disso, o indivíduo cria raízes espaciais e sociológicas no lugar onde habita, e, este lugar se transforma em um nicho familiar (CLAVAL, 2007). Visto que o indivíduo

atribui significado a tudo o que está presente no lugar, as referências sensoriais se tornam essenciais para o indivíduo pelo valor simbólico que os mesmos adquirem. Isso é percebido, por exemplo, em frases do dia a dia nas quais os indivíduos atribuem adjetivos aos lugares quando contam suas memórias e se recordam de “uma casa branca muito bonita”, “o cheiro gostoso de café daquela cozinha”, “as roupas macias que a mamãe utilizava”. Comumente, os lugares são carregados de referências sentimentais, junto às características de descrição física. Essa é uma forma de o indivíduo identificar o espaço e identificar a si mesmo pelas referências espaciais e simbólicas experimentadas e compreendidas.

Ademais, vale ressaltar que o espaço não é somente um ponto de vista ou um sentimento complexo e fugaz do indivíduo, mas um recurso necessário para a sua sobrevivência biológica e cultural (TUAN, 1983). Os indivíduos necessitam de uma referência espacial para se sentirem seguros, e do mesmo modo, de uma referência cultural para se sentirem inseridos na sociedade.

Tuan (1983) traz também algumas considerações acerca de lugares íntimos, em um sentido bastante próximo ao das raízes espaciais trazidas por Claval (2007), definindo os lugares íntimos como um lugar onde nossas necessidades fundamentais são consideradas. “Todos os seres humanos têm seus próprios pertences e talvez todos tenham a necessidade de um lugar seu, quer seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer veículo” (TUAN, 1987, p. 36). Bessa (2007) considera que os velhos que são instalados em quartos individualizados possuem autonomia e liberdade para reconstruir o seu cotidiano, mesmo que dentro do asilo. De tal forma que são capazes de transformar aquele espaço em um lugar com suas características pessoais.

Estes lugares íntimos são formados pelas ocasiões em que as pessoas estabelecem contatos, e, por conseguinte, são transitórios e pessoais (TUAN, 1987). Pois, são os próprios habitantes do espaço que investem significado ao espaço que habitam, inserindo o seu eu no espaço, tornando este lugar o seu lugar próprio, com seus significados atribuídos. Esta significação também está interligada com os laços com os outros indivíduos que habitam o mesmo espaço. Portanto, existem relações de vínculos pessoais e também relações políticas com os demais indivíduos.

A partir dos autores apresentados, compreendo que os lugares que são territorializados por diferentes indivíduos é o mesmo espaço com atribuições de significados diferentes pelas diversas pessoas que o ocupam, uma vez que a atribuição de significados perpassa os âmbitos culturais, sociais e pessoais destes sujeitos para formar a visão e percepção de lugar de cada um.

Porém, outro aspecto deve ser considerado quando se trata de territorialização – as relações que existem entre os sujeitos que estão inseridos no espaço, e este aspecto é tratado pela perspectiva política da territorialização.

2.2.2 Perspectiva política da territorialização

Compreendo que o espaço contém relações de poder no âmbito social e político que são indissociáveis nos estudos de territorialização. Por essa razão discuto a seguir alguns aspectos da territorialização por esta perspectiva.

Para Certeau (2012), existe uma relação de poder que impera sobre o espaço, e conseqüentemente, um agente dominante e outro dominado que disputam pelo mesmo território no intuito de satisfazer suas necessidades. Isso significa que o sujeito, ao significar o espaço, também configura uma ordem hierárquica das posições sociais dos membros deste local. De forma que existe uma relação política entre os indivíduos que compartilham o mesmo território.

Vale ressaltar que as ações de dominação podem ser ostensivas e expostas, ou mesmo, singelas e veladas. Esta última é menos explorada em relação aos grandes poderes que predominam no controle, porém, compreendê-las pode trazer informações relevantes sobre os motivos das ações dos indivíduos comuns, e conseqüentemente, uma maior compreensão sobre os mesmos. Afinal, todo sujeito desempenha pequenas ações cotidianamente, tais como: determinar os próprios espaços, inserir limites, nominar espaços, reivindicá-los, e até mesmo, em um exemplo de controle político bastante simples, controlar as conversas e diálogos em seu grupo de relacionamentos. Pois, conforme aponta Soja (1971), os territórios são campos da interação humana no espaço e esta interação humana e as maneiras de organizar o espaço são estruturadas politicamente, tanto nas grandes quanto nas pequenas ações.

Para Soja (1971), a função política que ocorre nos processos de territorialização envolve três processos: competição, conflito, cooperação. Estes processos só são possíveis de serem realizados a partir da interação humana. Assim, olhar o espaço pela perspectiva de Soja (1971) permite compreender os comportamentos dos indivíduos por meio das atividades de interação entre os membros pertencentes ao mesmo território.

Soja (1971) considera que o processo de cooperação entre os indivíduos, o conflito e a competição costumam ser mais evidentes na questão de ocupação territorial. Raffestin (2012)

considera que os territórios são produzidos a partir de relações entre os membros da sociedade que dividem o mesmo espaço, e buscam satisfazer suas necessidades que são obtidas no território no qual estão inseridos, e como cada pessoa pode ter uma necessidade diferente, muitos conflitos podem surgir na ocupação de um mesmo território.

Nesta mesma linha de pensamento, Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006) consideram que os territórios são produzidos de acordo com os interesses de quem o produz. Portanto, é possível compreender a constituição do território estudando quem o ocupa e os motivos pelos quais o ocupa, uma vez que “[...] não há território que não seja instituído, cada território é, sempre, abrigo e proteção para os sujeitos que, por meio dele, se fazem a si mesmos.” (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 14).

Isso posto, também é possível inferir que o ocupante do território imprime suas características no território que se insere, uma vez que o território é formado a partir da utilização dos espaços, em outras palavras, resultado das ações dos atores em qualquer nível do espaço (RAFFESTIN, 1993). Assim, para Raffestin (1993), o território está apoiado no espaço, mas não é o espaço propriamente dito, e sim a produção que acontece a partir deste espaço.

Por essa razão, a territorialização é o resultado das ações dos atores que o compõe, visto que “ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Esta visão converge com a definição de Soja (1971) sobre a territorialização, pois, para Soja (1971, p. 19, tradução minha) a territorialização “[...] é um fenômeno comportamental associado com a organização do espaço em esferas de influência ou territórios claramente demarcadas que são considerados pelo menos parcialmente exclusivo por seus ocupantes ou definidores”. Dessa forma, a territorialização é uma ligação bastante importante entre a sociedade e o espaço, e tem influência na interação humana e no desenvolvimento de identidades de grupos espaciais (SOJA, 1971).

Vale ressaltar que Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006, p. 150) trazem ainda que é possível conceber o território como “espaço dominado (mediador de relações de poder político-econômico) e/ou simbolicamente apropriado (mediador de representações e identificações sociais)”. Ou seja, a apropriação do espaço acontece de acordo com os interesses econômicos, políticos, culturais e ambientais, de quem o ocupa (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006). E, estes aspectos precisam ser considerados nas análises de territorialização.

De forma semelhante, Saquet (2007) analisa a territorialização como um processo de apropriação do território e também a sua construção social, de maneira que a sociedade não somente se apropria dos espaços, mas insere as relações de poder sociais existentes nesses territórios.

Conforme aponta Raffestin (1993) as relações com o espaço sempre envolvem relações de poder a partir da interação entre os atores que buscam modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Assim, os atores interagem entre si ao realizarem as suas ações dentro dos espaços que ocupam e dessa forma conseguem adaptar o espaço ao seu interesse próprio ou adaptar-se ao espaço, submetendo-se ao ator dominante. Isso significa que o indivíduo que tem mais poder, obviamente, tem um maior domínio do espaço, o que nos leva a outra perspectiva a ser discutida dentro da territorialização - a perspectiva econômica.

2.2.3 Perspectiva econômica da territorialização

Para completar o entendimento sobre a territorialização, trago a perspectiva econômica dentro deste assunto. Pois, assim como apontam Raffestin (2012) e Saquet (2007), a produção do território acontece pelos valores culturais, sociais, políticos e também pelos valores econômicos.

Em um primeiro momento hesitei sobre a utilização desta perspectiva, pois era difícil conseguir imaginar uma situação dentro da pesquisa na qual, em um asilo público, esse fator teria tanta relevância quanto às outras perspectivas. Porém, compreendo que o contexto da vida em sociedade convoca essa discussão, já que não há como dissociar a questão econômica das discussões que envolvem territorialização. Isso porque o espaço contém relações de poder (RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006; SAQUET, 2007), que podem causar vantagem ou desvantagem para os indivíduos que o ocupam de acordo com a questão econômica. Além disso, o território não implica somente relações de posse e de poder, ainda que estas sejam relevantes para a determinação da dominação do território, mas também as relações e processos socioeconômicos e ambientais são pertinentes (DALLABRIDA, 2016).

A concepção de território manteve-se associada historicamente pelas noções de limite de extensão do poder em relação ao domínio da natureza e da sociedade (SUERTEGARAY,

2001). É possível verificar que esta extensão de poder se alarga em correlação com o poder econômico dos indivíduos que o dominam. Entende-se que o território é formado a partir das interfaces e interligações das diferentes dimensões do território, e assim, as vontades dos indivíduos influenciam fortemente nas determinações referentes ao território e tudo o que se relaciona a ele (SAQUET, 2007). Portanto, as vontades dos atores que possuem maior poder ou influência em um determinado espaço, definem as relações, regras do território, e até mesmo, comportamentos.

É importante lembrar que esta pressão no sentido de interferir na mudança de percepção da identidade territorial pode também ser arquitetada pela elite local, com o propósito de levar ao esquecimento traços identitários do território que revelem situações socioeconômico-culturais que venham a condenar ações do passado, contrariando os interesses de tais atores hegemônicos (DALLABRIDA, 2016, p. 191).

Assim sendo, a história dos indivíduos com inexistente poder dentro de um determinado território deixam de existir ou são sobrescritas com as tintas da história contada a partir da elite que impõe o seu ponto de vista. Esta ressalta apenas o que é relevante para eles mesmos e ignora ou oculta outros pontos de vistas e histórias dos outros indivíduos que também compunham o mesmo território. Dessa maneira, a perspectiva econômica se torna relevante na discussão sobre os velhos, pois estes indivíduos perdem poder com o passar do tempo e a diminuição de suas capacidades físicas e psicológicas advindas do envelhecimento. Isso porque, na sociedade capitalista, o poder é deliberado de acordo com o poder aquisitivo do indivíduo ou a sua força de trabalho. Na atual sociedade, a vida dos indivíduos é demarcada entre “tempo de trabalho e tempo de não trabalho” (COLARES; SARAIVA, 2016, p. 57).

Entre as formas de divisão impostas pelo capital observa-se que, ao definir o trabalho como demarcador social, três novas divisões passam a fazer parte da relação trabalho e sociedade: os que se preparam para entrar no mercado, os que já saíram deste mercado (juntos formam a denominada População Economicamente Inativa) e aqueles que se encontram no mercado de trabalho (População Economicamente Ativa) (COLARES; SARAIVA, 2016, p. 57).

Apesar de parecer que no espaço não é concedido nenhum poder, este está presente em todo o processo de relações que ocorrem dentro do espaço (RAFFESTIN, 1993). Logo, os indivíduos tem maior ou menor posição dentro do espaço à medida que possuem maior ou menor poder de influenciar onde habitam. Isso porque “os atores, a política dos atores – ou o conjunto de suas intenções, isto é, suas finalidades -, a estratégia deles para chegar a seus fins,

os mediatos da relação, os diversos códigos utilizados e os componentes espaciais e temporais da relação” (RAFFESTIN, 1993, p.38) são os elementos constitutivos do espaço.

Assim, torna-se importante analisar o cotidiano e a territorialização também dentro da perspectiva econômica, uma vez que ser velho implica diretamente no posicionamento social do indivíduo dentro do espaço.

Fica evidente que os autores trazidos compreendem as dimensões tanto simbólica quanto política e econômica da territorialização, com uma grande evidência na questão do poder dentro das relações que ocorrem entre os indivíduos. E assim, com esses conceitos apresentados, é possível observar de maneira mais profunda as relações que acontecem dentro dos asilos dos os velhos entre si que vivem nas instituições, e até mesmo os embates que podem surgir entre os velhos e o próprio asilo onde vivem.

3. VELHOS, VELHICE E ENVELHECER

Neste capítulo apresento uma discussão a respeito dos termos: idosos, terceira idade e velhos, a fim de esclarecer o sentido e o emprego de cada uma destas palavras. Após, apresento uma discussão sobre a velhice e o fato de envelhecer. Trago uma discussão a respeito da utilização dos asilos pelos velhos e falo sobre as memórias.

Existem diversos grupos de pesquisas brasileiros que tocam em assuntos relacionados aos velhos de alguma maneira. As ciências da saúde tem a maior parcela de atuação dentro dos grupos de pesquisa brasileiros, cerca de 80% de acordo com o diretório de pesquisas do CNPQ acessado em julho de 2017. Porém, não é o único campo, existem grupos de estudos nas ciências biológicas, ciências humanas, e até mesmo ciências sociais aplicadas, ciências exatas e engenharia que abordam o tema.

Dentro dos Estudos Organizacionais, e mesmo da própria Administração, os estudos sobre os velhos é recente. Porém, como ressaltam Colares e Saraiva (2016), é um campo que necessita ser compreendido e ser debatido.

Tais constatações só reforçam a necessidade de se pensar o indivíduo enquanto objeto de pesquisa dos Estudos Organizacionais. Afinal, quais as estratégias e táticas adotadas pelos indivíduos idosos para superarem questões como a dificuldade financeira? Como se estruturam as relações de poder no âmbito familiar neste novo contexto? De que forma o idoso faz uso (e contra-uso) dos espaços citadinos? Portanto, reflexões acerca deste grupo tornam-se relevantes por sua importância enquanto indivíduos em situação marginalizada e por sua importância social (COLARES; SARAIVA, 2016, p. 65).

Assim, essa pesquisa busca discutir estes indivíduos dentro do âmbito de pesquisa dos Estudos Organizacionais. Mas o que é ser velho?

3.1 Velhos

A noção mais antiga e costumeira para denominar as pessoas com idade avançada é o termo ‘velho’ (MOTTA, 1997). Porém, atualmente, novos termos têm sido utilizados para referenciar as pessoas com mais idade. Essa mudança de termos ocorreu em meados dos anos de 1960, por uma necessidade de classificação moral, para diferenciar os velhos pobres e

incapazes de trabalhar dos velhos aposentados com uma melhor qualidade de vida (PEIXOTO, 1998).

Esta mudança de termos é, primeiramente, uma mudança no contexto político e social (PEIXOTO, 1998). Pois, havia uma necessidade de mudanças sociais e políticas sociais voltadas para a velhice. “[...] Esta designação deu outro significado ao indivíduo velho, transformando-o em sujeito respeitado. A partir de então os problemas dos velhos passaram a constituir necessidade dos idosos” (PEIXOTO, 1998, p. 74).

Dentro deste mesmo assunto, no estudo de Silva-Sobrinho (2007), os próprios velhos relacionam o termo ‘idosos’ a uma velhice com maior autonomia dos sujeitos e uma maior qualidade de vida, e o termo ‘velho’ a um significado de descarte, abandono e sem valor. “A noção de velho é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres” (PEIXOTO, 1998, p. 72).

Porém, vale relembrar que a mudança de contexto se deve também à melhor qualidade de vida da humanidade em geral com o avanço das ciências da saúde (NERI, 2013). Enquanto em 1900 a expectativa de vida dos europeus não passava dos 45 anos de idade, e quando alcançavam, a velhice era curta e permeada de doenças, incapacidades e inatividade (NERI, 2013), atualmente as pessoas podem atingir 100 anos de idade, e mesmo em idades avançadas é comum apresentarem autonomia e independência (AMARO, 2015).

Com o aumento da longevidade, as fases da vida das pessoas também foram alargadas (AMARO, 2015). Isso quer dizer que as fases da infância, da adolescência, de adultos e de idosos foram estendidas, dando origem à outra subdivisão entre os velhos – a terceira idade (SILVA, 2008).

Faz-se então necessário criar um novo vocábulo para designar mais respeitosa a representação dos jovens aposentados – surge a terceira idade. Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo. A velhice muda de natureza: “integração” e “autogestão” constituem palavras-chave desta nova definição” (PEIXOTO, 1998, p. 76).

Conforme aponta Peixoto (1998), essas nomenclaturas novas se deram a partir de uma necessidade moral das novas gerações de indivíduos que não queriam ser denominados velhos pela denotação pejorativa que a classificação carrega. No momento atual, percebo que existe uma transição da maneira de pensar, de modo que existe um movimento que vai contra o

pensamento da velhice como uma fase de decadência. Mas até que ponto este movimento traduz uma realidade ou é apenas um meio de alienação?

Na própria percepção dos indivíduos, o termo “velho” é correlacionado aos aspectos desfavoráveis da velhice, como: solidão, falta de iniciativa, incapacidade de realizar determinadas atividades; enquanto a subdivisão da terceira idade considera os idosos como pessoas saudáveis, lúcidas e com novos desejos possíveis de serem cumpridos (MOTTA, 1997). Portanto, o termo velho está correlacionado aos conceitos de decadência e inatividade. A decadência relaciona-se com a fragilização do corpo, a mudança na aparência e a estética do velho causa recusa e medo por não estar dentro dos padrões tão cultuados de juventude; do mesmo modo que a inatividade se relaciona com a impossibilidade de produzir bens do mesmo modo que os mais jovens (MOTTA, 1997). Assim, a sociedade atual rejeita o velho por este não exercer o mesmo papel que exercia quando era jovem.

Neste mesmo sentido, Bosi (2010) considera os velhos como pessoas que já foram úteis em algum momento do passado, quando tinham a possibilidade de oferecer a sua força de trabalho, mas que agora, por não serem mais tão capazes fisicamente como outrora, não tem mais um papel de importância para a sociedade, e são descartados. Essa perspectiva concorda com a visão de Colares e Saraiva (2016) que percebem essa mesma realidade dentro de sua pesquisa com velhos frequentadores da Praça Sete de Setembro de Belo Horizonte.

Colares e Saraiva (2016) discutem os velhos pela perspectiva econômica e apontam que estes são marginalizados por não serem mais aptos ao trabalho, ou seja, não terem serventia para o mercado, devido às suas limitações físicas e psicológicas. Essa marginalização ocorre pelo Estado e pela própria sociedade, pois são representados apenas como custo para o sistema (COLARES; SARAIVA, 2016). Portanto, o entendimento do termo ‘velho’ também remete a uma perspectiva econômica, na qual existe expectativa e esperança no indivíduo novo, logo este é passível de investimento, enquanto o velho não tem mais serventia e gera apenas custos (BOSI, 2010).

O ser velho é uma condição imposta pelo capital, pelo mercado de trabalho que, vendo em uma pessoa esgotada suas possibilidades de força de trabalho, joga-a para fora do mercado sob o rótulo de ‘velho’. Embasado nos argumentos de ultrapassado, não atualizado, limitado fisicamente e cansado, o capital o deprecia ao ponto de tirar do idoso a condição humana e julgá-lo sob uma condição de objeto, substituível e depreciável (COLARES; SARAIVA, 2016, p. 59).

Compreendo, portanto, que o termo velho é o termo cabível para esta pesquisa, uma vez que os sujeitos de pesquisa deste estudo apresentam esta mesma visão de si mesmos: a

visão de que foram descartados, abandonados, não tem mais utilidade, e que simplesmente esperam a morte chegar. Para esta pesquisa, acredito ser mais coerente utilizar o termo que os próprios sujeitos de pesquisa se denominam, do que a utilização de termos que florem uma realidade que não enxergo, a partir das entrevistas, nos asilos.

3.2 Velhice e envelhecer

Aqueles que vivem estão fadados a envelhecer. Não é uma opção, ou uma escolha, é um fato da vida, o processo natural da existência de todo ser vivo. Ademais, é um processo que só termina com o falecimento do indivíduo. É interessante notar que a humanidade buscou meios para poder viver por mais tempo e agora enxerga essa nova realidade como um problema econômico e social. Amaro (2015) ressalta que viver mais anos não significa aumento do bem-estar e da felicidade humana. “Viver mais anos só faz sentido se o aumento de longevidade for acompanhado de qualidade de vida” (AMARO, 2015, p. 205).

Dessa forma, a maneira de envelhecer torna-se um assunto mais importante de ser discutido do que a quantidade de anos a mais que podem ser vividos por uma pessoa. Amaro (2015) apresenta que não existe apenas uma maneira de envelhecer, uma vez que o processo de envelhecer, seja biológico, psicológico ou social, ocorre em um contexto cultural específico, portanto depende da sociedade na qual as pessoas estão inseridas. Ainda assim, aspectos relacionados com a maior qualidade de vida, dentro da pesquisa de Amaro (2015), são interligados com questões de: manter um baixo risco de doença, ter um bom funcionamento físico e mental, ter independência (capacidade de tomar decisões relacionadas com o dia a dia com nenhum ou reduzido auxílio de outras pessoas), manter uma vida ativa, ter segurança, além de manter os sentimentos de bem-estar, autorrealização, e desempenhar papéis sociais. Fatores importantes a serem observados nos sujeitos de pesquisa.

Silva (2008) considera que existe atualmente uma nova maneira de envelhecer, outrora o envelhecimento estava relacionado ao descanso, quietude e inatividade, e atualmente, existe um estímulo à atividade e aprendizagem, aumento de satisfação pessoal e formação de vínculos. Porém, esta nova maneira de ‘envelhecer bem’ está condicionada apenas a uma parcela da população que tem acesso aos programas de incentivo ao bem estar da terceira idade, ou ainda, poder aquisitivo e capacidade de tomada de decisão.

Na contramão desta perspectiva, Madeira (1999) apresenta a mudança da visão familiar nos últimos anos. Há algumas décadas, ter maior quantidade de filhos representava

maior mão-de-obra para as lavouras, os velhos eram considerados fonte de experiência e saber, pois, transferiam seus conhecimentos e as tradições por histórias aos mais novos. Envelhecer era tratado como um processo de adquirir sabedoria, diferentemente da sociedade atual, que analisa os membros familiares de acordo com o custo e o investimento para o patrimônio familiar (COLARES; SARAIVA, 2016).

A sociedade atual está inclinada a valorizar e investir nas crianças que são potenciais adultos produtores de bens enquanto os velhos vão perdendo o seu espaço de importância, dominação, agindo cada vez mais passivamente, e sendo privados de liberdades de escolhas, colocados em uma posição que os obriga a serem cada vez mais dependentes (BOSI, 2010).

Historicamente, o envelhecimento do trabalhador está associado com a incapacidade de produzir, pensamento que deu origem aos sistemas de aposentadorias (SILVA, 2008). Esta posição do indivíduo perante o trabalho diz muito a respeito de sua identidade, de forma que “ser aposentado é ser efetivamente inválido, incapaz e ocioso” (SILVA, 2008, p. 160). “A sociedade industrial é maléfica para a velhice” (BOSI, 2010, p. 77).

De acordo com Colares e Saraiva (2016), com o aparecimento das doenças e limitações relacionadas à velhice, é comum que os filhos e parentes destituam a autoridade dos membros velhos, que antes tinham poder de tomada de decisão e controle familiar. Estes membros passam a nem mesmo ser consultados sobre decisões que impactam diretamente em suas vidas e de sua família, perdem poder social, financeiro e familiar. Tratados com indiferença, estes velhos não são ouvidos, suas histórias e memórias dificilmente alcançam algum interlocutor interessado em dar-lhes atenção, nem mesmo seus argumentos nas discussões têm algum valor, prefere-se não confrontá-los (BOSI, 2010).

Guerra e Caldas (2010) descrevem as dificuldades e problemas da velhice e as recompensas esperadas nesta fase da vida, mais recorrente nos estudos sobre a própria representação social que os idosos/velhos têm de si mesmas. São eles:

Dificuldades/problemas na velhice: incapacidade, perda da utilidade social, aposentadoria, exclusão devido a questões sagradas, esquecimento, raciocínio lento, desgaste físico, perda de resistência, doença, demência, senilidade, degeneração física e mental, inatividade, declínio da imagem, enfeamento da aparência do corpo, aparecimento de rugas, preconceito, desrespeito aos idosos, assexualidade, dependência, inutilidade, exclusão dos prazeres da vida, rejeição familiar, isolamento, abandono, solidão, tristeza, depressão, institucionalização como morte social, proximidade da morte. Recompensas na velhice: experiência, conhecimento, participação, independência, integração, autonomia física e mental, presença de apoio e suporte familiar, participação em grupos extrafamiliares, passe livre em transporte coletivo, fila preferencial (GUERRA; CALDAS, 2010, p. 2939).

Percebo assim que a realidade dos velhos dentro das pesquisas científicas apresentadas é trazida dentro de aspectos otimistas e pessimistas pelos autores que a estudam, não como uma dicotomia, mas no sentido de esclarecer e poder auxiliar nas informações a respeito desse tema, com visões tendendo para a qualidade de vida na terceira idade e outra que pende para a decadência da velhice, seguindo basicamente os mesmos parâmetros da diferenciação de termos entre velhos e idosos já abordados.

Neste interim do envelhecimento, outro ponto a ser discutido é o da adaptação dos velhos nos asilos e as questões relativas a este assunto.

3.3 Os asilos e seus moradores velhos

Atualmente têm surgido diversas pesquisas acadêmicas que tratam do contexto do envelhecimento e de sua adaptação nas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's), ou seja, nos asilos. Estes estudos, da mesma forma que as pesquisas sobre velhos, são mais frequentes nas áreas de saúde e, principalmente, na enfermagem. São raras as pesquisas dentro dos Estudos Organizacionais que tratam da adaptação dos velhos nos asilos e quando existem abordam os temas de consumo, estilo de vida e envelhecimento (LOCATELLI; FONTOURA, 2013). Assim, utilizo-me dos estudos das áreas de saúde, que são bastante ricos para apresentar alguns elementos que considero relevantes para esta pesquisa, por trazerem um panorama geral bastante contundente desta realidade e terem como foco a adaptação ou convivência dos velhos dentro de asilos.

Antes, é necessário compreender o contexto que deu origem às ILPI's. Camarano e Kanso (2010) argumentaram que a origem das ILPI's está relacionada aos asilos, inicialmente focados na população carente que necessitava de abrigo, promovidos por caridade cristã, quando não existiam políticas públicas direcionadas a estas pessoas. E atualmente, denominadas de ILPI's, continuam a realizar os serviços de prover abrigos e condições dignas de vida para os velhos.

Com o passar do tempo, os asilos, abrigo ou albergues que abrigam os velhos, como são conhecidos pela maior parte das pessoas, começaram a ter suas denominações substituídas por termos mais delicados, como por exemplo: "Casa dos idosos", "Lar dos idosos", "Instituições de longa permanência para idosos", nomes que sugerem maior respeito e cuidado, e ainda não apresentam a conotação pejorativa de abandono, pobreza e rejeição familiar.

Percebo que existe um grande empenho em transformar a imagem dos asilos de lugar de abandono em casas de repouso, que contém em seu pacote de serviços o acolhimento, a segurança e a felicidade, no qual os velhos podem passar o fim de seus anos de vida em um lugar seguro, tranquilo e recebendo cuidados específicos.

Porém, viver em um asilo implica em abandonar o próprio lar. O rompimento dos laços com a vida que os velhos estavam acostumados é penoso, visto que eles têm no sentido de família um espaço de proteção, aconchego, segurança, e quando se inserem em uma instituição, esta instituição deve se tornar uma nova referência de família para eles, pois será o local que servirá de acolhimento e acompanhamento até a morte (BESSA; SILVA, 2008).

O idoso pode ser forçado a aprender a conviver com aqueles totalmente desconhecidos, após longa trajetória de vida convivendo com aqueles com quem mantinha laços de amizade e consanguinidade, deixando para trás seu estilo de vida pessoal e de viver seu cotidiano (BESSA; SILVA, 2008, p. 259).

Dessa maneira, ocorre um rompimento com uma realidade com a qual os velhos estavam acostumados, e estes indivíduos precisam aprender a lidar com um novo espaço e com novas pessoas desconhecidas. Além de uma rotina completamente diferente da que estavam familiarizados.

Vale ressaltar que, não somente o termo 'asilos' carrega preconceitos, mas também a prática da internação dos velhos é tida como um *tabu* pelas famílias, tornando-se uma questão delicada e que gera tensões familiares, e pode ocasionar no abandono, isolamento e dificuldade de adaptação dos velhos que são submetidos a esta realidade (CARVALHO; DIAS, 2011).

Mesmo com tantas dificuldades, a procura por estas instituições e a oferta de instituições mais sofisticadas no ramo de cuidado com idosos têm aumentado nos últimos anos. Dentro deste contexto, várias leis relacionadas aos direitos dos idosos tem sido discutidas e implementadas. O Estatuto do Idoso (2003) foi um primeiro passo para a garantia dos direitos dos cidadãos brasileiros de idade avançada, no intuito de promover e garantir o direito à vida, liberdade, respeito e dignidade. A Resolução da Diretoria Colegiada - RDC Nº 238 de 26 de setembro de 2005 é mais um dos instrumentos criados para garantir o direito digno à moradia para as pessoas idosas. Nesta resolução estão presentes tanto normas de padrões mínimos de espaço e métodos para garantir a questão sanitária, quanto normas relacionadas ao bem estar social destes velhos, como a garantia de convivência com pessoas

de diversas faixas etárias, convivência com a comunidade e integração entre os próprios moradores da instituição.

A questão da convivência e as ligações afetivas são imprescindíveis para a saúde dos velhos. Carvalho e Dias (2011) apontam que a qualidade de vida dos velhos internados nos asilos depende do convívio com pessoas próximas, amigos ou familiares, uma vez que este contato evita o estado de solidão e isolamento dessas pessoas. Portanto, as relações pessoais de dentro e de fora das instituições merecem uma atenção especial na questão da adaptação destes indivíduos à instituição.

Guerra e Caldas (2010) chamam atenção para o fato de que os velhos que conseguem manter uma vida social ativa, reinventam valores para a velhice, e conseguem combater o abandono e a solidão. Neste mesmo assunto, Bispo e Lopes (2010) trazem um estudo sobre a solidão que os velhos sentem nos asilos e descrevem a diferença no ânimo dos velhos em dias de visita e em dias comuns, ressaltando que existe uma grande ansiedade desde o período da manhã pela visita da tarde. Além disso, Bispo e Lopes (2010) constataram também a decepção a respeito das raras visitas dos familiares, nas quais a espera e expectativa pela visita se transformam em desânimo e frustração por parte dos velhos.

Ainda que seja perceptível o sentimento de solidão presente nos asilos, Carvalho e Dias (2011) apresentam que o motivo do internamento é o fator que têm maior influência no processo de adaptação dos velhos nos asilos. Vale lembrar que existem muitos velhos que decidem por si mesmos morar nos asilos e outros que não tem essa liberdade e nem mesmo querem ser internados. O estudo de Bessa e Silva (2008) é interessante nesse sentido por apresentar alguns dos motivos mais frequentes que levam os velhos a escolherem se internar nos asilos, e as formas mais recorrentes de ingresso ocorrem por: solidão, necessidades de cuidados, conflitos familiares e perdas de entes queridos.

Locatelli e Cavedon (2014) estudaram a representação social dos trabalhadores de um asilo de Porto Alegre sobre os velhos, uma pesquisa relevante, visto que estes funcionários estão em contato direto com os moradores do asilo diariamente. As autoras constatam que na visão dos funcionários os velhos são vistos como: vítimas de abandono, carentes e com muita necessidade de atenção, constatam que a dificuldade de relacionamento de vários velhos aumenta com o passar dos anos, com uma intensificação dos defeitos, por não se importarem mais, e assim, ao invés de se tornarem pessoas com um trato mais fácil de lidar, pelo contrário, se tornam mais solitários e deprimidos. Além disso, são comparados também às crianças e tratados de maneira infantilizada. Outro ponto interessante é a representação dos

velhos como membros da família do asilo, já que são tratados com carinho e respeito pelos funcionários do asilo e os mesmos criam fortes vínculos com os velhos.

Alguns pesquisadores focaram suas análises em aspectos que pudessem auxiliar na institucionalização desses velhos nos asilos, uma vez que a internação é uma realidade, e resta apenas melhorar a qualidade de vida destas pessoas. Carvalho e Dias (2011) verificaram que, a questão da autonomia dos velhos é uma parte crucial para o bem-estar destes indivíduos. Do mesmo modo, Elbasan *et al.* (2013) concluem que a mobilidade e independência do indivíduo, sua participação social e a integração em programas de reabilitação são importantes para manter sua independência, participação e bem-estar psicossocial, bem como, aumentar a qualidade de vida destas pessoas.

Para Bessa (2007) a institucionalização dos velhos se dá por duas formas, ou a adaptação na qual a pessoa se sente produtiva, gosta do ambiente e se adapta bem, ou a forma de enfrentamento da realidade, no qual a pessoa apenas se conforma com o seu novo estado de vida. Por exemplo, se o velho consegue encontrar algumas tarefas para realizar dentro da instituição tais como: distribuir alimentos, cozinhar, organizar o ambiente, essas tarefas trazem a sensação de que a tarefa que realiza é importante, e até mesmo, de que precisam dele lá, sente-se encaixado novamente em uma função. Por outro lado, se o velho apenas se depara com a realidade de que está em uma instituição na qual já existem serviços oferecidos para eles, e que assim, não precisa necessariamente exercer qualquer atividade, sente-se deprimido e inútil. A falta de papel social definido implica em insegurança por parte dos velhos (MADEIRA, 1999).

Madeira (1999) apresenta alguns fatores condicionantes da vida atual dos velhos, o primeiro é a descontextualização social, no qual o velho é retirado de sua cultura de origem. A pessoa controla seus laços em um determinado espaço, compartilha regras comuns com as pessoas através da afetividade. Se o espaço a ser ocupado pelo velho na instituição se aproximar culturalmente da realidade da qual o idoso foi retirado, sua adaptação se torna mais fácil, caso contrário, pode ocorrer que os indivíduos nem ao menos consigam se adaptar (MADEIRA, 1999). Outro fator condicionante trazido por Madeira (1999) é a diminuição das capacidades físicas, psicológicas e sociais. Pois, os velhos passam por uma fase de confronto com a realidade, depois se conscientizam de suas capacidades, e por fim, se deixam atingir pelo alheamento, ou seja, se desinteressam pelo meio social, cultural, familiares e por si mesmos.

Este estado de alheamento se agrava com as raras visitas dos entes dos velhos, e sem encontrar qualquer atividade que possam exercer que traga algum sentido para suas vidas, ou

mesmo atividades que tragam prazer, alegria, satisfação, qualquer sensação que os permita sentir que estão vivos e que podem cumprir algum objetivo, inicia-se um processo de decadência, no qual os velhos apenas esperam a sua hora derradeira (MADEIRA, 1999).

A partir do momento que o sujeito não tem mais objetivos para viver, a vida deixa de fazer sentido (FRANKL, 1991). Esse é o caso dos velhos que são internados nos asilos e não conseguem se adaptar, se vincular a outras pessoas, criar laços, e encontrar funções para desempenhar, e acabam tendo um rápido declínio na vida. Em outros casos, é possível observar que alguns velhos encontram maneiras de se tornarem úteis dentro do asilo, e assim, adquirem uma maior estabilidade mental.

A partir dos estudos apresentados é possível vislumbrar vários âmbitos que inter-relacionam os velhos com os asilos. Essas informações são importantes porque auxiliam neste estudo no sentido de esclarecer o que pode ser visualizado e deve ser observado no campo de estudos.

4. O ITINERÁRIO PERCORRIDO PARA TECER O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresento o percurso metodológico que realizei com a finalidade de responder à questão de pesquisa proposta, além das técnicas que utilizei para atingir cada objetivo específico, os critérios de validade da pesquisa, os critérios para a seleção dos sujeitos entrevistados, e, os motivos pelos quais optei por tais técnicas.

4.1 Tipo de pesquisa

Compreendo a pesquisa qualitativa como a mais apropriada para esta dissertação, uma vez que busco compreender o cotidiano e a territorialização dos indivíduos estudados em profundidade e de acordo com a natureza socialmente construída por esses sujeitos. A pesquisa qualitativa permite compreender a perspectiva dos próprios sujeitos a respeito de seu cotidiano de vida, com a finalidade de compreender uma realidade e com um foco profundo na percepção do sujeito de pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Denzin e Lincoln (2006) ressaltam a importância de se deixar claro o enfoque epistemológico e ontológico do pesquisador, pois, a pesquisa qualitativa contempla a relação inseparável entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, de forma que os valores do pesquisador estão sempre presentes na investigação, tanto no modo de olhar para as situações que está estudando, quanto na interpretação dos resultados, e por esta razão, apresentei meu enfoque epistemológico e ontológico já no prefácio para esta pesquisa.

Apesar da importância do posicionamento do pesquisador dentro das pesquisas qualitativas, Vieira (2004) argumenta que este tipo de pesquisa não é formado de especulações subjetivas em suas interpretações, mas utiliza outros procedimentos, que não os estatísticos, para compreender o objeto de estudo, e esses procedimentos garantem a sua cientificidade, mesmo sem o aporte numérico. A validação da pesquisa qualitativa acontece pela definição explícita das perguntas de pesquisa, bem como dos conceitos, além disso, com descrições detalhadas dos procedimentos de campo, ricas e fundamentadas, e com explicações sobre os processos e os contextos observados (VIEIRA, 2004).

Dentro desse mesmo assunto, Ollak e Ziller (2012) apresentam em seus estudos que nas concepções mais interpretativistas, como no caso desta pesquisa, a validade da pesquisa

qualitativa tem seu maior enfoque no desenvolvimento da pesquisa, com menor ênfase na formulação e resultados da pesquisa. Ainda assim, Ollaik e Ziller (2012) esclarecem que um pesquisador da perspectiva qualitativa deve se preocupar com a validade da pesquisa durante as três fases da pesquisa, que são: formulação, desenvolvimento e resultados.

A partir das formas de validade de pesquisa verificadas por Ollaik e Ziller (2012), selecionei para a fase de formulação desta pesquisa: a compreensão do que deve ser estudado, pela explicação clara do que se deseja estudar nesta pesquisa e o detalhamento da metodologia; já para a fase de desenvolvimento optei por: foco nos procedimentos, ênfase na metodologia e interação entre pesquisador e pesquisado. Já na fase de resultados, pareceu-me mais coerente o passo: descrição profunda e compreensão da realidade.

Por essa razão, debrucei sobre os autores que fundamentam aos temas utilizados nesta pesquisa, e busquei compreendê-los de forma aprofundada. Além disso, refleti e discuti com outros pesquisadores a respeito da pergunta de pesquisa, com o objetivo de torná-la clara e demonstrar o que essa pesquisa busca responder. Ainda, escrevi sobre os procedimentos e a minha experiência de imersão no campo. Neste capítulo, foco nestes procedimentos de uma maneira mais teórica e com algumas informações relevantes sobre a metodologia, com o objetivo de justificar a utilização das técnicas que empreguei. No capítulo seguinte trato sobre a minha experiência no campo de pesquisa com mais detalhes sobre os meandros do acontecimento prático da pesquisa.

Ademais, levei em conta também o que Bourdieu (1983) denomina de “vigilância epistemológica”, que é um instrumento para tratar sociologicamente um objeto no intuito de garantir a validade da pesquisa, uma vez que “toda operação, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser repensada” (BOURDIEU, 1983, p.14). E essas operações devem ter foco nos sistemas de relações objetivas em que os indivíduos estão inseridos. Ou seja, Bourdieu (1983) nos alerta para não tomar um dado fato como verdade absoluta, mas sempre refletir acerca do objeto e sobre a pesquisa em todo o seu percurso e duração, do início ao fim. No mesmo sentido que Ortega (2016) alerta que a interpretação da pesquisa qualitativa nunca é vista como inocente, contemplando o ponto de vista do pesquisador.

Nesta pesquisa utilizarei as sugestões de Vieira (2004), Bourdieu (1983) e Ollaik e Ziller (2012) para uma pesquisa qualitativa sólida e válida.

4.2 Coleta de dados

Para atender ao objetivo geral desta pesquisa que consiste em compreender como acontece o processo de territorialização dos moradores de um asilo da cidade de Maringá a partir de suas práticas cotidianas, tracei os seguintes objetivos específicos: (1) descrever as práticas cotidianas dos moradores de um asilo da cidade de Maringá; (2) identificar as relações que existem entre os próprios moradores e entre os moradores e o asilo no qual vivem; e, (3) entender como estas práticas e relações são traduzidas simbolicamente pelos moradores do asilo, ocasionando os processos de territorialização.

Para coletar os dados que trazem informações para responder aos objetivos específicos deste estudo, busquei dentro da pesquisa qualitativa os procedimentos metodológicos que mais se adequam às necessidades desta pesquisa. Decidi coletar os dados a partir da observação participante e das histórias de vida.

Denzin e Lincoln (2006) entendem que para os pesquisadores qualitativos captarem o ponto de vista do indivíduo de uma maneira mais profunda é indicado realizar uma observação detalhada do que se deseja pesquisar, assim podem garantir uma maior riqueza de detalhes, com uma descrição mais densa da realidade que observa. Por esta razão, optei pela observação participante nesta pesquisa, visando uma melhor compreensão da realidade dos velhos nos asilos. Pois, esta pesquisa “é uma viagem até o outro” (ORTEGA, 2016, p. 66, tradução minha).

A observação participante não é um método de pesquisa em si, mas uma estratégia de coleta de dados com o uso de técnicas específicas da etnografia no intuito de obter informações em um contexto comportamental relevante para a pesquisa, haja vista que o estudo etnográfico consiste em estudar pessoas em comunidades ou sociedades, observando o modo de vida dos sujeitos pesquisados, ou ainda, sua cultura (ANGROSINO, 2009).

De acordo com Cavedon (2014), é necessário que o pesquisador treine para ver o que está sendo apresentado e não o que está habituado a ver, já que alguns comportamentos podem ser parecidos com o que estamos acostumados, mas pode ter significados muito diferentes. Para compreender o ambiente no qual é realizada a pesquisa ou mesmo os sujeitos de pesquisa, é necessário:

[...] viver a cultura a ser pesquisada no seu dia a dia: ouvir, ver e observar, sentir aromas, desenvolver o tato, o paladar, estabelecer relações afetivas com os informantes, enfim, realizar uma viagem científica, na qual a vida do pesquisador não permanece imune ao que ele capta no campo. Ao contrário, quanto mais aberto

para as experiências e vivências, mais ricos serão os seus dados e maior será o seu ganho em termos de bagagem pessoal (CAVEDON, 2014, p. 65).

Algumas características da observação participante são apresentadas por Jorgensen (1989) e também são relevantes para esta pesquisa, como: interesse especial no sentido humano, interpretação e compreensão da existência humana, investigação e método nas situações do ambiente de vida cotidiano, investigação flexível e profunda, participação no envolvimento e manutenção de relações com os membros do grupo, e, uso da observação direta em conjunto com outros métodos de coleta de dados. Estas características apresentadas vêm de encontro com a proposta de pesquisa deste trabalho, que consiste em conhecer a territorialização e o cotidiano a partir do entendimento das próprias pessoas sobre sua realidade de forma profunda.

Estas metodologias se complementam na medida em que nem tudo é dito em palavras durante as entrevistas. As questões de hábitos e até mesmo de emoções não são faladas, mas percebidas pelo pesquisador quando está em contato com seus entrevistados.

De acordo com Ortega (2016), o Outro é fascinante de ser interpretado e esta interpretação nunca se esgota. Ademais, com grande frequência os outros nos causam curiosidade e terror, visto que os sujeitos privilegiados nesta pesquisa são, comumente, “o povo, o criminoso, o louco, o índio, o pobre, a mulher, a criança” (ORTEGA, 2016, p. 56, tradução minha).

Do mesmo modo Abib, Hoppen e Hayashi Junior (2013) apontam benefícios do uso da observação participante para as pesquisas como: conhecer as culturas, caracterizar o contexto vivido em diferentes momentos, observar as práticas desempenhadas pelos atores, acompanhar os eventos em sequência e assim entender melhor o fenômeno estudado. Estes benefícios compõem o que anseio com a utilização desta metodologia para a obtenção de informações da pesquisa.

É importante ressaltar que na observação participante é necessário que exista e se mantenha uma interação social entre o pesquisador e os pesquisados (TAYLOR; BOGDAN, 1998). Portanto, para realizar a observação participante me inseri no asilo como pesquisadora com o objetivo de observar as interações entre as pessoas e conversar com elas para entender melhor o campo. De fato, pela minha inexperiência no campo, e por tudo ser uma novidade, refleti e percebi que a observação participante em vários dias da semana viria a enriquecer o trabalho e me ajudar a entender melhor o contexto dos asilos. Ademais, realizei as observações também antes de me encontrar com meus entrevistados, já que os moradores do asilo foram entrevistados neste mesmo local, facilitando o contato e a observação participante,

convenientemente. A forma como decidi pelo asilo e como consegui o acesso ao mesmo são descritas no próximo capítulo.

Além disso, a minha identificação como pesquisadora foi uma exigência das regras de segurança do próprio asilo estudado, no intuito de manter o ambiente seguro e poder ser facilmente identificada tanto pelos próprios funcionários do asilo quanto pelos velhos que seriam entrevistados e observados. Ademais, pessoalmente considero essa posição confortável, pois ainda que auxiliasse em pequenas coisas como trazer um copo de água, participasse das atividades, conversasse ativamente com os indivíduos da pesquisa, estes sabiam que eu era pesquisadora e isso me deixava em posição de transparência com eles.

Conforme Cavedon (2014), decidir se a identidade do pesquisador será ou não revelada é uma situação bastante complexa, uma vez que os entrevistados podem se sentir inibidos para contar suas histórias, porém, identificar-se como pesquisador também traz a questão da honestidade. “O pesquisador, ao omitir a sua atuação como tal, fere princípios éticos, uma vez que as pessoas devem ter a possibilidade de eximir-se em participar da pesquisa” (CAVEDON, 2014, p. 82).

Considero também que me apresentar como pesquisadora foi uma estratégia para obter a confiança deles. Os moradores do asilo já são habituados à presença de pesquisadores e estagiários que frequentemente realizam atividades no asilo. Comecei a gravar as entrevistas após cinco dias de observação participante, assim, a maioria dos velhos já havia notado a minha presença e já haviam cochichado pelos corredores sobre mim, conforme eu mesma pude constatar nas conversas seguintes com os velhos. Isso foi oportuno para o contato com os futuros entrevistados, pois, alguns dos velhos que se interessavam em participar da pesquisa ou que tinham alguma curiosidade já se aproximavam de mim para conversar e para perguntar sobre o que se tratava a pesquisa. As entrevistas, observações e as conversas aconteceram sempre nos ambientes comuns do asilo e em dias de semana, que tem menor movimento de pessoas desconhecidas. Eu ouvia cada um particularmente e com atenção. Aos poucos percebi que outros velhos se aproximavam no intuito de também serem ouvidos, ainda que não quisessem participar da pesquisa.

Eu iniciava a conversa me apresentando e perguntando sobre a pessoa. Algumas conversas eram mais fáceis, conseguíamos conversar sobre diversos assuntos. Com outros velhos, demorava um pouco mais para obter a confiança. Algumas histórias eram tão interessantes que eu e meus entrevistados interagíamos ao ponto de parecer que eu estava conversando com algum parente distante que não via há muitos anos. Muitos dos entrevistados passaram uma boa parte de suas vidas na cidade de Maringá, assim, os locais

que eles iam se recordando eram conhecidos por mim e eu pude remontar mentalmente a transformação de cada lugar da cidade trazida pelas lembranças dos velhos com as entrevistas.

No início, as entrevistas eram mais parecidas com um bate-papo. Aos poucos, os velhos iam contando mais profundamente suas histórias. Nas primeiras observações participantes eu já havia ouvido algumas histórias, mas só comecei a gravar depois, com a permissão deles. Estas primeiras histórias foram anotadas em meu diário de campo, que depois me auxiliaram na confecção das histórias de vida, ou mesmo para esclarecer alguns pontos que tive dúvidas. Alguns velhos me contaram suas histórias, mas não permitiram que as mesmas fossem gravadas ou utilizadas na pesquisa. Apesar de estas histórias não fazerem parte do corpo de dados desta pesquisa, elas serviram para que eu compreendesse um pouco melhor sobre o contexto que estava me inserindo e um pouco mais a respeito da particularidade e individualidade de cada história de vida das pessoas que moram no asilo.

Assim, defini que o acesso a esses sujeitos seria dado pelo grau de abertura dos mesmos para a pesquisa, visto que a história de vida envolve assuntos de cunho pessoal, e nem todas as pessoas se sentem à vontade para serem entrevistadas. Apesar de estarem no asilo e as pessoas desejarem contar sobre suas vidas, comumente as primeiras histórias eram mais superficiais, como histórias já repetidas e ensaiadas para contar para todos os visitantes. Com o passar do tempo e da confiança que ia adquirindo, os indivíduos iam se abrindo e se recordando de outras histórias que gostariam de me contar.

De uma forma geral, não tive grandes dificuldades em obter as entrevistas. Porém, tive dificuldade na obtenção do foco das conversas. Por diversas vezes, eu questionava os velhos sobre a infância ou alguma passagem da vida a qual eu não havia entendido e muitos desviavam a conversa, ou mesmo não conseguiam se lembrar. Por exemplo, contavam sobre alguma viagem, mas não se lembravam dos motivos, nem quem os acompanhava e muito menos dos detalhes.

No total, fiz 15 dias de observação participante, dos quais aproveitei a oportunidade para entrevistar os moradores do asilo ou mesmo entregar as entrevistas. As observações e as entrevistas foram realizadas em dois períodos. O primeiro ocorreu entre novembro de 2016 e março de 2017, com uma maior concentração no mês de fevereiro de 2017. Em um mesmo dia foi possível realizar entrevistas com vários indivíduos, e também, na medida em que eu ia transcrevendo as histórias, já ia tirando minhas dúvidas nas próximas entrevistas e visitas ao asilo. Nesta primeira etapa, conversei de maneira mais aprofundada com sete velhos. Porém, um deles não quis que sua história fosse gravada e participasse da pesquisa. Outra gravação

ficou com um volume muito baixo e com ruídos, e infelizmente, teve que ser descartada. Assim, obtive um total de cinco histórias de vida válidas como dados para esta pesquisa.

Entre setembro e outubro, fiz mais quatro visitas ao asilo para poder confirmar as histórias de vida para os entrevistados. Apenas um deles, dentre os cinco, lembrava-se de mim. Todos foram corrigindo alguns nomes e anos que estavam errados no texto entre outras informações que agora conseguiam se lembrar com maior nitidez, e até mesmo se recordaram de algumas outras histórias que não haviam me contado nas primeiras entrevistas. Um fato que me chamou bastante atenção foi que nenhum dos cinco entrevistados se lembrava de ter me contado sobre sua história de vida. Alguns me perguntavam sobre onde eu havia conseguido aquelas informações. Então eu explicava que havia ido alguns meses antes e conversado com eles. Alguns se recordavam e outros não.

Quando lia as histórias, muitos dos velhos se emocionavam, recordando do passado. Outros ao redor ouviam a história também, com o consentimento do protagonista. Assim, outros velhos também pediram para serem entrevistados e contarem suas histórias. Falo com detalhes sobre isso no subtópico 5.3 o qual trata das entregas das entrevistas aos protagonistas.

Para garantir o caráter anônimo, todos os entrevistados são referenciados nesta pesquisa por nomes fictícios. Quanto à quantidade de sujeitos entrevistados na pesquisa qualitativa, na perspectiva de Godoi e Mattos (2006), este número não precisa ser previamente estabelecido, essa flexibilidade em não delimitar um número específico permite que o pesquisador possa aprofundar seus estudos voltando a campo se for pertinente.

Eu queria obter um corpo maior de dados para esta pesquisa, penso que mais dados poderiam vir a incrementar, ou mesmo complementar, esta pesquisa. Assim, entrevistei mais dois moradores do asilo. A segunda coleta de dados ocorreu entre setembro de 2017 e outubro de 2017, totalizando sete histórias de vida. Estas sete histórias se encontram no capítulo 6 desta dissertação, o qual apresenta os trechos das entrevistas e comentários referentes à observação participante e informações do diário de campo.

Quanto à gravação do áudio, tive um pouco de dificuldade, já que alguns velhos falavam baixo e também havia muito ruído no local. Acontecia também de outras pessoas passarem conversando por perto enquanto estávamos gravando. Outros velhos não escutavam muito bem. Assim, alguns trechos em que tive dúvida, eu tive que voltar a perguntar aos entrevistados, e assim, nas visitas seguintes eu já aproveitei para complementar os “buracos” que estavam no meio das histórias de vida.

Para complementar a observação participante eu optei por manter um diário de campo, tendo em vista que este é também um instrumento de registro de pesquisas. Taylor e Bogdan (1998) ressaltam a importância de o pesquisador manter as suas notas de campo o mais completo e preciso possível, pois compreendem que se não está escrito, não existe registros de que o fato existiu realmente.

Cavedon (2008) também recomenda o uso do diário de campo, como um instrumento de coleta de dados de tudo o que o pesquisador considerar importante para a realização de sua pesquisa.

O registro desses imponderáveis da vida real deve ser feitos em um diário de campo, onde o pesquisador irá narrar com acuidade todos os acontecimentos ocorridos dia após dia. As expressões próprias daquele grupo também serão anotadas, bem como os sentimentos do pesquisador (CAVEDON, 2008, p. 148).

Todos os dias após as entrevistas eu já anotava tudo o que fora relevante a respeito das observações que havia realizado. Durante o período da manhã vivenciava o asilo e no período da tarde, eu transcrevia as entrevistas, e assim, conforme eu recordava de mais algum ponto, também acrescentava ao diário de campo. Tudo o que observei e a forma como observei estão descritas com maiores detalhes no capítulo seguinte, no qual trato da minha imersão no campo de pesquisa.

Assim, além da observação participante e do diário de campo, utilizei a história oral de vida para a captação de dados. Pois a história oral permite que grupos não privilegiados possam ser ouvidos e que suas experiências adquiram sentido social, além disso, os sujeitos tem total liberdade para dissertarem sobre sua experiência pessoal (BOM MEIHY, 2002). Na visão de Ichikawa e Santos (2006) a presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral, e nessa perspectiva, ela proporciona significado social à vida de quem depõe e de quem lê, que conseguem entender a sucessão histórica, além de sentirem-se parte daquele contexto.

A tradição oral é um fator relevante quando se trata dos velhos, visto que os mesmos mantêm hábitos de transferir a cultura através de histórias e anedotas para os mais novos. Uma grande parcela da população dos velhos não teve acesso à alfabetização, 29,9% da população de velhos acima dos 65 anos não tem nenhum grau de instrução de acordo com a pesquisa do IBGE referente ao ano de 2015 (IBGE, 2016). Assim, transferir conhecimentos através da oralidade se torna primordial para os velhos. Dentro deste assunto, Bosi (2010) faz

um questionamento pertinente: “Por que decaiu a arte de contar histórias?” (BOSI, 2010, p. 84).

Para Bosi (2010), a resposta da pergunta inicial, pode estar na falta de troca de experiências pessoais, “A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão: ele se espanta com sua magia negra, mas cala-se porque é difícil explicar um Todo irracional” (BOSI, 2010, p.84). Nesta era tecnológica, em que o valor aos conhecimentos eruditos está cada vez mais se relacionando às pesquisas do *Google* do que aos conhecimentos pessoais e, até mesmo, do que aos livros, faz-se relevante retomar a questão da tradição oral dos velhos. Segundo Certeau (2012), existe uma quantidade de saber que não tem sido levada em consideração.

A ação de contar histórias exige o locutor e o interlocutor. “A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiências dos que os escutam” (BOSI, 2010, p.85). As histórias, contos e anedotas passadas de geração para geração através da tradição oral consultam apenas uma fonte: a memória.

As histórias de velhos narradores traduzem o que eles ativamente viveram. Nas lembranças de uma vida, vêm o bonito e o feio, o íntegro e o incoerente, o comum e o incomum, o sucesso e o fracasso, a alegria e o desespero, o amor e o ódio, a coragem e o medo, a luta e a preguiça, o que se acreditava correto e que hoje não o é mais (MORI, 1998, p. 25).

Na prática, na coleta de dados da história oral “pede-se ao sujeito que conte sua história da maneira que lhe é própria, do seu ponto de vista, e, através dessas histórias, nós tentamos compreender o universo do qual eles (os sujeitos que se contam) fazem parte.” (BARROS; LOPES, 2014, p. 54). Assim, acredito que ouvir e utilizar a história oral de vida dos velhos e utilizar essas informações como dados é a maneira mais coerente de alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa, uma vez que pela história de vida desses sujeitos é possível compreender a significação que investem no espaço em que estão inseridos. Conforme apontado por Joaquim (2016, p. 5): “As memórias nem sempre trazem informações completas, mas trazem uma riqueza imensurável”.

Portanto, as memórias são a fonte de dados principal desta pesquisa. Assim, entendo que compreender alguns aspectos da formação e funcionamento da memória pode auxiliar na obtenção de dados e posterior análise para a pesquisa. Assim, apresento na sequência um pouco sobre a teoria da memória em vista de auxiliar na coleta e análise dos dados desta pesquisa.

4.2.1 Memórias e lembranças dos velhos

Apresento uma breve discussão a respeito das lembranças e das memórias no intuito de aumentar a robustez teórica desta pesquisa para entender adequadamente as informações obtidas por meio das entrevistas. A discussão sobre memória é importante já que a história de vida, que é uma das técnicas metodológicas escolhidas para a confecção deste trabalho, exige que os entrevistados se recordem dos fatos ocorridos no passado. Portanto, torna-se imprescindível compreender teoricamente como é o funcionamento da memória pode melhorar a obtenção de dados, bem como a análise dos mesmos. Pois, como aponta Mori (1998, p. 25):

O lembrar do velho é uma constante tensão entre passado e presente, uma busca de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e apô-las às imagens de agora. Nesse exercício intenso e laborioso, eles trazem à baila as imagens que se formaram enquanto suas mãos e ideias construíram a vida cotidiana.

Para discutir a memória é necessário discorrer sobre a distinção entre percepções, lembranças e memórias. A formação da memória se inicia com as percepções e estas percepções podem ser explicadas, superficialmente, como dados selecionados pela nossa mente de acordo com aquilo que vemos e sentimos e que nos chama mais atenção (BERGSON, 2006). Já a lembrança, forma-se através das percepções que os indivíduos colhem de suas vivências, e vale ressaltar que estas lembranças recebem influências de vivências passadas destes indivíduos. Por exemplo, quando a mente tenta reconhecer uma nova informação recebida, se utiliza de outras percepções e lembranças que já são conhecidas pela mente do indivíduo no intuito de compreender com maior clareza o novo que se apresenta. Isso é explicado por Bergson (2006) que assume que a lembrança pura é a representação do objeto que não está presente. “Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 2006, p. 30).

Para Bergson (2006, p. 31) a memória acontece “enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e isso constitui a principal contribuição da consciência individual nas percepções”. A memória é construída pela sobrevivência de imagens passadas e estas se misturam com a nossa percepção do presente e podem ser substituídas, uma vez que toda experiência adquirida pode enriquecer a memória, fazê-la crescer, ou mesmo desaparecer dentro de outra (BERGSON, 2006). Isso porque atrás das

imagens do objeto o qual guardamos na memória, existem outras tão semelhantes a ele que podem confundir o próprio indivíduo sobre aquilo que se lembra com certeza (BERGSON, 2006).

Bergson (2006) representou a forma como criamos e construímos as memórias, conforme apresentado na figura 2. Para o autor, “nossa percepção distinta é verdadeiramente comparável a um círculo fechado, onde a imagem-percepção dirigida ao espírito e a imagem-lembrança lançada no espaço correriam uma atrás da outra” (BERGSON, 2006, p. 117).

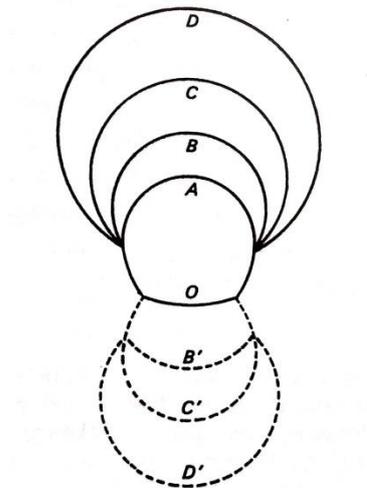


Figura 2: Círculos da memória.
Fonte: Bergson (2006, p.118).

A figura 2 apresenta o “objeto” propriamente dito, que se deseja guardar na memória, representado pela letra O. O círculo A, mais restrito e imediatamente perto do O, é a percepção imediata deste objeto construída pela nossa mente. Ainda, existem outros círculos, como o B, C e D, que correspondem ao que Bergson (2006) chama de esforços crescentes de expansão intelectual, ou seja, a totalidade da memória. Pois, “essa memória, que sua elasticidade permite dilatar indefinidamente, reflete sobre o objeto um número crescente de coisas sujeitas – ora os detalhes do próprio objeto, ora detalhes concomitantes capazes de ajudar a esclarecê-lo” (BERGSON, 2006, p. 119). Os círculos pontilhados da figura 2 apresentam as memórias que são transcritas umas sobre as outras, que faz parte da mecânica de funcionamento das memórias, e esta ocorre da seguinte maneira:

As lembranças pessoais, exatamente localizadas, e cuja série desenharia o curso de nossa existência passada, constituem, reunidas, o último e mais invólucro de nossa memória. [...] Mas esse invólucro extremo se comprime e se repete em círculos

interiores e concêntricos, os quais, mais restritos, contêm as mesmas lembranças diminuídas, cada vez mais afastadas de sua forma pessoal e original, cada vez mais capazes, em sua banalidade, de se aplicar à percepção presente e de determina-la à maneira de uma espécie englobando o indivíduo. Chega um momento em que a lembrança assim reduzida se encaixa tão bem na percepção presente que não se saberia dizer onde a percepção acaba, onde a lembrança começa. Nesse momento preciso, a memória, em vez de fazer aparecer e desaparecer caprichosamente suas representações, se pauta pelo detalhe dos movimentos corporais (BERGSON, 2006, p. 121).

A totalidade de memórias que temos é representada pela figura 3, que trata especificamente de como as imagens são formadas pela nossa mente. O cone SAB representa a totalidade das lembranças acumuladas da memória, de forma que a base AB está fixada no passado enquanto o vértice S está fixado no presente. O plano P é a representação atual que o sujeito tem do universo. Toda a imagem que se tem de um objeto se concentra em S, que faz parte do plano P, e assim, essa imagem recebe e devolve as ações referentes ao mesmo objeto (BERGSON, 2006). Isso significa que a representação atual da imagem que temos continua recebendo influências das lembranças mais antigas deste objeto.

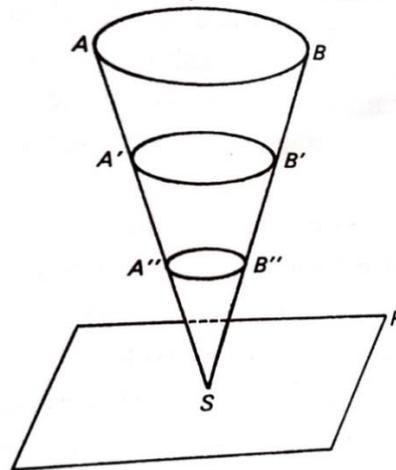


Figura 3: Formação da imagem pela memória
Fonte: Bergson (2006, p.190).

De acordo com Bergson (2006) a memória se dirige, primeiramente, às imagens mais antigas que se assemelham ao que já está registrado em nossa mente, e depois, duplica essa percepção para poder devolver uma imagem-lembrança parecida e se essa imagem não é capaz de atingir a totalidade da memória, então outros detalhes são projetados até que se complete a memória. Logo, “para refletir sobre uma percepção a imagem que recebemos dela, é preciso que possamos reproduzi-la, isto é, reconstruí-la por um esforço de síntese” (BERGSON, 2006, p. 115).

Halbwachs (2009) considera também que alguns acontecimentos da vida obrigam o indivíduo a se adaptar, ou ainda, deixar para trás algumas destas lembranças, de forma que imagens do mundo exterior atual se tornam partes inseparáveis do nosso eu. Pois, o corpo é responsável por escolher as lembranças no intuito de gravar o que nos será mais útil, sem o objetivo de armazenar todos os dados. Assim, as imagens que contêm maior carga de sentimentos ou estão relacionadas a acontecimentos importantes de quem os vivenciou, aparece com maior frequência (BERGSON, 2006).

Outra discussão importante dentro das memórias é a importância do processo coletivo na sua construção.

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam (HALBWACHS, 2009, p. 43).

Ressalta-se que só conseguimos nos lembrar do que vimos, fizemos, sentimos e pensamos; a memória de cada pessoa só pode ser construída a partir das vivências dela, e, acessadas pela mesma (HALBWACHS, 2009). Logo, ainda que outras pessoas nos ajudem a construir nossas memórias, só o próprio indivíduo consegue se recordar com as sensações relativas ao que experimentara da vivência.

Por exemplo, em um passeio sozinho por um determinado lugar, tende-se a notar certos detalhes, e um passeio no mesmo lugar com outra pessoa, tende-se a observar outros detalhes apontados pela outra pessoa. Por essa razão, Halbwachs (2009) propõe que as lembranças são construídas de maneira coletiva, pois outros nos auxiliam a perceber o ambiente de acordo com os seus interesses e assim, nosso olhar desperta para outros focos que passariam despercebidos se estivéssemos concentrados apenas nos detalhes de nossa própria mente, ignorando o olhar dos outros.

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que estivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento que recordamos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2009, p. 41).

Além da discussão da memória coletiva, outro assunto a ser abordado dentro da discussão de memórias é o tema do espaço-tempo. É necessário realizar uma discussão sobre isso pelo fato de que a faixa etária a qual estou estudando é muito distante da minha, e, por

essa razão, faz-se necessário compreender um pouco sobre como acontecem os entendimentos sobre as relações do espaço-tempo pelos velhos que estão no asilo. Uma primeira questão que norteia o porquê de discutir o tempo dentro desta pesquisa é que nós, como seres humanos, localizamos os fatos que ocorrem na nossa vida cotidiana no tempo e no espaço.

Muitas vezes o tempo faz pesar sobre nós um impiedoso constrangimento, seja porque achamos longo demais um tempo curto, porque nos impacientamos, porque nos aborrecemos, porque temos pressa para terminar uma tarefa ingrata, por termos passado por alguma prova física ou moral – ou, ao contrário, um período relativamente longo nos parece curto demais, quando nos sentimos pressionados e apressados, tratando-se de um trabalho, de um prazer, ou simplesmente da passagem da infância à velhice, do nascimento à morte (HALBWACHS, 2009, p. 113).

Conforme o excerto de Halbwachs (2009), existe uma diferença grande da sensação que o tempo causa nas pessoas de acordo com a idade, ou momento da vida, mas mais do que isso, pelas atividades que são realizadas pelos indivíduos. Por exemplo, temos a sensação de o tempo passar mais rápido em tarefas mais prazerosas e mais lentamente em tarefas tensas ou enfadonhas.

O velho, que guardou a lembrança de sua vida de criança, acha que os dias no presente são ao mesmo tempo mais lentos e mais curtos, o que significa que enquanto acredita que o tempo escoar mais lentamente, porque os momentos, como ele conta a sua volta, como o ponteiro do relógio os mede, se sucedem com tal rapidez que o ultrapassa, - não há tempo para preencher um dia com tudo o que facilmente uma criança consegue nele encaixar; como sua duração interior é lenta, o espaço de um dia lhe parece pequeno demais. Por essa razão, um velho e uma criança que vivessem lado a lado e não tivessem nenhum tempo de medir o tempo senão reportando-se suas impressões da duração e às divisões de sua vida interior comporta, não se entenderiam nem sobre os pontos de divisão nem sobre os pontos de extensão dos intervalos selecionados como unidade comum, que pareceria pequena demais para a criança e muito grande para as pessoas idosas (HALBWACHS, 2009, p. 117).

Dentro desta discussão, questiono-me sobre a clausura que o relógio nos impõe. Dentro do asilo os velhos tem um tempo tal que não conseguem utilizá-lo, o clima de tédio é recorrente, o tempo demora a passar. Oposto a isso, o tempo das pessoas de fora do asilo parece, a todo o momento, curto demais.

O tempo é relativo, bem como o espaço. Em relação ao espaço, os objetos podem nos dizer muito mesmo sendo imóveis (HALBWACHS, 2009). Isso porque o ambiente material deixa marcas nossas e das outras pessoas que convivem no mesmo espaço, assim, a maneira como nossas casas, móveis, maneira como ordenamos tudo isso dentro do espaço, vai definir o contexto da nossa vida (HALBWACHS, 2009).

Por fim, entendo que a discussão sobre memórias é um assunto relevante, não só na questão metodológica desta pesquisa referente à obtenção e análise de dados, mas na maneira pela qual olhei para meus sujeitos de pesquisa durante todo o percurso de estudos.

4.3 Análise dos dados

Os dados para esta pesquisa foram obtidos a partir de entrevistas em vista da confecção da história oral de vida e, também, pela observação participante e informações que foram anotadas no diário de campo. A análise destes dados, principalmente da entrevista, seguiram os passos recomendados por Bom Meihy (2002), Whitaker (2000), Gonçalves e Lisboa (2007), Barros e Lopes (2014) e Joaquim (2016).

A operação prática da história oral contempla um projeto que contém: tema, justificativa, hipótese de trabalho, escolha da colônia, formação da rede, entrevista, transcrição, conferência, uso e arquivamento (BOM MEIHY, 2002).

De acordo com Gonçalves e Lisboa (2007), as principais etapas do procedimento metodológico para o uso de história oral na modalidade de trajetórias de vida são: elaboração do projeto de pesquisa a partir de um roteiro, uso do termo de consentimento livre e esclarecido para a realização da pesquisa, definição do objeto de pesquisa, definição da questão problema, definição da amostra e critérios qualitativos, elaboração do roteiro de entrevista com base na questão problema, realização das entrevistas, processamento das entrevistas e codificação e análise das entrevistas e retorno dos resultados da pesquisa aos sujeitos.

Para Whitaker (2000), desde os procedimentos de transcrição das entrevistas até a sua interpretação devem ser seguidos criteriosamente para que a pesquisa tenha validade. A autora considera que o momento de transcrição da entrevista e o momento da escolha da teoria que ilumina a análise do material são os pontos cruciais da análise da história de vida. Assim, elaborei as questões em vista de poder obter as informações que fossem relativas aos temas de cotidiano e territorialização.

Sobre a questão da conferência, decidi que ler a história de vida a cada entrevistado para que esses me confirmassem se a história de vida transcrita estava de acordo com as informações da entrevista, ou no caso de não estarem corretas, me dissessem o que deveria ser alterado. E após a confirmação da veracidade e coerência, essas histórias foram devolvidas em forma de leitura e impressas para eles.

Bom Meihy (2002) recomenda que as entrevistas da história oral de vida devem ser separadas em grandes blocos, ou em grandes acontecimentos. No caso desta pesquisa, foram separados em cinco blocos: a infância, juventude e trabalhos executados, principais fatos marcantes da vida, a entrada no asilo e o presente. O bloco da infância tem por objetivo compreender mais acerca da vida do sujeito que está sendo entrevistado. O bloco da juventude e do trabalho visa compreender a maneira qual o indivíduo viveu a maior parte da sua vida e com o que se ocupou antes da vinda para o asilo. O bloco dos principais fatos marcantes da vida encontra aquelas memórias que trazem o que o indivíduo considera de mais importante na sua vida, seja em relação às conquistas ou mesmo os sofrimentos que deixaram marcas indeléveis em sua história. O bloco da entrada no asilo visa compreender o momento específico da adaptação deste idoso no local onde está internado. E, o bloco do presente está focado na realidade atual deste sujeito. Assim, as experiências subjetivas dos velhos pesquisados e a relação da vida individual com os contextos sociais podem emergir das entrevistas.

Coletei os dados seguindo o roteiro do Anexo A. Utilizei-o como um suporte e não como um roteiro fixo. Nem mesmo o levava para as entrevistas, na busca de deixar as entrevistas as mais livres possíveis. Após a coleta das entrevistas, separei os trechos de acordo com os assuntos em comum das histórias que os entrevistados me contavam.

Essa separação em blocos também auxiliou na organização e análise dos dados. Durante as entrevistas, muitas histórias eram misturadas pelos entrevistados, bem como os fatos eram lembrados e complementados fora da lógica temporal. Assim, com o auxílio dos blocos de informações sobre um só assunto, pude reorganizar as histórias de vida por esses tópicos de uma maneira lógica e coerente em relação à linha do tempo.

Whitaker (2000) apresenta que é necessário que o pesquisador conheça o contexto no qual a pesquisa é coletada. Dessa forma, realizei algumas atividades junto com os velhos no intuito de compreender melhor a realidade dos mesmos, como: participar de atividades da terapia ocupacional, sentar junto com os velhos para conversar, levar os cadeirantes para outros ambientes do asilo, auxiliar alguns velhos a se levantar, levar água para os velhos que solicitavam. Outro ponto ressaltado por Whitaker (2000) é a compreensão do contexto histórico que o entrevistado pertence, por isso é necessário que o pesquisador aprenda as práticas culturais do lugar em que se insere. Isso porque as histórias individuais fornecem informações a respeito da cultura, meio social, esquema de valores e de ideologias, uma vez que o sujeito é membro de uma coletividade e mantém interações com a mesma (BARROS; LOPES, 2014). “[...] cada palavra ali escrita precisa representar a essência da narrativa, para

que cada palavra ali disposta pertença a este narrador” (JOAQUIM, 2016, p.7). E assim, a partir da compreensão da realidade, tornou-se possível transcriber as histórias de vida e compreender os dados obtidos de uma maneira mais clara e profunda.

De acordo com Barros e Lopes (2014), o sujeito tem um papel central na história de vida, pois em alguns tipos de pesquisa, só conseguimos compreender alguns fenômenos a partir dos sujeitos, e estes sujeitos conseguem capturar e obter experiências individuais de certos acontecimentos, que são importantes para os pesquisadores.

Assim, é importante que o pesquisador questione, conforme Whitaker (2000, p.148): “Ao analisar, por exemplo, uma história de vida, está realmente o cientista social captando o sujeito, as determinações, as mediações, o processo?”. Interpretar as teorias a partir das histórias de vida não é uma prática trivial, visto que “[...] o que se manifesta através do relato e nele se reconstrói é o campo da subjetividade, com seu caráter individual, singular, único, construído concretamente na experiência do coletivo” (BARROS; LOPES, 2014, p. 42).

Por essa razão, outro aspecto a ser considerado durante as transcrições é que não só a linguagem que é expressa por palavras é importante, mas toda a emoção, os sentimentos, as expressões e silêncios que dizem tanto ou mais do que as palavras. Sobre isso, Joaquim (2016, p. 6) propõe que:

Ao “transformar” a fala em escrita, não há como não interferir e modificar a fala do narrador. Por este motivo, defende-se que não é possível fazer uma transcrição ou tradução do que é falado, então, para tentar manter no escrito uma maior proximidade com o que foi dito, propõe-se uma ampliação da transcrição tradicional, que levará em conta também os aspectos velados, não ditos, e, também, a linguagem não verbal.

Isso significa que as histórias de vida passam por uma transcrição, ou seja, são embutidos elementos no texto de maneira que o leitor consiga compreender um pouco da realidade que foi contada para o pesquisador.

[...] ao transcriber uma entrevista, o pesquisador pode [e deve] suprimir o jogo de perguntas e respostas e propor um texto único, corrido e de fácil leitura. Para trazer para o texto a emoção, a atmosfera e o ritmo da fala na experiência do encontro, é preciso modificar e reordenar, permitir que determinada fala apareça [mesmo quando não dita] e remontar esta aura que permeia a narrativa de modo que o leitor também experimente essa narrativa (JOAQUIM, 2016, p. 6).

Grande parte dos trechos das entrevistas está em sua forma original. Porém, alguns trechos receberam alguns complementos posteriormente. Isso porque algumas dúvidas referentes à história de vida de alguns dos velhos foram esclarecidas em outras conversas que

não foram gravadas, mas que estão presentes no diário de campo. Erros de português foram suprimidos em sua maioria.

Os dados do diário de campo foram utilizados para tanto para complementar as histórias de vida como para compor o capítulo de imersão no campo. A organização destes dados seguiu uma lógica temporal. À medida que ia escrevendo o diário de campo, já deixava por escrito as minhas impressões a respeito dos acontecimentos e isso facilitou na elaboração tanto do texto quanto da organização dos tópicos desta pesquisa. Ademais, foi de grande auxílio no que tange ao meu entendimento a respeito da compreensão dos fatos, facilitado por escrever e pensar sobre o assunto e rememorar algumas das histórias de vida.

Observando as sugestões dos pesquisadores apresentados para as metodologias, após a obtenção dos dados, busquei dentro das entrevistas e das histórias transcritas os elementos teóricos para compreender como acontece o processo de territorialização dos moradores em um asilo da cidade de Maringá a partir de suas práticas cotidianas.

Na sequência apresento a minha imersão no campo.

5. IMERSÃO NO CAMPO

Neste capítulo explico como foi adentrar no campo de pesquisa para que o leitor possa visualizar com maior detalhe quais foram as minhas primeiras impressões, a forma como ocorreu o contato com os sujeitos de pesquisa e como adentrei no campo. Além disso, descrevo o cotidiano do asilo, com suas rotinas e as práticas realizadas pelos moradores do mesmo.

5.1 Primeiros passos e primeiras impressões

O asilo escolhido para esta pesquisa e que comporta os sujeitos pesquisados é uma entidade filantrópica, enquadrada como uma Instituição de Longa Permanência para Idosos e que recebe pessoas de ambos os sexos com 60 anos de idade ou mais. Esta entidade recebe pessoas que possuam ou não vínculos com a família, que sejam independentes ou dependentes, ou ainda que estejam em situação de risco pessoal ou social. Atualmente, conta com cerca de 100 moradores, a maioria do sexo masculino, que recebem serviços de alimentação, cuidados com a saúde, vestuário e higiene pessoal.

Iniciei a minha trajetória no campo de pesquisa em novembro de 2016. Imaginei que conhecer o asilo antes de findar o escopo da pesquisa seria importante, mesmo antes do aprofundamento teórico, para que eu dispusesse de uma primeira impressão. Presumi que um primeiro olhar me deixaria mais segura no tocante ao relacionamento com meus futuros sujeitos de pesquisa e que isso me poderia auxiliar sobre o comportamento mais adequado a ser mantido por mim no decorrer da pesquisa. E até mesmo, as primeiras percepções poderiam servir como dados a serem contrastados com os dados obtidos durante e após finalizar a pesquisa.

Definido isto, decidi fazer uma visita a um asilo que fora sugerido por alguns amigos de minha família que acompanham e auxiliam em projetos filantrópicos deste asilo. Fui acompanhada da minha mãe em um sábado à tarde, dia em que é permitido que familiares e a comunidade interajam com os moradores do asilo. Nesta visita, conheci alguns membros do conselho do asilo com os quais falei brevemente a respeito da minha pesquisa. Este primeiro contato foi importante, já que me permitiu abrir as portas para a pesquisa que se iniciava. Os diretores com os quais tive contato se mostraram abertos a pesquisas e pareciam estar

acostumados a este tipo de solicitação, eles me indicaram o departamento responsável por regular os trâmites de pesquisas e o nome dos responsáveis para que eu pudesse entrar em contato.

Nesta primeira visita, ajudei a distribuir o café da tarde para os velhos. O café consistia em bolos, bolachas, café e refrigerantes. Os visitantes são convidados a ajudar com essa pequena ação, do mesmo modo que são instigados e instruídos a conversar com os velhos por alguns voluntários que estão mais familiarizadas com o asilo e até mesmo por alguns moradores mais lúcidos do asilo que auxiliam na organização destas práticas. Os velhos estão acostumados a serem servidos pelos enfermeiros e pelos visitantes, sem fazer muita distinção, recebem o alimento sem questionar. Alguns solicitam uma ou outra preferência sobre o que desejam comer, mas é raro. Recordo-me de um senhor que aceitou o refrigerante que lhe fora servido e quando tomou me disse: “me traz outro, porque esse café está estragado”. Esta fala, um tanto quanto cômica, reflete a falta de percepção aos detalhes, o não questionamento, apenas agir conforme o costume, receber e só depois perguntar ao invés de perguntar ao receber.

Ainda sobre o meu primeiro dia, pressupõe-se que se converse com os moradores em uma visita ao asilo. Assim, conversei com os velhos como visitante da comunidade, não como pesquisadora, já que ainda não havia obtido as autorizações necessárias. Conversei com cinco moradores que estavam disponíveis no pátio e que estavam dispostos a conversar. Pude encontrar estes mesmos moradores por diversas vezes durante a observação participante e alguns deles foram entrevistados. Estas primeiras conversas foram rasas, no limite qual uma conversa com desconhecidos se permite. Iniciava a conversa me apresentando com um: “Oi, tudo bem? Meu nome é Jessica e o seu?”, alguns respondiam vagamente, outros eram um pouco tímidos no início, e outros ainda já se preparavam para conversar com assuntos gerais e mesmo a respeito da própria vida. Era nítida a espera pelas visitas, mesmo que de desconhecidos no sábado à tarde. Alguns moradores que estavam sozinhos buscavam o contato visual com os novos visitantes com o propósito de iniciar uma conversa. Tentavam mostrarem-se disponíveis.

O ambiente estava bastante movimentado, naquele dia havia uma apresentação musical com violão e cantores de músicas sertanejas antigas, ou da época de juventude dos moradores do asilo. Alguns velhos pareciam gostar de toda a animação e acompanhavam em coro as letras das músicas, enquanto outros que já estavam habituados a este tipo de evento, eram simplesmente indiferentes.

Como estávamos em meados de novembro, o asilo se preparava com decorações com o tema do Natal, enfeites de árvores de Natal, chapéus de Papai Noel e presentes. Meses depois, descobri que marcar e dar importância às festividades eram técnicas dos profissionais da saúde para manterem os velhos em contato constante com a realidade e servia como um auxílio para que o cognitivo dos velhos continuasse compreendendo as questões de data e localização no tempo.

Devo acrescentar que a sensação da primeira visita foi muito diferente da sensação das visitas subsequentes. Percebo que em um primeiro momento, tive sentimentos de pena e dó pela fragilidade dos velhos. Mas, com o passar das visitas, com as observações e as conversas, comecei a visualizar o asilo e seus moradores por diversos ângulos. A cada entrevista e diálogo ficou mais evidente que cada velho é um universo a ser descoberto. Pois, cada um deles contém histórias, anedotas, fatos, alegrias e tristezas que podem ser destrinchados. Eles trazem na memória algumas histórias sobre fatos do país e das cidades nas quais viveram que não estão em livros didáticos. Cada um tem sua opinião sobre o que é mais importante na vida, e que comumente, converge com a importância da família ou do seu próprio papel na sociedade e ainda, desembocam em conselhos de vida para os mais novos.

Muitos dos velhos que encontrei gostam de falar, mas não parecem ter muita oportunidade de ter quem os escute, mesmo rodeados de muitas outras pessoas que estão em situação semelhante à dele, mantêm-se, na maior parte do tempo, calados. Elogiam a simpatia, o sorriso e a atenção como se fossem feições raras de verem.

Existe uma multiplicidade de comportamentos a serem observados, pois todos os indivíduos são diferentes. No asilo existem velhos divertidos e alegres, que gostam de conversar e outros que odeiam estar ali e estão obrigados porque não tem outro lugar para ir, nem parentes com capacidade para acolhê-los ou que os querem em suas casas. Há uma variedade de emoções que torna utópico tentar encontrar um padrão entre os velhos ou mesmo prever seus comportamentos e ações, ou ainda definir os porquês destas ações com um primeiro olhar raso. Percebi que compreender alguns poucos poderia ser mais enriquecedor para esta pesquisa do que conversar com muitos sem profundidade.

Assim, ficou mais claro como eu deveria proceder com toda a pesquisa. Depois desta primeira visita, busquei o aprofundamento teórico e organizei a documentação necessária para iniciar a observação participante no asilo, bem como as perguntas que estariam presentes no meu roteiro de coleta de informações para compor a história oral de vida.

A assistente social responsável pelo asilo é quem se responsabiliza pelas pesquisas e projetos que acontecem lá dentro. Pela questão dos trâmites documentais e pelas férias de

alguns funcionários que me acompanhariam e me auxiliariam durante a pesquisa, só objective a liberação para pesquisar a partir de fevereiro de 2017 com um número limitado de 12 visitas. Foi acordado que eu poderia passar as manhãs com os velhos, no período entre as 09h30min até às 13h30min. Depois me foi permitido algumas visitas a mais no asilo, para que eu pudesse entregar as histórias de vida aos protagonistas.

Este horário fora estipulado tendo em vista a menor perturbação possível da rotina dos velhos. Os enfermeiros terminavam o banho dos velhos perto do horário que eu iniciaria a observação, assim todos já estariam disponíveis para serem entrevistados, despertos, alimentados e limpos. As outras atividades que aconteciam na sequência como: a distribuição do café com leite, a administração dos remédios logo na sequência do café com leite e o almoço, ocorriam todas no pátio, facilitando meu contato, observação e obtenção de entrevistas com os velhos, sem causar distúrbios na rotina. Além disso, fora permitido que eu acompanhasse das atividades oferecidas pela terapia ocupacional e pela fisioterapia aos velhos, que também ocorriam pela manhã dentro deste intervalo de tempo.

Tive a liberdade de circular pelos aposentos de convívio social dos moradores. Havia apenas a restrição de não poder entrar nos quartos dos velhos, enfermaria e locais que são restritos para visitantes no geral. Essa restrição é totalmente compreensível visto que os velhos podem estar dormindo, se trocando, tomando banho, sendo trocados pelos enfermeiros, e minha presença poderia constranger a estas pessoas, sem nenhum ganho para a pesquisa. Acredito que esta questão não atrapalhou ou interferiu nos resultados desta pesquisa.

Também fora acordado que o nome do asilo deveria ser mantido em sigilo, por essa razão, não faço uma descrição tão detalhada da estrutura do asilo, apesar de descrever alguns de seus espaços, e nem mesmo apresento fotos do local. Pois existem poucos asilos na cidade de Maringá e uma foto do lugar ou detalhamento de seus espaços, obviamente, revela qual asilo acolheu minha pesquisa.

Para me inserir no campo, estava-me claro que era necessário que eu incorporasse as práticas dos velhos, para só assim ter a capacidade de compreendê-los. Ocorre que algumas das práticas que são realizadas por eles diariamente, eu não poderia realizar. Alguns velhos têm membros como mãos e pernas amputadas e assim necessitam de um auxílio maior, outros velhos não têm sanidade, e esquecem-se facilmente do que acabou de acontecer. Essa realidade eu sabia que não conseguiria alcançar com minha pesquisa, a de realmente sentir na pele o que é viver em um asilo, ou mesmo, ser velho.

Porém, era necessário que eu realizasse ações para definir um papel ali dentro durante a pesquisa. Comecei exercendo ações mínimas, tais como: buscar um copo de água,

posicionar algumas cadeiras de roda na mesa para o almoço, alcançar algum objeto, ajudar alguns a se levantarem da cadeira, auxiliar a levar as cadeiras de roda para algum outro espaço que o velho quisesse. Mas na maior parte do tempo, o que eu mais fazia era apenas conversar. Por vezes ouvia lamentos, era questionada sobre a vida para além dos muros do asilo, sobre como estavam algumas avenidas que os velhos tinham lembranças, sobre as mudanças da cidade. Tentei interagir no máximo de liberdade que me fora dada.

Por fim, pensei por diversas vezes ter ocupado o lugar de pesquisadora, mas para muitos deles, a minha função era a de conversar com eles com o objetivo de entreter ou talvez confortar as manhãs, conforme disse Carlos: “o seu trabalho é esse, o de vir aqui falar com a gente, fazer o tempo passar”. Por conseguinte, esse era o meu posicionamento, um alguém que lhes oferecia atenção em algumas horas de seus dias, e estava disposta a ouvir tanto quanto perguntava. Dessa forma, eu sabia que seria necessário que eu me interessasse verdadeiramente pelas histórias de vida deles.

Não é possível ouvir sem interesse, ainda mais dentro de uma pesquisa qualitativa em que todos os detalhes são importantes, pois podem trazer informações que serão essenciais no decorrer da pesquisa e implicar nos resultados. Assim, tentei manter todos os meus sentidos, bem como a minha memória, os mais aguçados possíveis. Escrevi em meu diário de campo todos os dias imediatamente após as entrevistas e observações. Não levava papel e caneta para anotar, pois, percebi que isso chamava muito atenção e deixavam os moradores mais constrangidos do que o gravador durante a entrevista.

Verifiquei que os velhos estavam acostumados ao gravador, alguns já haviam sido entrevistados por outros pesquisadores, visto que o asilo é bastante aberto aos profissionais de várias áreas do conhecimento, como: enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, entre outros, e assim, não houve muito estranhamento quando eu pedia para gravar a conversa. Além disso, contar da própria vida era uma atitude muito natural para eles, falar sobre si mesmo era uma ação que eles estavam habituados a fazer todos os finais de semana durante as visitas para muitos desconhecidos que vão conhecer os trabalhos do asilo. Desde a primeira visita ao asilo já pude constatar que muitos dos moradores do asilo já tinham uma história de sua vida na ponta da língua para contar para os visitantes que chegavam. E isso também se repetiu durante as entrevistas.

Findada a descrição de minhas primeiras impressões sobre o asilo e seus moradores, sigo agora para a descrição do cotidiano do asilo que pude observar, conviver, frequentar e me relacionar durante a pesquisa.

5.2 O cotidiano observado e vivido

A rotina do asilo é fixa, os horários são controlados e todas as atividades parecem dever fluir dentro do tempo determinado. Dentro do asilo, existem horários e rotinas que são respeitados por todos, desde os funcionários e muito mais pelos próprios moradores.

Conforme me foi descrito, o dia se inicia com o café da manhã, que é servido às 7 horas. Logo após, os velhos são encaminhados para o banho. Para seguir rigorosamente o horário, pela manhã vários dos moradores esperam em uma fila o momento de o banheiro desocupar, mesmo quando poderiam fazer outras atividades neste meio tempo. A maioria fica bastante preocupada em se atrasar dentro da rotina do asilo. Grande parcela dos moradores do asilo é constituída de cadeirantes, o que leva a um longo período de tempo dentro desta atividade. Comumente, o banho de todos os moradores finaliza perto das 09h30min, salvo nas quintas-feiras, dia em que os homens fazem a barba, e, isso prolonga mais ainda a atividade.

Às 10h é servido um lanchinho ou um café com leite para que os estômagos dos velhos fiquem forrados, porque logo na sequência são administrados os remédios a eles. Todos os velhos que conversei reclamaram dos remédios, mas sabem que é necessário para uma melhor qualidade de vida, ou ainda, não acreditam que estes funcionem, mas sabem que precisam ceder a esta imposição. O grande incômodo, conforme me foi dito, é causado pela alta quantidade de comprimidos e pelo desconforto gerado ao engolir.

Ouvi reclamações de alguns velhos sobre os remédios, diziam que lhes faziam mal, mas ao mesmo tempo, quando a enfermeira se aproximava, pediam doses extras de algumas medicações. Uma contradição que mostra que mesmo descrentes sobre os efeitos ou imaginando que poderiam ter algum prejuízo em sua saúde, necessitam das cápsulas e pílulas para aliviar as dores ou manterem seus níveis de colesterol, diabetes, pressão, entre outros, controlados. A maioria é bem consciente sobre a necessidade de tomar corretamente seus medicamentos de uso contínuo. Não tive contato com nenhum morador do asilo que não tomasse nenhum remédio, todos precisavam de pelo menos alguma medicação diária ou mesmo de vitaminas, que são distribuídas neste mesmo momento.

O horário da medicação se repete três vezes ao dia, de acordo com a necessidade de cada um dos moradores. Os enfermeiros responsáveis pela medicação a separam em pequenos recipientes que contém o nome de cada um dos moradores, com o objetivo de oferecer a medicação certa para a pessoa destinada a ela. Vale ressaltar que os enfermeiros conhecem os

velhos pelo nome. Junto com os remédios, os enfermeiros oferecem um copo de água na sequência para facilitar na deglutição do conteúdo do recipiente. É comum que o enfermeiro responsável por medicar, espere que o velho engula os comprimidos que lhe foram dados, pois, alguns deles cospem o conteúdo ou somente fingem que tomam.

Durante a semana acontecem atividades de fisioterapia e terapia ocupacional, intercaladas entre os dias. Estas atividades ocorrem logo após o banho e se estendem até o horário do almoço. Verifico que não há uma grande participação dos velhos nas diversas atividades que são oferecidas pelo asilo.

Essas atividades são consideradas opcionais para os moradores do asilo, logo, ninguém é obrigado a participar, ainda assim, os profissionais sempre convidam e instigam os velhos que nunca comparecem às sessões. Os profissionais de saúde convidam os velhos para realizarem as atividades que oferecem, porém, não os forçam e nem insistem com os velhos que não desejam. Com o passar do tempo e também por estarem a par da situação de saúde de cada velho, já sabem quem são as pessoas que terão algum ganho na qualidade de vida e tentam incentivá-las a comparecer nas atividades. A realização deste tipo de atividade é importante, não só para o bem estar físico da pessoa, mas psíquico, conforme Guerra e Caldas (2010) se manter ocupado com atividades auxiliam em uma maior qualidade de vida na velhice.

Quanto à atividade de fisioterapia, alguns velhos compreendem a importância da realização das tarefas para um ganho no físico. Assim, alguns deles já esperam na fila desde o início do atendimento pela sua vez e também já são conhecidos pelos profissionais por comparecerem sempre. Outros velhos não passam nem perto da porta da sala de atendimento e quando são convidados a iniciar ou experimentar as atividades, dão algumas desculpas ou vão apenas algumas vezes, sem dar sequência a um tratamento que poderia trazer uma melhora substancial. Conforme o próprio profissional da fisioterapia do asilo, o ganho nesta faixa etária é complicado, o trabalho realizado pela equipe tem o intuito de ajudar a diminuir as dores ou estabilizar o quadro dos velhos. Porém, quanto mais o tempo passa e os movimentos físicos deixam de ser realizados, a postura fica a maior parte do tempo em posição irregular, ou ainda, a fraqueza se intensifica com o avanço da idade, os ganhos e melhoras com um tratamento são minimizados.

Em relação às atividades realizadas pela terapia ocupacional, esta tem menor participação ainda do que a fisioterapia. O número de participantes varia de acordo com o tipo de atividade realizada. A participação nas atividades da terapia ocupacional é de 15 pessoas em média, mesmo com o asilo contendo cerca de 100 velhos hospedados que poderiam

participar. Uma das atividades que os velhos mais gostam de fazer é a de pintar, e assim, esta consegue manter uma maior adesão de participantes.

As atividades realizadas pela terapia ocupacional, conforme me foi dito pelo profissional da área, tem o objetivo de trabalhar com a coordenação motora, o cognitivo e o envolvimento social dos velhos. Muitos moradores do asilo apresentam algum tipo de debilidade e ao mesmo tempo outros setores em boas condições, por exemplo, velhos que tem sua coordenação motora com menor capacidade, mas possuem bom cognitivo e relação social, ou o contrário. Por essa razão, as atividades são pensadas com o intuito de desenvolver todas as capacidades dos velhos e permitir que possam participar independentemente da existência de alguma debilidade. Porém, os velhos que não tem facilidade em manter relações sociais, por exemplo, dificilmente vão querer participar deste tipo de atividade, mesmo que possuam um bom cognitivo e uma boa coordenação motora.

Tive a oportunidade de assistir e participar de muitas das atividades realizadas pela terapia ocupacional. Foram organizadas gincanas, pinturas, brincadeiras de perguntas e respostas com temas relacionados aos feriados da época, músicas, enfim, diversas atividades que divertiam os velhos ao mesmo tempo em que os estimulavam de alguma forma. Confesso que achei muito bonito vê-los realizar algumas das atividades como: colorir desenhos, ou mesmo participar das gincanas. Foi interessante notar as relações que surgem, como eles mesmos ficam orgulhosos por verem seus desenhos expostos e sendo elogiado pelos outros companheiros, e também os outros companheiros ficarem enciumados por não terem desenhos para expor, pois não participaram da atividade, mesmo tendo todos sido convidados e optado por não ir. As emoções são claras quando se trata dos velhos. A maioria parece não se importar com a opinião alheia e falam o que lhes vem à cabeça. As reações, por diversas vezes foram tão espontâneas e inocentes que chegavam até a causar graça.

Dentro do asilo existe uma capela e uma gruta, onde são realizadas missas e orações. Porém, da mesma maneira que ocorre com as outras atividades, participam de 15 a 25 velhos dependendo do dia dos eventos da capela. A maior parte dos internados se considera católica. As missas também tem horário definido e acontecem duas vezes na semana e sempre que há algum dia festivo ou importante para a religião. Comumente as celebrações são realizadas pelo mesmo padre. Ressalta-se que o asilo permite que todos os velhos professem sua fé ali dentro, já que existe uma multiplicidade de religiões dentro do asilo. Porém, é menos frequente pelo menor número de pessoas, apesar de acontecer.

Outra prática do asilo que me chamou atenção foi o fato de o asilo disponibilizar cigarros para os velhos. Observei que os velhos que são fumantes recebem um maço de

cigarros por dia pela manhã. Imagino que permitir este pequeno prazer é um modo de deixar que a pessoa sinta um pouco de liberdade. Apesar disso, o asilo não é um lugar que exala o sentimento de liberdade, longe disso.

Ao contrário das atividades oferecidas relacionadas à saúde que tem pouca adesão, o uso de cigarros é muito frequente. Logo após a entrega dos maços de cigarros, vários dos moradores fumantes já começam a fumar e alguns só param quando o maço acaba. Essa prática gera desconforto para os moradores que não são fumantes, uma vez que os fumantes não respeitam os espaços para fumar e acabam espalhando o odor que não é agradável a todos por todos os espaços de convívio comum. Além disso, derrubam as cinzas e as bitucas de cigarro em todos os espaços. Existem lixeiras espalhadas pelo asilo para que os fumantes depositem, mas são poucos os que respeitam.

Enquanto aguardam o horário de almoço, alguns dos velhos passeiam pelas áreas de convívio do asilo e outros ficam assistindo televisão. Há algumas televisões no pátio e em áreas comum a todos que funcionam o dia todo e muitos dos velhos a assistem. Alguns dos moradores ficam bravos com os outros velhos que passam na frente da televisão e atrapalham que assistam.

O almoço é servido às 11h, mas é possível verificar uma grande movimentação desde as 10h30min, ou mesmo às 10h, dos velhos se dirigindo para o refeitório. Em um dos dias de observação, por volta das 10h, eu conversava com uma das moradoras que é cadeirante, e outra moradora que costuma acompanhá-la nas atividades nos interrompeu, pois, queria levar a cadeirante para o refeitório. Ela estava preocupada em não chegar atrasada para o almoço. Verifiquei que os cadeirantes e outros velhos que precisavam de algum apoio eram posicionados antes dos outros moradores no refeitório, já que as enfermeiras os vestem com aventais para que não se sujem e isso leva um tempo. Porém, o refeitório estava a apenas 2 minutos de distância do local em que eu conversava com a cadeirante, elas chegariam quase 1 hora antes do horário de início do almoço. Isso me demonstrou o alto grau de respeito que os moradores do asilo têm pelas normas impostas.

A questão dos horários e rotinas fixas é importante para que os velhos que estão instalados no asilo se acostumem com uma lógica. Isso é necessário para o caso de vários velhos do asilo, já que alguns com muita idade e outros esquizofrênicos, necessitam destas lógicas para que não entrem em colapso. Ademais, a fixação de rotina permite uma facilitação quanto ao trabalho dos profissionais que atuam no asilo.

Porém, existem outros velhos internados que não necessitam de ajuda e nem de rotinas, mas eles são obrigados a seguir as regras impostas a toda a instituição e a realizarem

as atividades que são oferecidas no horário estipulado. É interessante notar que ao mesmo tempo em que alguns velhos descem às 10h para o refeitório, outros só descem às 10h50min e outros ainda 11h10min. Portanto, mesmo dentro de um horário estipulado, muitos deles realizam atividades como táticas para não ficar esperando muito tempo.

A questão do posicionamento na mesa de refeição também é interessante, pois os enfermeiros posicionam as pessoas em ordem de chegada ao refeitório à mesa, a fim de facilitar o posicionamento das cadeiras de roda. No caso das pessoas que tem maior mobilidade, estas se sentam em outras mesas e algumas escolhem seus lugares. Verifiquei também que vários velhos que tem mobilidade, são conscientes e conseguem perceber a existência de vários lugares vagos, pedem que os cuidadores encontrem um lugar para que possam se sentar. Assim, esquivam-se da preocupação de escolher se sentar com um ou outro indivíduo.

O fato de que os velhos não escolhem onde vão sentar me chamou atenção, entendi que eles não territorializam o espaço do almoço. Ou seja, não tem a sensação de pertencimento daquele espaço como deles. Verifiquei que os almoços aconteciam de maneira bastante silenciosa, com conversas breves, isso quando ocorriam. Em um primeiro momento pensei que como os velhos não escolhem seus lugares, eles não se sentam perto de seus colegas. Mas, com as observações e entrevistas percebi que é muito raro os velhos criarem relações com outros velhos no asilo. A maioria passa mais tempo solitária do que tentando criar laços de amizade.

Esta questão também me chamou atenção, já que todos ali têm muito tempo de convívio uns com os outros e a oportunidade de estarem sempre juntos. Além disso, todos ali estão em uma situação semelhante, claro que com histórias e sentimentos muito distintos, mas todos estão no asilo. Por essa razão, imaginei que eles seriam mais próximos uns dos outros. Pelo que verifiquei, as informações a respeito da história de vida dos outros indivíduos, o modo como os outros agem, tudo isso é observado e cada um dos moradores tem uma opinião a respeito dos outros moradores. Porém, no momento de iniciar uma relação ou manter algum laço afetivo, a maioria se isola ou não se permite.

Nem todas as relações são fáceis dentro do asilo. Em uma das observações participantes, uma das enfermeiras me disse que os velhos não se tornam 'santos' ao entrarem no asilo, mas, continuam mantendo sua personalidade e suas características que podem facilitar ou dificultar o convívio com outros moradores. Ocorreu em vários dias de observação de um ou outro velho começar a gritar e a situação ficou conturbada. Com os gritos, outros velhos começavam a gritar em conjunto e outros ainda gritavam para que os primeiros

parassem. Os enfermeiros foram conversando com os velhos mais alterados um a um, separavam os moradores mais alterados em ambientes distintos. Quando a situação estava controlada, sugeriam que o indivíduo não agisse mais daquela maneira para não atrapalhar os colegas e a tranquilidade do local, embora soubessem que esta situação iria se repetir novamente.

Como não seria possível que eu observasse a rotina da parte da tarde e da noite, por conta dos horários combinados, documentados e assinados com a direção do asilo, as informações sobre estes momentos foram obtidas através de entrevistas e conversas informais, tanto com os entrevistados quanto com os funcionários do asilo, durante a observação participante. Depois do almoço é servido um café da tarde, e após, é servida a janta. Em seguida a estas atividades, a maioria dos velhos se recolhe para dormir em seus aposentos. Alguns deles possuem televisão e compartilham com os colegas de quarto. Estes assistem por um período, comumente até acabar a novela e se recolhem. Outros velhos assistem às televisões dispostas nas áreas comuns a todos, também no período da noite. Alguns velhos gostam mais dos jornais e outros de novelas e filmes, os canais são escolhidos de acordo com a vontade da maioria de assistir determinado programa.

O asilo também dispõe de um dia com o auxílio de profissionais de beleza que atuam nas funções de um salão de beleza, com cortes de cabelo e fazer as unhas. Foi interessante notar, já na primeira visita, que a maioria das velhas do asilo estava de unhas feitas e se orgulhavam em mostrar para os visitantes. Ademais, elas também se produziam, passavam batom e utilizavam colares e pulseiras para receber os visitantes.

Outras atividades acontecem dentro do asilo de maneira pontual e com menor frequência, mas são bastante citadas pelos velhos, como por exemplo, a ida em cinemas e teatro. Os velhos se divertem muito até mesmo lembrando destas atividades, apesar disso, conforme foi observado pelos profissionais da saúde, nem todas as atividades fora do asilo são possíveis de serem executadas, ou mesmo são dificultadas, pela falta de acessibilidade dos lugares. Um cinema, por exemplo, não tem a capacidade de receber muitas cadeiras de rodas, e quando recebem, estas cadeiras ficam em uma posição que dificulta a visualização do filme por parte do velho. Logo, muitas das atividades que são rotineiramente fáceis de serem executadas na cidade, precisam de alguma adaptação para que os velhos possam usufruir.

Mais uma diferente atividade também mencionada pelos velhos foi a de ir a chácaras, onde podem ter contato com a natureza, pescar e passar um dia diferente do dia de dentro do asilo. Nos dias que ocorrem esta atividade, os velhos são levados para alguma chácara e passam a manhã e a tarde e voltam para o asilo na parte da noite.

Quanto às saídas dos velhos para além dos limites do asilo, isto só é permitido com o acompanhamento de alguém do asilo ou com algum familiar que se responsabilize pelo velho. Ocorre que vários dos velhos ainda são lúcidos e podem executar algumas atividades na cidade. Porém, o acompanhamento por algum membro do asilo é sempre solicitado em virtude da segurança.

Em relação aos quartos dos velhos, foi-me dito que este é dividido em cerca de cinco moradores, a maioria compartilha o mesmo guarda-roupa, porém cada um tem a sua cama, suas roupas e seus pertences. Os pertences são marcados com os nomes dos velhos, pois, alguns não apresentam lucidez e não conseguem distinguir entre o que lhe pertence e o que é do outro e essa ação, de marcar o nome, auxilia a evitar confusões e situações embaraçosas. Como por exemplo, quando um velho se veste com as roupas do outro.

Uma última observação ainda vale ser feita e apontada. Quando eu já havia ido cerca de cinco vezes no asilo, não conseguia mais enxergar o que poderia haver para observar. Infelizmente existe um clima de tédio que é muito grande. Os velhos parecem bastante habituados com isso, alguns me disseram: “aqui é uma vida que a gente não faz nada”. Com o passar do tempo fui-me acostumando, percebi que a relação de tempo deles é diferente da que eu tinha. Enquanto eu conversava com os velhos o tempo passava, achava interessante, da mesma forma ocorria com observar e participar das atividades, mas quando me deparei observando o “não fazer nada” foi realmente incomum. Apesar de me sentir incomodada, só pude visualizar com maior detalhe neste aspecto depois dos conselhos da banca de qualificação, a qual fez minha mente se abrir para novos olhares.

Por fim, estas foram as práticas observadas no asilo pesquisado e que compõem parte dos dados da pesquisa. Na sequência, apresento outras impressões referentes à entrega das entrevistas aos velhos.

5.3 Entregas das entrevistas aos protagonistas

Mais satisfatório do que escrever as histórias, foi entregar estas para os meus entrevistados.

Quando voltei ao asilo em setembro e outubro, depois de vários meses sem rever ninguém, já que minha última ida ao asilo havia sido em março, encontrei-me com um dos profissionais da saúde que me disse que alguns dos velhos que eu havia tido contato já haviam falecido. Eu sabia de antemão que essa era uma possibilidade com grandes chances de

acontecer, mas ainda assim, foi um momento lastimável. Nenhum dos meus entrevistados havia falecido, mas os que sucumbiram, eram pessoas que eu conheci e convivi brevemente.

Entreguei a primeira entrevista para uma das entrevistadas. Ela estava pintando um desenho com mais cinco colegas do asilo em uma mesa no pátio central. Apresentei-me novamente para ela, mas ela pensou em um primeiro momento que eu fosse uma assistente social, ou algo do gênero. Permitiu que eu lesse a história para ela, mesmo na frente das colegas. Busquei uma cadeira e sentei-me junto a elas. Comecei a contar a história e logo fui interrompida pelo espanto da entrevistada: “Mas essa é minha história!”. Expliquei novamente sobre a pesquisa e a relembrei que havia coletado algumas entrevistas, inclusive a dela, há alguns meses atrás. Pedi permissão novamente para ler na frente das outras colegas e ela disse gostaria muito que as outras colegas soubessem de sua história. Ela se emocionou no começo e gostou muito. Corrigiu-me em alguns trechos e não quis complementar mais nada. Disse que tudo estava ali.

Interessante notar que as outras colegas gostaram muito e duas delas me pediram para ter suas histórias de vida escritas também. Uma delas desistiu depois de cinco minutos de gravação e a outra nem mesmo quis gravar. Essa atitude é bastante comum no asilo, quando um dos velhos vê o outro ganhar alguma coisa diferente do que estão habituados, logo se interessam em ganhar também.

Outra entrevistada chorava muito recordando de sua história enquanto eu lia. Esta apenas me confirmou que os dados estavam corretos e eu preferi não insistir sobre mais informações sobre sua história. Apesar disso, guardou os papéis que lhe entreguei com a sua história de vida escrita e com muita satisfação disse que iria entregar para suas irmãs lerem.

Penso que a entrega foi mais tranquila com os homens, alguns se lembravam de mim e outros não. Sorriam lembrando dos “causos” e confirmando a veracidade. Um dos senhores me questionou sobre onde eu havia conseguido aquelas informações. Outro não se recordava de ter me contado alguns dos trechos da história, apesar de confirmar que estava correto. Outro ainda, muito feliz, disse que eu estava lhe fazendo uma homenagem com essa entrega e ficou muitíssimo feliz, abraçou-me forte.

Todos os sete que receberam as histórias se sentiram muito contentes em tê-las em mãos. Disseram-me que iam esperar o final de semana, dia de visita no asilo, para entregar para seus parentes, sobrinhos, irmãos. Sentiam-se orgulhosos pela sua história ter importância e por estar registrada.

Encadernei as histórias e coloquei algumas informações sobre mim, caso os entrevistados ou seus familiares queiram entrar em contato. A capa do modelo se encontra no

Anexo B e o modelo da última página da história de vida e as informações para possível contato se encontram no Anexo C.

As histórias que foram devolvidas para os entrevistados são as mesmas citações que constam na dissertação no capítulo seguinte, sem a parte dos comentários. A única alteração no conteúdo foi a mudança dos nomes reais para os fictícios.

6. HISTÓRIAS DE VIDA DOS VELHOS

Neste capítulo apresento trechos da história de vida dos indivíduos, obtidas através das entrevistas com os velhos do asilo pesquisado, que compuseram esta pesquisa. Considerei que apresentar os trechos das histórias e já expressar comentários sobre os mesmos na sequência facilitaria a compreensibilidade das histórias, por essa razão, sigo o trabalho desta maneira. Conforme a metodologia das histórias de vida, algumas frases dos entrevistados foram alteradas de modo a deixar o sentido mais claro e em uma ordem cronológica que permite um melhor entendimento ao leitor, de acordo com o que se sugere pela transcrição das histórias de vida. Todos os nomes são fictícios.

6.1 Joana

A primeira história de vida que apresento é a de Joana, uma moradora do asilo que, ao contrário da maioria, é bastante lúcida, tem uma boa coordenação motora e saúde mesmo com 90 anos de idade. No decorrer desta história ela apresenta os pontos mais marcantes de sua vida dela. Joana é um dos típicos casos de solteiros que foram para o asilo por não terem mais familiares que pudessem ampará-los em sua velhice e que decidiram por si mesmos vir para o asilo.

Iniciando pela infância, Joana conta que teve uma infância feliz na fazenda de seus pais, com uma vida tranquila e sem muitas dificuldades.

Meu nome é Joana. Nasci em uma cidade chamada São Carlos no Estado de São Paulo, mas eu não a conheço. Porque quando eu era bem pequena meu pai comprou uma fazenda na região de Ribeirão Preto, na cidade de Batatais, e nós nos mudamos para lá. Eu fui criada praticamente lá. Éramos em 8 irmãos e hoje só sou eu [viva]. Eu morava em uma fazenda muito gostosa, muito boa. Tinha telefone, tinha tudo. Nós tínhamos professora em casa.

Quando questionada sobre a infância, Joana disse não se lembrar de muitos detalhes, mas que havia sido uma fase da vida muito boa. Ela relembra das brincadeiras e conversas com sua prima e também de ajudar os colonos, que trabalhavam na fazenda de seu pai, a ler e a escrever, a qual também considerava como uma brincadeira, uma vez que ainda, ao seu modo de ver, era somente uma menina que ensinava os adultos e não tinha outras obrigações.

A fazenda do pai de Joana era grande e havia muitas famílias de colonos que trabalhavam para eles.

A infância? Eu adorava. Porque meu pai tinha uma fazenda muito boa no Estado de São Paulo. Era uma maravilha, tínhamos telefone em casa. E, eu tinha uma prima que morava perto, em outra fazenda. Ela tinha mais ou menos a minha idade. Passávamos o dia inteiro telefonando para a outra. Naquela época não pagava para ligar. Eram aqueles telefones quadrados, com um lugar de falar e uma rodinha de chamada. Discava o número e dava corda. Bonito o telefone. Fazenda aquele tempo era só isso. Telefonar e ensinar os colonos a escrever.

Ensinar os colonos a ler e escrever era a única obrigação de Joana. Em relação às tarefas de casa, Joana conta que, quando era pequena, ajudava sua mãe com pequenas atividades como lavar a louça, mas não ficava incumbida de realizar estas tarefas domésticas. Joana conta que sua mãe fora ensinada desde pequena a realizar estes afazeres e que cozinhava muito bem, além de executar as outras tarefas domésticas melhor que as filhas. Com o passar do tempo, Joana começou a trabalhar fora de casa e não teve mais tempo para ajudar nos afazeres domésticos.

Eu não gostava de cozinhar, não. De vez enquanto eu fazia, mas não era sempre. Às vezes lavava a louça. Depois eu deixei. Não dava tempo de nada [por trabalhar fora]. Minha mãe fazia isso tão bem, eu não. Ela gostava, foi criada assim, coitada! Trabalhadora.

Joana tem bastante orgulho de ter ajudado os colonos a ler e a escrever, mesmo não tendo acesso a um conhecimento aprofundado e avançado, passava aquilo que aprendia com a professora que morava em sua casa para aqueles que se interessavam pelos estudos. É interessante notar que Joana se lembra do esforço dos colonos, que mesmo cansados, iam para a escolinha da fazenda à noite para obter conhecimento após uma longa jornada de trabalho embaixo de Sol quente. Além disso, verificava o zelo e a importância que os colonos davam para o ensino se preparando para ir para as aulas.

Ensinei bastante gente a escrever. Eu achava interessante porque eu era uma criança com menos de 15 anos e os ensinava. Eles trabalhavam o dia todo, tomavam banho e iam para a escolinha. Chegavam muito cansados, mas a escolinha estava sempre cheia. A escolinha era na fazenda. E eles chegavam lá, cansados, porque trabalhar numa roça nesse Sol não é fácil. Nós tínhamos uma professora que morava na minha casa. Mas a professora não dava aulas para eles à noite, somente de dia para nós e os filhos dos colonos. Então à noite eu ensinava os colonos a ler e a escrever. Ensinava o principal. E eles iam. Tudo bonitinho. Eu gostava de ver aquilo.

Joana conta de sua primeira saída de casa, quando foi encaminhada por seus pais para estudar em um colégio de freiras perto da cidade em que se localizava a fazenda em que vivia. Ela conta de sua relação com sua mãe, as duas eram muito próximas, e assim, Joana não conseguiu se adaptar neste novo colégio pela razão de sentir muita saudade da mãe e da fazenda.

Outro ponto interessante neste trecho é o arrependimento em não ter entrado para a congregação das freiras. Nesta escola havia a oportunidade de obter estudos mais avançados do que obtivera em sua casa, ou ainda, fazer parte da congregação de freiras se houvesse interesse na vocação religiosa. Quando Joana se recordou deste fato, manteve-se em silêncio por um momento, como se estivesse realmente rememorando aquele tempo. A impressão que tive, durante a entrevista, foi de que se tivesse tomado determinadas decisões diferentes das que tomou no início de sua vida, Joana poderia estar em um lugar diferente hoje na velhice, que não o asilo.

Meu pai me colocou em um colégio de freiras. Mas, eu não ficava longe da minha mãe. Daí eu fiquei lá [no colégio], estudei um pouquinho. Não aguentava ficar lá. Daí eu voltei para a fazenda. Hoje eu me arrependo, mas fazer o quê? Elas usavam hábito preto da Congregação Imaculada Conceição. Um colégio muito bom, mas eu não fiquei não. Meus pais moravam na fazenda, eu estava acostumada a dormir no colo da minha mãe. Com 15 anos eu não quis [ficar no colégio]. Não me adaptei, não gostei. Hoje eu me arrependo, sabe? Mas fazer o que?

Quando Joana tinha 16 anos, o pai dela decidiu vender a fazenda de Batatais e vir para o Paraná. Joana conta da ilusão do pai em achar que no Paraná teria uma vida melhor do que em São Paulo. E repete várias vezes durante as entrevistas que fora um erro ter deixado a boa fazenda de sua infância para tentar a sorte em uma nova fazenda desconhecida. Empreendimento que infelizmente o pai de Joana não obteve sucesso.

Meu pai achou que ia ficar milionário, coitado! Lá [em São Paulo] cultivavam café e algodão. Daí no Paraná, meu pai comprou uma fazenda de café. Mas, não deu muito certo. Então, viemos para Londrina e eu entrei no banco.

Após se mudarem para o Paraná, Joana iniciou a sua carreira em um banco e se manteve neste mesmo ramo por todo o período de sua vida de trabalho. Joana ressalta que não precisava realizar concurso público naquela época, devido à escassez de mão de obra. Porém, mesmo com a indicação do gerente do banco, que era seu primo, para trabalhar neste mesmo banco precisar sem passar por um teste escrito, teve somente uma chance para poder provar

que teria capacidade para trabalhar dentro daquela empresa. Naquela época, o emprego no banco era considerado um bom emprego, como uma função de importância e prestígio.

Joana comenta várias vezes sobre essa conquista do primeiro emprego em um lugar bom. Conseguir lidar com o público e aprender rapidamente fora uma das conquistas que Joana tem mais orgulho. Ressalta que tivera apenas uma única oportunidade e que se saiu muito bem.

Eu morava em Londrina e meu primo era gerente do banco. Aí eu entrei no banco, sem concurso, sem nada. Só que meu primo disse para mim: "Se dentro de uma semana você não se adaptar aqui, não trabalhar bem, você está na rua". Mas como eu me adaptei bem, fiquei 32 anos no banco. Entrei no banco com uns 17 anos. Porque eu precisava. Foi o meu primeiro trabalho fora.

Eu me saí bem. Atendia muito bem ao público. Ele me pôs no balcão, justamente para ver como que eu ia me adaptar. Gostei! Eu gostava de atender o povo. Sabe como é? Cidade pequena. Na época tinha muita gente da redondeza ainda. Era cidade pequena ainda. Como era gostosa! Fiquei uns 15 anos neste banco em Londrina. Eu gostava do banco. Era o Banco Brasul¹ de São Paulo, mas o Noroeste comprou. Aí eu fui para Curitiba.

Neste trabalho, Joana foi transferida de cidade algumas vezes. Em especial, a vida no Rio de Janeiro fora muito boa para Joana. Ela se recorda com muita alegria, saudade e orgulho. Durante o tempo em que viveu em Curitiba e no Rio de Janeiro, teve momentos em que morou sozinha e também que dividiu apartamento com outras pessoas. Sobre a temporada em Curitiba, Joana diz não se recordar muito bem, mas sobre o Rio de Janeiro, diz gostar muito e se lembra de que foi uma fase boa de sua vida.

Trabalhei em Curitiba uma temporada, cerca de dois anos. Depois fui transferida para o Rio de Janeiro e fiquei até me aposentar. Lá era uma maravilha, eu morava em Copacabana, trabalhava no centro. Um espetáculo!

Quando me mudei para lá, fui morar em um hotel. Era gostosinho, era um hotel bem simples. Não tinha problema. Eram os donos mesmo que trabalhavam lá. Não tinha problema nenhum. Depois, fui morar na casa de uma família. Éramos eu, uma moça que trabalhava em outro banco e sua mãe. Eles eram de Curitiba também. Enquanto não mudaram para lá [Rio de Janeiro] eu morava em um hotel.

Joana também falou sobre seus relacionamentos amorosos, que não deram certo e assim, não pôde formar uma família. Apesar disso, acredita que isso é um ponto positivo em sua vida, já que se sente bem sozinha e não sabe como teria sido se tivesse tido um companheiro.

¹ Banco Brasul: Comprado pelo Banco Noroeste em meados da década de 60. Em 1998 o Banco Noroeste foi adquirido pelo Santander.

Casar? Não é que eu não quis. Eu namorava. Quando eu morava em Londrina, namorava um moço de lá. Mas, daí eu fui pro Rio. Ele foi pro Rio uma vez. Depois nunca mais ele foi. Daí acabou. Daí não deu certo. E nunca mais namorei. Daí não deu certo mais. Fiquei bem, estou tão bem.

Joana conta das dificuldades em manter contato com sua família na época em que trabalhava em outras cidades e de sua ausência nos reveses da família, pois não havia como faltar no emprego para vê-los, além de ganhar pouco para conseguir realizar as viagens.

Eu lembro até hoje quando eu fui me despedir dos meus pais. Minha mãe estava limpando a casa. E, eu fiquei triste, porque eu nunca mais vi meus pais. Depois que fui para o Rio de Janeiro eu não os vi.
Eu não tinha dinheiro para vir de avião e tinha que vir de ônibus. Um dia me telefonaram dizendo que eles tinham falecido, que era para eu vir, mas eu não vim. Porque não dava tempo de ver e eu detesto ver pessoas amigas, assim, no caixão. Ainda mais pai e mãe. Daí eu não vim. Fiquei no Rio de Janeiro uma temporada. Bastante tempo, até me aposentar.

No próximo trecho, Joana fala um pouco de sua relação com a morte. O medo e a repulsa sobre o assunto. Interessante notar que não questionei sobre a morte, foi um assunto que submergiu durante as entrevistas. Além disso, nas conversas informais Joana me falou que seu desejo é em ser cremada e, se preocupa tanto com isso, que já paga um plano funerário que está encarregado de realizar este último desejo.

Não via os mortos. Só meu último irmão que eu vi, e não gostei de ver. Ver fechar caixão, colocar dentro do túmulo. Dentro do túmulo eu não vi colocar não. Falei: "Não vou lá não, vou ficar sentada aqui".
Na fazenda, quando morria gente, eu não passava na frente das casas. Não passava nem na frente da casa, de medo. De jeito nenhum!
Eu não gostava, tinha medo. Minha mãe falava: "Vai ver, quem sabe você perde esse medo?", [e eu respondia:] "Eu não vou não, mas de jeito nenhum".

Depois de se aposentar, Joana preferiu ir para o asilo. Ela conta sobre isso no próximo trecho. Mesmo com um relacionamento familiar tranquilo, Joana comenta que não gostaria de incomodar os seus parentes e por esta razão, preferiu vir para um lugar que pudesse ser cuidada e não sobrecarregar ninguém. Além disso, ressalta que por morar tanto tempo no Rio de Janeiro, acabou se distanciando de sua família.

Outro ponto ressaltado por Joana foi de que ela tem sua própria independência financeira e que pode escolher onde gostaria de passar o resto de seus dias.

Depois, deu 32 anos de conta. Daí eu saí [do banco]. Depois de me aposentar, não quis ficar no Rio, e eu gostava do Rio. Aí, a gente pensa bem né. Morar na casa dos outros e deixar a família da gente aqui. E eu pensava: "E se eu morrer? Como é que

vai fazer? Não tenho nenhum parente aqui”. É difícil [para] eles virem. Daí pensei: “vou embora”. Daí, eu voltei para Londrina, meus pais já tinham falecido. E ficar com parente você sabe como é. São muito bons, mas não é casa da gente. Morar com parentes é mais difícil. Só tinha a cunhada. Todos os irmãos faleceram. Então eu preferi ficar aqui [no asilo]. Eu só tenho sobrinhos aqui, todo mundo trabalha, entende? Então eu fico aqui. Aqui eu fico a vontade. Como eu morava no Rio, eu morava longe da família.

Joana falou também sobre como é estar no asilo, sobre a questão do passar do tempo e conseqüentemente a chegada da velhice. Além disso, Joana emite sua opinião a respeito de uma velhice mais saudável quando os velhos ‘não se entregam’, isso significa, não se deixar abater pelo tempo e pelas circunstâncias, mas sempre buscar atividades para ocupar o corpo e a mente. Joana participa frequentemente de atividades da terapia ocupacional e também tem seu próprio caderno de pintura, o qual utiliza diariamente para passar o tempo, distrair-se e manter uma boa coordenação motora.

Estou aqui no asilo há uns 8 anos. Acho que ano que vem vou estar andando de bengalas. [...] Eu acho que as pessoas se entregam muito. Chega aos 60 anos e dizem: "estou velha". Eu nunca fui assim de me entregar. Os anos passam, não passam só para mim. Passam para todo mundo.

A respeito das atividades realizadas diariamente no asilo, Joana participa de praticamente tudo o que está dentro da rotina normal do asilo. A atividade preferida de Joana é a pintura. Durante a noite, Joana e suas colegas de quarto assistem ao noticiário e à novela antes de dormir. Neste trecho também é possível notar as relações de amizade de Joana dentro do asilo.

Eu gosto daqui, das atividades daqui. Eu gosto de pintar, a gente pinta. É bom que passa o tempo.
O pessoal [daqui do asilo] não gosta muito de conversar não, mesmo do meu quarto. Eu tenho uma televisão no quarto e eu ligo a televisão. Nós ficamos vendo até acabar o Jornal Nacional. [Até que alguém pergunta:] “Vamos dormir?” [e respondemos:] “Vamos?”
Na hora do almoço algumas [colegas] conversam. As mais chegadas.

Joana compara o tempo em que trabalhava no banco no Rio de Janeiro e a tranquilidade da cidade naquela época. Ela caminhava até o banco com a chave do banco, por exemplo, prática que atualmente estaria fora de cogitação, devido tamanha violência. Mesmo com medo, Joana tem a consciência de que a televisão tem seu foco em mostrar apenas as desgraças do mundo e sente que seria um risco sair sozinha pela cidade, mesmo sendo uma região mais tranquila que o Rio de Janeiro que assiste pela televisão.

Eu morava em Copacabana, trabalhava no centro, pertinho da matriz. Eu que ia abrir o banco, abrir os cofres tudo. Nunca aconteceu nada. É porque o pessoal desceu muito do morro, e não tem condições de trabalho. Tem gente boa, tem gente que desce e trabalha direitinho.

Eu tenho uma TV no quarto. A gente vê na TV e fala que o mundo não é aquilo, mas isso é porque a gente mora em uma região boa. Porque você vê, vai pra uma região do Nordeste, lá não é muito bom. Só se ouve falar em morte, morte, morte. E a televisão gosta de mostrar isso. Coisa boa é difícil de mostrar, agora coisas ruins, vou te contar! E isso abala um pouco a gente.

Eu penso: “Meu Deus! Será que eu posso sair será que eu não posso sair daqui?”.

Apesar do medo em sair do asilo, Joana se sente segura ao sair com o acompanhamento de seus sobrinhos para passar o domingo com eles. Joana almoça e passa todas as tardes de domingo com seus familiares. Ela considera que manter o contato familiar importante, assim os laços continuam mantidos e ela continua informada sobre os acontecimentos e a vida de seus familiares.

Meu sobrinho que vem me buscar aos domingos para almoçar com ele. Tenho dois sobrinhos aqui na cidade. Ela viúva e ele separado. Vou de manhã volto à tarde, só fico o almoço. Você fica entrosado com a família. Porque se afastar da família não dá.

6.2 Raul

Raul tem 70 anos. É um senhor alegre e comunicativo. Assim como Joana, também é solteiro e mantém contato com os familiares. Porém, teve um de seus membros amputados, utiliza cadeiras de rodas e apresenta um leve quadro de esquizofrenia. Apesar disso é bastante lúcido. Quanto seus parentes mais próximos ficaram mais velhos ou faleceram, não tendo mais a possibilidade de cuidar dele, Raul decidiu por si mesmo que preferiria vir morar no asilo.

Nos primeiros anos de sua vida viveu na cidade de Ourinhos-SP e Cambará-PR, depois passou mais uma parte de sua infância e juventude na cidade de Maringá.

Meu nome é Raul, nasci em 1947, na fazenda Cebolão, que era do meu tio. Mas, cresci em Ourinhos e Cambará. Saímos de Ourinhos quando eu estava no primário e fomos, eu meus pais e meus dois irmãos, para Cambará.

Sobre o tempo que passou em Cambará, Raul conta que foi um período bom de sua vida, já que seus pais tinham boas condições financeiras. Nas primeiras entrevistas ele não se recordava muito bem desta parte de sua infância, pois era muito pequeno. Nas entrevistas seguintes ele conseguiu se lembrar de algumas histórias e brincadeiras de criança.

Em Cambará nós brincávamos de pique salve. No colégio nós brincávamos de descer uma rampa do morro rolando. Um moleque quebrou o braço. A diretora mandou chamar a gente e nós fomos lá. Enfileiramos todos na frente da sacada do prédio. Mas aí começou a tocar o hino nacional e não nos perguntaram nada. Mas o braço do menino quebrou.

Eu era rápido que nem um raio. Ninguém me pegava no pique salve. Tinha que bater três vezes nas costas no pique salve. [Os outros meninos] não conseguiam bater nem dois. Eu era rápido pra chuchu. O único que me dava dor de cabeça era o meu irmão Celso, ele era rápido também. Ele me pegava, tinha mais força que eu, não tinha como fugir dele. Todo dia nós brincávamos.

Nós pescávamos. Íamos ao riacho pescar no Rio Bandeirantes. Tinha a represa e nós nadávamos lá. Pescávamos lambari, piramba e também cascudo e piramboia. Eu vi uma piramboia fora da represa e eu peguei ela. Falaram que era pra comer e eu peguei. Deu trabalho pra pegar, mas eu peguei. Fiz ela no almoço.

Ele ajudava seu pai em alguns afazeres do açougue, a empresa da família, e se divertia com isso. Durante a entrevista Raul se divertiu muito se lembrando de quando fazia linguças. Ele conta que sua família ficou pouco tempo na cidade. Pois, por um problema político, tiveram que se mudar para a cidade de Maringá.

Ficamos em Cambará até eu concluir a terceira série. Tivemos que sair da cidade porque meu pai, que era vereador de lá, teve um problema político. Em Cambará tivemos dinheiro, pois meu pai tinha um açougue grande. Eu o ajudava a fazer linguça, colocava a carne no funil da máquina e a linguça saía do outro lado.

Após este episódio, a família de Raul se mudou para Maringá. No início, Raul tentou continuar os estudos e trabalhar para ajudar sua família. Porém, como era muito novo e a escola era muito longe da localização do trabalho, Raul decidiu deixar os estudos. Além disso, disse que sentia medo de andar sozinho no escuro naquela região, pois a região era afastada, com poucos transeuntes e ainda não havia asfalto naquela época.

Então viemos para Maringá. Entrei em um colégio, mas não estudei, fui só um dia. Eu precisava trabalhar e a escola era longe de onde eu morava. Nós morávamos perto de um frigorífico de Maringá, onde é a zona sul agora. Eu saía de lá e vinha para a Praça do Peladão, que era perto da escola. Mas eu não quis mais ir porque era escuro, não tinha asfalto e eu vinha de bicicleta.

Raul começou trabalhando em Maringá como carpinteiro. Neste tempo, Raul contou que fazia cadeiras e mesas, mas depois encontrou um emprego melhor de empacotador em uma loja de tecidos, onde havia a possibilidade de ascender para cargos melhores. Nesta loja, passou pouco tempo trabalhando como empacotador e logo foi promovido a vendedor. Depois de trabalhar um tempo como vendedor da loja de tecidos, foi convidado por uma loja de calçados para mudar de emprego e ir trabalhar nesta outra loja.

Comecei a vida fazendo móveis, foi meu primeiro emprego. Trabalhei em uma marcenaria dos 14 aos 16 anos. Depois, fui trabalhar como empacotador em uma loja de tecidos, mas logo me passaram para o balcão e eu trabalhei como vendedor por algum tempo. Depois, trabalhei em uma loja de calçados até os meus 22 anos. O sapato me deu a vida, me deu salário, me deu aposentadoria. Vendendo sapato e gerente. Por 12 anos fui gerente e 8 anos vendedor.

Nesta loja de calçados, conheceu uma moça e se apaixonou por ela. Ele conta que esse episódio deu início a uma doença mental que o aflige até hoje. Interessante sua recordação de que teve que voltar para a cidade de Maringá para resolver uma inadimplência referente a uma compra na mesma loja em que trabalhou.

Arrumei uma namorada aqui em Maringá. Ela trabalhava na loja de calçados comigo. E esse namoro manifestou a paranoia na minha cabeça. Eu pensava que minha namorada me traía com o patrão. Então, eu ameacei o patrão de morte e ele sumiu de Maringá, e eu, fui para o sanatório. Tive que voltar um ano depois para pagar uma conta nesta mesma loja de sapatos, porque me ‘seprocaram’ [colocar o nome na lista do SEPROC²] e nem me avisaram.

Depois dos problemas com o patrão da loja de calçados, seu pai e seu irmão o levaram para uma consulta com um psiquiatra e Raul foi internado em um sanatório. Sobre sua estada no sanatório, Raul conta que passou um tempo em recuperação em uma instituição em São Paulo. Ele estava muito magro para sua altura e também não tinha ânimo para realizar suas atividades diárias.

O médico me viu e falou para o meu irmão que eu tinha esquizofrenia paranoica. Eu achava que todas as namoradas me traíam. Que não queria fazer nada, que não tinha vontade de fazer nada. Meu pai me levou para o sanatório psiquiátrico de São Paulo para uma avaliação. Fiquei lá por 25 dias. Eu fiquei 4 dias em sonoterapia, dormindo. Quando eu acordei, me deram uma injeção e me trouxeram uma bandeja de comida, porque eu estava no [quarto] particular. Eu comi aquela comida e pedi outra [bandeja]. Eles trouxeram e eu comi aquela outra bandeja também, aí saciou a fome. Todo dia eu tinha fome e comia. Eu engordei de 48 quilos para 67 quilos, em 25 dias. Eu tinha 1,79 metros de altura, era magrelo.

Após receber alta do sanatório em que estava, Raul foi trabalhar em uma loja na cidade de São Paulo. Viveu na região por mais de vinte anos. Raul contou que tivera uma vida bem tranquila e confortável em São Paulo, já que ganhava bem naquela época. Mesmo registrado apenas com um salário mínimo, recebia dez salários. Como era registrado, pôde

² SEPROC: Serviço de Proteção ao Crédito, órgão que fornece informações sobre pessoa física e jurídica inadimplente.

recolher os valores referentes ao fundo de previdência da época, possibilitando que ele se aposentasse por invalidez anos depois.

Depois, saí do sanatório e fui trabalhar em uma loja de sapatos em São Paulo. Trabalhei até os 32 anos, recolhi INPS³ por 21 anos 9 meses e 4 dias. Eu gostava de São Paulo porque ganhava bastante. Eu era registrado com 1 salário, mas ganhava 10 salários.

Raul foi diagnosticado com esquizofrenia anos mais tarde, e assim, o psiquiatra que o atendia não permitiu que o mesmo voltasse a trabalhar. Raul não queria se aposentar e decidiu voltar para Maringá, onde continuou vivendo por mais sete anos antes de se aposentar, na esperança de melhorar e continuar tocando sua vida. Passado esse tempo, foi obrigado a se aposentar, já que não existe cura para esquizofrenia e não havia chances de melhorar seu quadro. No trecho que segue, Raul conta sobre este tempo e de como é sofrido ter esquizofrenia e perder a lucidez mental.

Voltei para Maringá com 33 anos, já encostado. O psiquiatra não me deu alta, deu um atestado de "Incapaz para o trabalho". Os médicos de São Paulo queriam me aposentar, mas eu quis deixar para aposentar aqui em Maringá. E fiquei 7 anos encostado. Até que não teve mais jeito e me aposentaram. Porque a esquizofrenia não tem cura. A gente perde a razão quando menos se espera. Está consciente e de repente, perde a orientação, perde a lucidez mental, fica confuso e desorientado. Aí não teve jeito, me aposentaram com 41 anos.

Mesmo com o atestado médico o incapacitando para o trabalho, Raul continuou realizando trabalhos informais pela cidade de Maringá. Pois, apenas com o salário de auxílio não conseguia sobreviver. Raul vivia com seu irmão e sua cunhada e os ajudava com as despesas da casa. Raul conta sobre as atividades que realizava nestes trabalhos informais e sobre as contas que dividiam.

Enquanto isso eu fiquei fazendo trabalhos extras, pegando bico. Um salário só não dá para viver. Eu fazia gambiarras, como diziam os "caras". Consertava torneira, trocava telha quebrada, tirava goteira, servicinho assim. Em casa era marceneiro, fazia bico na marcenaria, recebia o dinheiro e também cheques que eu depositava no banco.

Com esse dinheiro eu pagava o mercado, a farmácia, água, luz e IPTU da casa. Eu morava na casa da minha cunhada e do meu irmão que ficava no Conjunto Borba Gato. Ela não me cobrava aluguel, só água, luz e IPTU. Morei com ela por 14 anos lá, dos 33 anos aos 47 anos, e depois fui para Paiçandu.

³ INPS: Instituto Nacional de Previdência Nacional, extinta no ano de 1990 pela Lei nº. 8.029 e atualmente denominada INSS (Instituto Nacional do Seguro Social).

Em Paiçandu, Raul trabalhou como caseiro por algum tempo e, com os salários que ganhava, conseguiu comprar esta propriedade para si. Uma conquista que se recordou com bastante alegria e saudade, pois fora a primeira e única casa que comprou durante toda a sua vida.

Em Paiçandu, eu trabalhava como caseiro. Eu ganhava 4 salários e já estava aposentado. Vivia bem, consegui comprar o ranchinho em que trabalhava. Foi a primeira casinha que comprei, e única. Eu gostava de lá, eu gostava do meu rancho.

A primeira vez que Raul precisou de cuidados de saúde específicos foi quando perdeu uma de suas pernas por um problema de circulação sanguínea, e então, veio para o asilo para ser cuidado e ali viveu por dois anos. Porém, preferiu sair após a recuperação. Ele acreditava que poderia encontrar alguém para se casar e compartilhar o resto dos dias de sua vida e assim, não precisaria voltar mais a morar no asilo.

Depois da recuperação, voltou para o seu rancho. Raul fez algumas reformas nesta casa para poder adaptá-la às suas necessidades. Pois, como ainda era novo e tinha forças, poderia viver por mais um tempo em seu rancho.

Com 53 anos eu perdi a perna, pois a circulação ficou difícil. Então vim aqui para o asilo por dois anos para me recuperar. Mas depois eu quis sair daqui porque queria me casar. Não casei porque era pobre. Ganhava um salário mínimo, não tinha dinheiro para casar e era doente.

Quando voltei para o rancho, reformei a casa, deixei bonita, pinte de branco e bege, e o telhado eu pinte de cinza, forrei a casa. Fiz calçada no quintal inteiro para eu andar de cadeira de rodas. Eu tinha conforto lá. O banheiro tinha 4 ferros para eu passar para o banheiro e sair.

Viver sozinho em seu rancho foi sendo dificultado pelo tempo e avanço da velhice e as degenerações físicas decorrentes desta fase da vida. Então, quando não foi mais possível viver sozinho em seu rancho, Raul voltou para o asilo e conta sobre essa passagem de sua vida no próximo trecho. Ele se recorda exatamente do dia em que entrou novamente no asilo.

Depois, fiquei mais doente e decidi voltar para cá [para o asilo]. Vim dia 28 de outubro de 2007. Pra mim, voltar para cá foi um sossego. Adaptei-me rápido aqui, desde a primeira vez eu gostei daqui. E eu estou no asilo há 9 anos e 5 meses. Vivo bem, vivo feliz, sou alegre, eu não tenho mais aquela tristeza mortal [relativa à depressão].

A ‘tristeza mortal’ a qual Raul se referiu no trecho anterior diz respeito à depressão que sentia, mas que segundo ele, atualmente está controlada com o uso de remédio.

Com o passar da idade, os parentes de Raul também foram envelhecendo, impossibilitando assim que pudessem cuidar de mais um membro da família com limitações físicas. Raul fala sobre isso no próximo trecho e também sobre o destino de seu rancho, o qual nunca mais ele teve acesso após entrar no asilo. Raul fala também das reformas que foram realizadas por ele no rancho.

Meu irmão não quis mais cuidar de mim, ele vendeu a casa dele e foi morar num sítio. O meu rancho foi vendido pelo meu sobrinho. A casa já estava pintada, reformada, com muro.

Raul também falou de alguns romances que teve durante sua vida. Nenhum destes relacionamentos chegou ao matrimônio. Mesmo havendo o interesse de Raul de encontrar alguém para estar ao seu lado, acredita que não teve a sorte de encontrar a pessoa certa. Os seus relacionamentos terminavam por ele acreditar que não poderia se casar com uma pessoa sem amá-la verdadeiramente.

Eu fiz parte da noite por 4 anos. Eu me apaixonei por uma mulher que frequentava uma lanchonete, a Car Wash. No dia que foi para decidir se casava ou não, ela não quis casar, e eu também não queria. Eu amo aquela mulher até hoje. Nunca mais a vi, já faz 27 anos e não a esqueci. Conheci-a quando estava com 39 anos e fomos amigos até os meus 43 anos.

Quando tinha 49 anos eu namorei outra mulher, mas não me casei porque eu não gostava dela. Fui falar com o padre e ele me aconselhou a desistir. Lembro-me que ele me disse: "Jesus te basta, não precisa se casar". Eu não gostava dela, não estava apaixonado, então não adiantava, era melhor desistir. E assim, fiquei solteiro.

Raul falou da boa relação que tinha com seus pais, principalmente com sua mãe, a qual sempre cuidou dele. Seus pais sempre o apoiaram e o ajudaram quando ele fora diagnosticado com problemas psiquiátricos.

Quando me aposentei e não tinha vontade de fazer nada. Comprei um remédio psiquiátrico que a farmacêutica me vendeu, e me senti melhor, já tinha disposição. Eu e minha mãe fomos ao psiquiatra, ele me mandava tomar um remédio por dia, e o médico indicava outras medicações para minha mãe me dar. Ela me dava os remédios no leite com café. Eu não sabia. Fui descobrir só depois que ela morreu. Perguntaram para mim: "Você está bem de saúde? Foi [porque] a sua mãe cuidou de você!" Eu tinha 48 anos quando ela morreu. E continuei tomando os remédios todos certinho.

Quando falava de seus pais, Raul se recordou do episódio da morte deles e de como se deu toda a questão do funeral e de todos os amigos que ajudaram neste momento difícil, tanto emocionalmente quanto financeiramente. O pai de Raul faleceu primeiro e foi enterrado em

São Paulo. Com a morte de sua mãe em Maringá, Raul voltou para São Paulo para buscar a ossada de seu pai para deixar junto de sua mãe. Depois de um tempo, Raul providenciou uma caixa de ossadas eterna no cemitério de Maringá. Durante a entrevista, Raul lembrou-se até mesmo do endereço no qual esta caixa está guardada no cemitério. Para ele, todo esse ritual de cuidado com os entes queridos é importante. Ele comenta que, na visão dele, os familiares não se valorizam tanto quanto quando ele era jovem.

Meu pai morreu em São Paulo e minha mãe em Maringá. Agora, eles estão juntos no cemitério municipal de Maringá. Eu trouxe a ossada do meu pai de São Paulo e comprei uma caixinha eterna no cemitério de Maringá. Encomendamos uma tampa maciça de granito e o resto de mármore, com calçadinha em volta do túmulo. O túmulo é chique! Eu tinha dinheiro, paguei o caixão, a funerária, o atestado de óbito com cheque, mas estourei a conta. Então minha família, meus tios e as Irmãs Paulinas, me ajudaram a cobrir as despesas.

Raul ainda mantém uma relação com sua família. Segundo ele, a primeira esposa de seu irmão o visita e também o ajuda financeiramente dentro do asilo, com a doação de alguns utensílios que necessita. Porém, ele não tem uma boa relação com a nova esposa de seu irmão, e assim, nenhum familiar o busca para passar o final de semana juntos, ele recebe apenas visitas de seus familiares no asilo. Apesar disso, seus parentes ainda o visitam. Raul comenta que as visitas eram mais frequentes quando ele entrou no asilo e que foram diminuindo com o passar do tempo.

A minha família ainda vem me visitar. Eu ia para lá, mas a minha segunda cunhada não me queria lá. Isso porque eu tinha vocação de padre e ela achou que eu ia estragar o casamento dela com meu irmão.

A religiosidade também é um ponto marcante na vida de Raul. Este tinha um sonho de estudar para ser padre. Porém, devido aos seus distúrbios mentais, não pôde exercer esse desejo. Para fazer parte de determinadas congregações é necessário que o indivíduo esteja em perfeitas capacidades físicas e mentais. Apesar de não poder contribuir como membro, Raul continuou fervoroso na fé, acompanhava os padres e os rituais religiosos. Atualmente ele considera que a oração é uma prática que o auxilia e sempre o auxiliou na vivência do dia a dia.

Outro ponto importante é que Raul sabe da importância de tomar sua medicação diariamente.

Eu tenho vocação de padre, mas não posso ser porque tenho problema mental. Eu acompanhava os padres, confessava a cada 15 dias. Eu achava que era padre. O que me melhorou foi a oração e o medicamento. Aqui no asilo eu tomo remédio às 8h da manhã e às 8h da noite. Também tomo um comprimido às 14h. Sou católico apostólico romano. Deus me deu o dom de ser intercessor. Eu gosto de rezar pelos outros. Esse dom eu sei que eu tenho, de ser intercessor. Não é de cura e nem de milagre, é de intercessor. Rezo todo dia dois terços do meio dia até 12h45min aí depois o evangelho. Na capela, nós rezamos entre 15 a 25 pessoas, dependendo do dia. Faz bem para quem reza. A pessoa se liberta.

Quanto ao cotidiano do asilo, Raul fala sobre a ociosidade e sobre as atividades que são oferecidas aos moradores do asilo, bem como a sua visão a respeito do asilo e da velhice. Para Raul, as visitas e os estudos e estágios das pessoas da comunidade são muito proveitosas para os velhos, pois assim, podem conversar com outras pessoas, que não os mesmos velhos de sempre, e se atualizar. Além disso, os estudantes normalmente não questionam sobre a vida dos velhos, simplesmente realizam suas tarefas e os tratam bem independentemente de quem a pessoa é, conforme o mesmo comenta: “sem perguntar para nós a nossa posição social”.

Um ponto ainda a ser ressaltado no trecho seguinte é que Raul, no geral nas entrevistas, fala muito bem do asilo e de sua estadia. Porém, em alguns momentos se contradiz, quando diz que: “além de estar no pior lugar do mundo”, quando se refere ao asilo.

O cotidiano aqui no asilo seria uma vida de não fazer nada, completamente ociosa. Isso se não tivesse fisioterapia, psicologia e as visitas. Vêm pessoas aqui fazer estágio, conversam com a gente, não perguntam para nós a nossa posição social. Nós vivemos em um asilo. E é uma casa de senhores e senhoras idosos. Os idosos precisam fazer movimentos, se exercitar, pintar, desenhar. São as atividades que nos mantém vivos. Se a gente vivesse no ócio completo, além de estar no pior lugar do mundo, a gente morreria de ociosidade. Comer, beber, dormir, isso não basta para nós. Temos que ter amizades, conversar. Então conforme os dias têm o terapeuta ocupacional, que tira da nossa cabeça as coisas ruins e deixa as boas, e o fisioterapeuta, que faz atividades da musculação para fortalecer a perna, o braço, os dedos e a cabeça. E assim nós vamos vivendo. Eu adoro as atividades e os dois! E a psicóloga já é para algum trauma mais profundo que necessite utilizar a psicanálise. Então a gente passeia, faz atividade, faz fisioterapia, faz terapia ocupacional, conversa com a psicóloga.

Quanto às relações de amizade, Raul se refere a todos os outros moradores como amigos e amigas, mas admite que seja difícil manter longos diálogos com os velhos do asilo. Para ele, são poucos os moradores do asilo que têm habilidades de empreender uma conversa. Além disso, considera que as pessoas mais estudadas, comumente os estagiários que costumam conversar com os velhos, sabem conversar melhor, pois são eles que dão mais atenção e puxam assuntos diferentes.

O pessoal aqui do asilo é de pouca conversa, mas quando aparece alguém que tem algum estudo, que sabe conversar, então alguém dirige a conversa. Quem tem faculdade faz isso. Eu faço também, eu dirijo a conversa.

Raul também fala das atividades que são realizadas tanto dentro do asilo quanto fora. Em atividades que são realizadas pelo asilo no intuito de levar os velhos para um convívio também fora do asilo. Essas atividades acontecem ocasionalmente, mas conseguem entreter os moradores do asilo, pois estas são diferentes daquelas atividades que eles estão acostumados a vivenciar diariamente.

O dia a dia aqui é bater papo, fazer as atividades, assistir televisão, filmes. Esses dias passou o filme do peixinho, a Dory. É muito legal! Nós adoramos filme. Assistimos os Smurfs no cinema, Peter Pan lá no teatro Calil Haddad. Tem uma chácara aqui perto de Maringá que nós vamos passar o dia.

Por fim, é interessante notar que Raul não se sentia velho em março, pois acredita que apenas quem tem mais de 70 anos é “idoso de verdade”. Por mais que sinta o peso da idade e que os anos vão passando, Raul continua alegre e com motivação para continuar vivendo seu dia a dia. Na entrega da entrevista, Raul já havia completado mais um aniversário, e admitiu que agora sim se tornou um idoso.

Agora tenho 69 anos e vou fazer 70 anos em março dia 6. Vou ser idoso de verdade! (Entrevista em março de 2017).
Agora sou idoso mesmo!!! (Entrevista em setembro de 2017).

6.3 Joaquim

Joaquim é um senhor de 81 anos. Apresenta um pouco de surdez. Inicialmente um tanto quanto tímido para contar sua história, focou nos pontos que julgou serem principais. Na sua trajetória de vida, Joaquim conta que viveu uma boa parte de sua vida adulta na companhia de uma mulher, porém, ele nunca se casou e também não teve filhos. A relação com os parentes é rara, segundo o mesmo, vê apenas alguns de seus parentes e com pouca frequência.

O início da vida de Joaquim foi a do trabalho duro na lavoura, ainda quando era criança. Naquela época as cidades do norte pioneiro do Paraná ofereciam o trabalho com a roça e principalmente com o café. Joaquim foi ensacador de café durante quase toda a sua

vida e viajava pelas cidades do país todo realizando o mesmo serviço onde tivesse oportunidade de trabalho.

Eu nasci em Jacarezinho, norte velho. De Jacarezinho eu fui para Uraí. Eu era moleque. Eu tinha uns 12 anos, quando muito. [Fui] para tocar lavoura de café. Daí, eu vim morar em Maringá. Eu era ensacador de café.

Quando criança, Joaquim brincava com seus colegas. Porém o período de infância foi curto, já que logo teve que trabalhar, e assim, deixar os estudos.

Estudei muito pouco. De jovem larguei dos estudos para trabalhar. Também brinquei muito pouco. [Brincava] de pique, esconde-esconde, bola.

Joaquim se mudou para Curitiba algumas vezes e comenta do clima da cidade. De acordo com Joaquim, chovia bastante na região e apareciam muitos sapos na cidade.

Fui duas vezes para Curitiba, era muito frio, era frio pra chuchu. Não acostumei. Fui uma vez, não acostumei, voltei. Aí voltei lá, fiquei mais uns 6 meses e aí eu pensei "acho que vou ficar por aqui mesmo [Maringá]". Curitiba era uma sapaiada⁴ danada, que não tinha jeito. Não tenho saudade de Curitiba não. Eu gosto daqui mesmo. Eu morei aqui em Maringá um tempo. Eu morei em Curitiba uns 18 anos ou mais.

Durante a vida de trabalho, Joaquim viajou para vários lugares do país, mas ficava apenas o período do trabalho e voltava para a cidade em que residia. De acordo com o mesmo, as cidades em que viveu grande parte de sua vida foram Maringá e Curitiba.

Os lugares que eu mais gostei de conhecer foram Maringá e Curitiba, mas lá [Curitiba] é muito frio. Eu conheci Ilhéus, mas fui e voltei. Lá também é bom de viver, mas eu voltei. Eu viajava e ficava um mês e depois voltava. Só [ficava] o tempo do trabalho. Quando viajava para outras cidades ficava por pouco tempo. Passei a vida mesmo em Maringá e Curitiba.

Durante um tempo, viveu com uma mulher que já tinha filhos. Mas depois de um desentendimento, ele veio para o asilo e não a viu mais.

Eu tinha uma mulher. Eu morei com ela em Curitiba por cerca de 8 anos. Fui solteiro, nunca fui casado. Aí um dia falei para ela: "Como faz? Nós ficamos velhos, e como faz?" Ela falou: "Eu posso morar com meus filhos e você?" e eu falei: "Eu vou para o asilo em Maringá".

Aí morei com ela mais uns seis meses, mas falei: "Nós não vamos nos largar", mas aí brigamos e ela foi morar com o filho dela e eu vim para o asilo. E ela veio morar

⁴ De acordo com Joaquim, na época em que viveu em Curitiba, as ruas eram infestadas de sapos.

em um Conjunto aqui perto do asilo. Mas ela morreu lá. E eu não fui visitar ela. Ela veio morar ali e morreu. Porque pra mim, acabou [o namoro], acabou!

Joaquim conta sobre o motivo de sua última ida à Curitiba. Além disso, exprime seu descontentamento, afinal, faltavam apenas poucos meses para se aposentar e teve que trabalhar para que este tempo mínimo de contribuição chegasse.

Fui para Curitiba porque já ia aposentar. Quase que a minha vida toda trabalhei de ensacador de café. Eu tenho um sobrinho, ele é construtor. Aí eu fui trabalhar com ele. Fazer o que né?

Joaquim fala de sua relação com a família. Ele deixa claro que os sobrinhos conseguiram estudar e que atualmente estão bem estabelecidos e com boas condições financeiras. Porém, não o visitam. Bastante lúcido, considera que poderia ir visitá-los, mas, entende que os sobrinhos sabem que ele está ali e poderia recebê-los, e não aparecem porque não querem.

Eu tenho uma irmã que mora aqui em Curitiba. Meus sobrinhos estão tudo ricos. Fazer o que? E não vem nem me ver. Ah, quer vir vem, não quer não vem. Eu fico aqui eles ficam pra lá. Pra eles é fácil de vir aqui, eles são doutor. Eu sei onde eles estão, mas para eu sair daqui, é muito longe. Ainda tenho uns parentes em Curitiba. Ainda tem uns parentes meu. Tudo estudado. Até médico tem no meio. Estão tudo bem de situação. Tem um sobrinho que é médico, outro é engenheiro eletrônico. E o que estudou primeiro está mais pobre que os outros.

Quando questionei a respeito de ter escolhido um asilo em Maringá e não em Curitiba, Joaquim me respondeu:

Se eu não tinha para onde ir, o melhor lugar era o asilo. Escolhi aqui e aqui fiquei. Já estou aqui há 11 anos. Não conhecia nenhum asilo em Curitiba. Mas aqui eu já conhecia.

Joaquim contou sobre a tranquilidade e como é viver no asilo. Para ele, esta tranquilidade permanente do asilo é um alívio para ele que trabalhou tantos anos de sua vida em serviços pesados. Joaquim também comentou sobre as suas relações de amizade no asilo. Ele prefere se isolar dos outros moradores os quais não tem boas relações.

Aqui é muito bom pra viver, porque como eu falei, aqui ninguém faz nada. Ficamos sentados e vendo o movimento. É tranquilo mesmo. Aqui não é ruim não. Eu mesmo gosto daqui. Umas pessoas a gente não se dá muito bem. Mas eu fico pra cá e eles ficam pra lá. Tem gente que a gente não gosta. Mas a gente conversa porque precisa conversar mesmo. Tem gente que vai bem.

Joaquim também conheceu uma mulher com quem namorou no próprio asilo. Mas não entrou em muitos detalhes.

Aqui no asilo vivi um tempo com uma mulher, mas ela faleceu. Conheci ela aqui e ela morreu aqui mesmo.

Atualmente, Joaquim vê a vida que passou com um olhar positivo. Considera que sua vida foi bem vivida e ainda se sente bem e com saúde, mesmo com uma idade avançada. Sua vida se resumiu ao trabalho. Viajava para trabalhar e esta atividade abriu muitas portas para que conhecesse “este mundão”.

Eu tenho 81 anos. É bom que eu estou saudável.
A minha vida foi boa demais. Conheci meio mundo desse mundão. Eu trabalhei, eu conheço um pouco. Trabalhei em Ilhéus no cacau. A gente quando é novo tem todas as liberdades. Vai trabalhar, vai viajar!

Interessante notar que Joaquim se lembra com saudades do tempo em que tinha liberdade em poder trabalhar e viajar para onde quisesse, ainda que goste do sossego do asilo.

6.4 Ester

Ester é uma senhora que não sabe ao certo a sua idade. Foi uma das histórias que tive maior dificuldade em obter, pois ao se recordar de sua infância e juventude, Ester se emocionava. Os parentes de Ester ainda a visitam, porém muitos de seus irmãos e irmãs já faleceram. Ester não se casou e passou a vida toda cuidando da casa e de seus pais. Ao contrário das duas histórias anteriores, Ester não se conforma em estar no asilo, foi viver lá como última opção.

A maior parte de sua vida, Ester viveu no sítio de sua família trabalhando com seus pais e seus irmãos.

Nasci no sítio, na cidade Jaguariúna, perto de Marialva. Minha família ficou uns 50 anos lá. Éramos em 10 filhos, 5 homens e 5 mulheres. Agora somos só em 3 irmãs e um irmão vivos, todos estão com câncer..

Já no início da entrevista, Ester contou um trecho bem difícil de sua vida. Enquanto contava, ela chorava muito.

Depois que minha mãe me deu a luz e acabou a dieta dela, meu pai decidiu ir para Mandaguari. Durante a viagem eu caí do caminhão. Hoje eu ainda tenho dor na perna. Aí fomos para a farmácia e minha mãe pegou uma injeção grande assim [mostrou o tamanho com a mão]. Eu tinha 40 dias. Aí aplicaram em mim. E aí eu melhorei. Deu certo. Se eu tivesse morrido daquela vez estaria tão bom. É que na minha vida eu sofri demais. Minha mãe sofreu demais. Pode pôr aí [nas anotações da entrevista].

Ester se recorda de poucas brincadeiras de quando era criança. Disse que brincava de casinha com suas irmãs e se emocionava bastante se recordando e contando sobre isso.

Nós brincávamos de casinha quando éramos criança, eu e minhas irmãs.

Ester e seus irmãos eram incumbidos realizar diversas de atividades no sítio. Muitas destas responsabilidades são contadas por ela no trecho que segue.

Nós íamos ao poço buscar água, com uma lata de sardinha. Depois, nós tratávamos dos porcos e descascávamos milho para dar para as galinhas.
A minha irmã tinha medo das galinhas. Eu não tinha medo! Tínhamos que tirar leite, porque minha mãe fazia queijo.
Nós plantávamos café, soja e trigo.
Tinha muito café para esparramar, muito trabalho no sítio.

Todo esse tempo foi de muito sofrimento na visão de Ester. Ela se lembra de pequenos detalhes da infância, mas que ficaram marcados na memória, como o fato de eles andarem descalços no sítio, e assim, muitos espinhos entravam nos pés frequentemente, causando pequenas infecções que eram tratadas no próprio sítio com o auxílio de suas irmãs mais velhas.

Nós andávamos descalços. Só depois, com 15 anos meu pai me comprou meu primeiro chinelo, uma Alpargata. Mas antes era sempre descalço.
Tinha muito Caruru⁵, espinho assim que entrava no pé da gente. Minha irmã ajudava a tirar do pé da gente com alfinete. Doía muito.

Ester conta também que não teve oportunidade de estudar, pois o sítio era muito longe da cidade, e assim, não teve contato com estudos durante toda a sua vida.

Lá não tinha jeito de estudar, era puro mato. Tudo longe. Não íamos para a cidade.

⁵ Caruru: Erva daninha rasteira que apresenta espinhos em seu caule.

Até mesmo para ir para a cidade trazer alguns materiais e utensílios que não havia no sítio era necessário certo planejamento. Ester conta que sua irmã ia apenas uma vez por ano para a cidade para comprar tecido para costurar roupas para toda a sua família. As mulheres ficavam encarregadas de costurar e de bordar as roupas também. De acordo com Ester, bordar era uma atividade que ela gostava de fazer, inclusive bordou por um tempo no asilo, mas atualmente está impossibilitada por conta da dificuldade com a visão.

Minha irmã ia para Marialva comprar tecido para fazer roupa para todo mundo. Tudo branco. Aí nós bordávamos.

Eu tenho uma toalhinha bordada que eu mesma bordei aqui. Eu não enxergo mais, daí não consigo bordar.

Sobre os anos no sítio, Ester conta:

Tinham festas de Natal e Ano Novo no sítio. Compravam guaraná e cerveja e tomavam quentes porque não tinha geladeira. Era puro mato. Meu pai matava um boi e assava com os irmãos dele todos em volta. Os meus cinco tios moravam lá no mesmo sítio. Meu pai puxou tudo para o lado dele. Não conheci ninguém da parte da minha mãe. Nunca viajei para conhecer os parentes. Não tinha dinheiro para ir para lá, naquela época não tinha estrada e nem avião.

Quando os irmãos de Ester ficaram mais velhos, o pai fez a divisão das terras entre os filhos. Porém, conforme conta Ester, ele considerava apenas que os homens foram quem trabalharam e trouxeram sustento para a família e, portanto, somente eles teriam direito às terras e ao gado. Com indignação, ela conta do esforço que era executado pelas mulheres da casa, que sempre estavam realizando alguma tarefa, tanto relacionada ao sítio quanto relacionada ao cuidado da casa e dos homens que estavam no campo. Conforme ressalta Ester, as mulheres não tinham descanso, ela nem mesmo se recorda de ver suas irmãs paradas ou descansando.

Meu pai só pensava nos homens. Trabalhava, trabalhava, trabalhava [referente às mulheres]. Mas ele deixou um sítio para os homens, com um monte de gado lá para eles. Deu tudo para os meus irmãos. Para eles o sítio e para nós [mulheres] um chute na bunda. E quando reclamávamos ele fala que os homens trabalhavam, mas as mulheres não trabalhavam. Trabalhávamos em casa. Nunca vi minhas irmãs paradas. Nunca vi sentada assim na mesa.

Nós costurávamos. Quem que lavava as roupas deles? Era puro mato. As roupas cheias de carvão. E quem lavava as roupas deles? Eram os homens que lavavam. [...] Não faziam nada, porque são machão!

Ester conta que teve que cuidar de seus pais e por esse motivo não conseguiu desenvolver uma vida para si mesma e nem mesmo encontrar alguém para se casar. Cuidou de sua mãe no sítio e de seu pai no sítio e na cidade. A relação com o pai era bastante difícil, pois

ele foi ficando mais teimoso e colérico com o passar do tempo, dificultando as relações e também o próprio cuidado do mesmo.

Eu cuidei da minha mãe no sítio. Depois eu cuidei do meu pai por mais 15 anos. Meu pai era muito bravo. Ele tacava as coisas na gente. Eu chamava para tomar banho e ele xingava. Mas só quando ficou de idade, antes nunca vi ele xingar. Ele ficava bravo porque não queria tomar banho.

Depois de repartir as terras entre os irmãos homens da família, as irmãs se mudaram para a cidade. Ester cuidou de seus pais até que eles falecessem, depois foi morar em Sarandi sozinha, onde passou sete anos de sua vida. Quando ficou doente, foi viver em Maringá com sua irmã.

Depois da morte dele, fui morar 7 anos sozinha no Sarandi. Depois fui morar com minha irmã, fiquei doente e vim para cá. Depois do sítio eu vim para Maringá, morar perto da Santa Casa.

A partir da vida sofrida, imaginei que o asilo poderia ter trazido um pouco de paz na vida dela. Quando questioneei a respeito do asilo, Ester respondeu que preferia estar em sua casa. Mesmo que no asilo tenha uma vida mais tranquila em relação aos afazeres domésticos, estar em sua própria casa é um dos desejos que Ester tem.

[Você gosta de viver aqui?] Prefiro minha casa!

Ester admite que vive no asilo apenas porque não tem mais a opção de estar com ninguém de sua família. Acostumar-se a viver no asilo foi custoso para Ester, e a mesma comenta que não gosta, está ali apenas pelas circunstâncias da vida.

[Como foi quando a senhora entrou aqui no asilo?] Entrei aqui, mas eu não pensava em ficar aqui! Não, não, não, não! A gente não casou né, muié, não tem ninguém pra cuidar da gente. Tem que vir pra cá. Tem que vir pra cá. Foi difícil para acostumar. Muito difícil. Mas eu gosto daqui, a gente come e dorme só.

6.5 Carlos

Carlos é um senhor de 82 anos bastante comunicativo. Trabalhou a sua vida toda como artista, vivendo da música. Casou-se, formou uma família e teve cinco filhos. Atualmente está morando no asilo pesquisado.

Carlos conta sobre como era a cidade de Maringá, onde viveu no início de sua vida.

Meu nome é Carlos. Eu nasci em São Paulo. Eu tinha três anos quando meus pais vieram para o Paraná. Moramos em uma fazenda em Apucarana e depois em Maringá. Era só mato aqui em Maringá. Tinha bastante caça aqui. Eu comia só carne de caça matada. E agora vê como Maringá está grande.

Então, naquele tempo quem morava no sítio era tudo pobre. Eu me criei na roça. Mas, minha vida foi muito sofrida. Não tinha o que comer.

Com muito orgulho, Carlos contou que sempre fazia de tudo para ajudar e agradar seus pais quando era criança e que raramente era repreendido, pois tentava fazer tudo certo.

Eu colocava as coisas todas no lugar certo, a minha mãe nunca brigava comigo. [Ela dizia:] “Com o Carlos não adianta brigar não, porque ele põe tudo no lugar certo”. Eu nunca tirei um prato de comida adiantado.

Sobre os trabalhos que realizava no sítio, Carlos relembrou que desde pequeno trabalhava em serviços pesados, em atividades de roça e até mesmo se recordou de um acontecimento no qual passou por grandes perigos enquanto cortava uma árvore. Com todas estas dificuldades, desde pequeno, Carlos tinha um anseio de sair do sítio e vir morar na cidade.

Eu andava com a foice para roçar a capoeira⁶. [...] Então a gente acordava cedo, acordava às 4 horas da madrugada para cuidar da criação. É gostoso. É legal.

Mas um dia, eu quis derrubar um pau com o machado e eu não sabia como é que se cortava com o machado. E eu fui tentando. Eu rodava tudo em volta da árvore. E cortava de um lado e cortava de outro. Porque tem um lado [certo] para cortar. E, no fim, eu não sabia o lado que a árvore ia cair. E saí fora. Eu caí fora quando vi que ela ia cair em cima de mim. Para não me pegar. E depois, a árvore caiu bem no lugar em que eu estava. Ai eu pensava: “Quando eu crescer será que eu vou ficar nessa conversa? Nesse danado de mato? É cobra, é tudo quanto é inseto”. Aí eu falei: “Ah! Vou sair daqui!” E saí mesmo!

Conforme era de sua vontade, pediu que seus pais o deixassem estudar. Por grande influência de seu pai, que era um homem bastante religioso, Carlos quis continuar seus estudos relacionados à bíblia e decidiu estudar para se tornar padre, mesmo com seus pais professando a fé evangélica.

Eu estava com 9 anos quando saí do sítio. Eu falei com a mãe e o pai: “Mãe vou trocar de ramo, mãe. Tenho vontade de ser artista, eu vou ser artista, mãe. Ela falou: “Ô meu filho, você vai querer ser artista? O seu pai é bíblico”. Meus pais eram evangélicos. O meu pai não tinha parada, porque ele era ministro da igreja e viajava

⁶ Capoeira: terreno em que o mato foi roçado.

muito. Eu falei: “Vou ser bíblico também, vou estudar, já estou estudando a bíblia. Vou estudar para padre”.

Dentro do seminário, Carlos teve a oportunidade de estudar e também de se desenvolver na música. Conforme o mesmo conta, sempre teve o incentivo dos padres para ir atrás de seus sonhos.

E não é mesmo que entrei para fazer o curso? Em Ponta Grossa, Campo Mourão, Peabiru, Araruna. Terra Boa. Não tem onde eu não conheça. Dinheiro não faltava pra mim. Porque o povo me ajudava, porque eu era um moleque muito querido. E eu fui para Ponta Grossa e entrei no estudo. Eu falei: “Eu não tenho nada, mas eu quero estudar”. Então eles me colocaram no seminário. Os padres gostaram de mim. Falavam: “Nós vamos fazer tudo pra você”. E não é que fizeram tudo mesmo? Eu estudei 13 anos. Eu comecei pequeno, porque não tinha 10 anos. Quando completei 12 anos, eu já estava ensaiando com o Tônico e Tinoco e estudando também. Na hora que eu voltava para o seminário, eu falava para o padre: “Estou aprendendo umas músicas bonitas”. O padre Zequinha, que era o padre, falava: “Não é aprendendo, porque você tem teoria para dar pra qualquer um. Você tem teoria. Você comprou todos nós. Você está estudando e sabe mais do que nós. Você estuda e guarda tudo na sua cabeça. Isso é uma teoria muito bacana. Você vai se sair bem de estudante e vai sair bem na música”. E eu levei os dois. Tocava e cantava, e estudava. Mas olha, vou falar pra você, eu mexia na bíblia dos pés à cabeça.

No início de sua carreira, Carlos cantava com seu irmão. Mas, por um acidente, este acabou morrendo.

Com 12 anos eu tocava e cantava. Eu era poeta. Eu e meu irmão [falávamos]: “Vamos cantar com Tônico e Tinoco que nós vamos nos dar bem”. Eles me tratavam como um bebê. Nós fomos criados junto com o Tônico e Tinoco. Uma vez, nós fomos tocar em uma cidade e quando nós fomos para o banheiro, [meu irmão] escorregou e rachou a cabeça no vaso. Aí isso atrapalhou toda a história que a gente tinha, porque ele escrevia a letra e eu colocava a nota. Essa morte dele atrapalhou todos nós.

Carlos falou de sua relação com os cantores Tônico e Tinoco. Essa relação o ajudou a se desenvolver como músico.

Eu viajava com o Tônico e Tinoco. Na hora de cantar eu já sabia em que tom começava. Sabia se era dó, se era mi, ou se era fá, se era ré. Meu pai não viajava com a gente, vivia só nos evangélicos. Quando eu fiz 14 anos o Tônico e Tinoco me abraçaram. Disseram: “Você é nosso. Nós vamos cortar o estudo dele, ele já sabe tudo dos pés à cabeça. Ele fica com a gente”. Foi assim que fizeram comigo. Daí quando eu fui pra ser padre e usar batina, eu não quis pegar batina não. Com 14 anos eu já era maestro militar e não quis ser padre.

Depois de decidir que não iria se tornar padre, mas sim se dedicar à música, Carlos iniciou sua carreira na banda e coral militar em Curitiba. Carlos conta que era um trabalho bem tranquilo e que podia sair para ensinar música também em corais de igrejas da cidade.

Levaram-me em Curitiba para fazer plantão na Cruz Vermelha. Aí eu saía mastrar⁷. Nós comíamos tudo do bom e do melhor e eu lecionava ali. Ganhava meu dinheirinho. Então eu fui maestro mesmo! Morei em Curitiba. Eu viajei para todos os cantos. Eu fui maestro de banda e coral militar. Onde eles mandavam ir, eu ia. Eu não parava em lugar nenhum. Viajava para todos os lugares.

Hoje eu estou lembrando o que eu fiz da minha vida. Conheço Curitiba dos pés pra cima, conheço São Paulo dos pés pra cima. Conheço tanto lugar. E agora eu aqui no asilo, sendo um sabugo⁸.

Eu era o maestro geral. Se eu for hoje para o quartel e encontrar o maestro [atual] ele me vê já começa a “tan taran tantan taran tan⁹”. Eu trabalhei 35 anos no militar. Eles me levaram para Curitiba. E vai pra lá e vem pra cá. Aí eles me encostaram¹⁰. Eu estou encostado militar.

Dentro da bíblia eu faço músicas e eu sei 42 salmos de cor. Para ensinar nos corais nas Igrejas Evangélicas tem que saber os hinos também. Colocaram na minha mão hinário [de cada igreja] e tudo. Se eu te mostrar o que eu tenho aqui você vai acreditar. Tem [material] da Assembleia, tem da [Igreja] de Jesus, tem da Congregação. Tudo [material de] música.

Quando questionei a respeito de sua esposa e sobre como a conheceu, Carlos me disse que é muito lúcido e mantém todas as suas memórias bastante vívidas em sua mente. Ele fala também sobre o bairro em que viveu na cidade de Maringá e sobre a relação de respeito que as pessoas devem ter uma com as outras.

[Você se lembra de quando conheceu sua esposa?] Lembro! Lembro sim. Eu me lembro de tudo. Estou com 82 anos, mas a minha cabeça guarda tudo certinho. Não sai fora nada, nada. Não converso abobrinha também. Ela era do sítio e eu também. Sabe onde me casei? Iretama. Nós morávamos em um lugar que era cheio de porcos, galinhas, vacas, tinha de tudo. Fiquei um pouco de tempo lá e depois sumi para a cidade [Maringá]. Ainda não tínhamos tido filhos. Eu era acostumado com Maringá. Eu era uma cobra. Eu morava no Bairro Alvorada. O povo lá é louco por causa de mim. Eu era poeta, eu era querido. Eu era poeta! A cabeça assim de imaginar.

Toda a vida eu nunca fui entrão¹¹. Eu respeitava todo mundo. Meus pais me criaram assim. Tem homem que vai pegando a mulher e vai passando a mão. Tem que respeitar.

Carlos contou sobre a sua família, seus filhos e a relação de sua família com a música.

⁷ Fazer serviços de maestro e ensinar música.

⁸ Sem importância.

⁹ Som da música.

¹⁰ Aposentado.

¹¹ Atrevido.

Os filhos ficavam com a mulher enquanto eu ia fazer shows. Eles gostavam de ter o pai cantor. Porque quando chegava à noite, sentávamos: eu, minha esposa e meus filhos na cama e formávamos um coral. Eu os ensinava a cantar no coral. Minha mulher cantava contralto, minha filha cantava soprano, meu filho cantava tenor e eu cantava o baixo. A vida nossa era isso. Quando vinham as pessoas me buscar para tocar, a minha família não ligava não, já estavam acostumados.

Morreu um filho, morreu outro. Nasceu outra menina e morreu também. O último que morreu estava com 32 anos. Fui passando [pela vida] penando. Morreram cinco filhos meus. Só tenho uma filha viva [hoje].

Quando ficou doente, Carlos teve que morar um tempo com sua filha e depois de um tempo foi para um asilo junto com sua esposa, conforme conta nos trechos seguintes.

Eu fiquei 3 anos internado. Eu fui para a casa da minha filha, fiquei uns 90 dias na casa dela. Depois melhorei e quebrou uma perna minha, fiquei dois anos na cadeira de rodas.

Aí eu fui para o Asilo X¹² e minha esposa foi para lá comigo. Eu ficava lá quietinho e eles [pessoas de fora] vinham me buscar. Eles me levavam para todos os lugares. Pra eu tocar e cantar para eles. E minha esposa me esperava. Até que eu fiquei aborrecido e parei com tudo. Mas depois chegava a caravana [de novo] pra vim brincar comigo.

Eu gosto daqui [asilo atual]. A minha mulher falou assim pra mim: “Carlos, se eu morrer, você não fica na cada do nosso genro não. Fica em um lugar em que você seja zelado e não mandado”. E aqui eles não me mandam fazer nada. Só tomo banho cedo e todos os dias.

Depois da morte de sua esposa, Carlos foi transferido para outro asilo, o qual está até hoje. Ele fala que foi enganado pela sua família e conta como ocorreu este episódio.

Quando minha esposa morreu, me trouxeram para o asilo. Meu irmão, que morreu, morava aqui e estava ruim. Aí me falaram: “Vai lá ver o seu irmão” e me trouxeram! Trouxeram, trouxeram! Quando me trouxeram eu estava conversando com meu irmão e veio a Kombi com minha cama e minhas coisas e me disseram: “Essa cama aqui vai ser tua, você vai ficar aqui você não vai embora mais”. Pois é, me enganaram eu!

Carlos falou um pouco de sua relação com a filha e com o genro, que não é muito boa. Bastante religioso, considera que a bíblia é um suporte para que possa continuar vivendo bem e tranquilo.

Eu tenho uma apostila de aula de música lá na casa da minha filha. Mas faz tempo que nem lá eu não vou. Faz tempo que eu não vou. E não vou também tão fácil. Por causa de uma conversa que deu lá. Eu fico aqui sentadinho quietinho que ninguém me atenta. Só fico meditando nas coisas que eu sei. Mas agora eu estou meditando biblicamente. Da bíblia eu não largo. Eu fico pensando assim eu lembro quando eu fazia o terço e pregava para todo mundo.

¹² Outro asilo da cidade de Maringá.

Então tem que crer no nome de Jesus. Acho que é por causa disso que eu estou aguentando minha carreira. Acredito muito. Fico aqui quietinho assim, mas eu estou meditando bíblicamente nos capítulos da bíblia. Eu sou católico. Eu medito os capítulos da bíblia [...] fico meditando igual um bobo.

Estou aqui até hoje. Eu gostava daqui. Eu tocava aqui já antes. Eu toquei aqui 10 anos direto, de dia e noite. Então eu vim pra cá e fiquei tranquilo. Eu fico aqui e fico quietinho, mas todas as coisas eu estou escutando.

Carlos contou que atualmente não está mais tocando violão, pois está um tanto quanto desanimado. Também comentou a respeito da falta de entretenimento das atividades do asilo para ele, o que o mesmo chama de “disfarce” no trecho seguinte.

Agora não estou tocando mais. Estou parando de tudo. As sanfonas estão todas guardadas. Só estou com dois violões. Tocava. Mas nem violão eu não estou pegando. Estou aborrecido.

Hoje mesmo estou aborrecido porque não tem disfarce pra mim. Agora mesmo que você veio falar comigo, senão não tem disfarce pra mim. Tem hora que eu estou sentado aqui e fico pensando todos os lugares que eu lecionei, [...] eu tocava e cantava. E agora estou aqui que nem um sabugo velho. Quando eu estava bem melhor vinham os meninos do seminário conversar bíblicamente comigo eu dava instrução bíblicamente pra eles. Mas de um tempo pra cá não tem mais isso, não tem mais disfarce pra mim. Porque tocar lá em baixo [pátio comum] é chato, muito desanimado.

Eu tenho tudo guardadinho. Mas não adianta [olhar novamente seu material] que eu já sei. Eu não brinco com meu pensamento. Tem muita coisa pra conversar. Com você e com qualquer um. A minha cabeça guarda tudo. Você tem que ver a mala que eu tenho, cheia de coisa de música. Partitura que eu mesmo escrevi. As coisas que não prestam eu jogo fora, só ficam as coisas boas.

Carlos contou também sobre o seu namoro com uma das velhas do asilo. Ele conta que tem outras velhas que também se interessam por ele. Neste trecho é interessante notar que Carlos chama o asilo de “minha casa” e que não quer sair dali porque está em uma situação bastante confortável, a qual pensa ele que não teria em outro lugar.

Tem essa menina ali sentada que estou namorando. Ela é doida por causa de mim e eu estou levando ela na conversa. Eu quero desmanchar [o namoro] e ela não quer desmanchar. O povo do asilo pensa que eu estou fazendo as coisas com ela. Fazer o quê? Mas, depois de velho, vou fazer o quê? Não dá mais.

E tem a outra também. Estou namorando ela e não estou. Eu estou namorando outra mulher que mora em outro asilo. Ela telefona aqui porque ela gosta muito de mim. Ela quer levar eu embora, mas eu não quero. Ela está velhinha. Mas ela ganha quatro salários. Ela fala “aqui tem casa, tem carro, tem tudo, vamos acabar nossa vida aqui”. Mas não tem condições de morar com ela. Não é porque eu não quero, é porque não tem condições. Como é que eu vou abandonar a minha casa aqui para ir morar com ela? Então, tem que pensar muito. Aqui estou tranquilo. Tem que pensar essas coisas. Vou sair de um lugar que eu estou bem aqui para sofrer lá? Porque lá eu vou ter que fazer uma comida para ajudar ela, ajudar a lavar roupa, arrumar uma cama, ajudar a limpar a casa, porque ela já está acabadinha. Então não dá.

Bastante comunicativo e conhecedor do ambiente no qual está inserido, Carlos comenta que sabe onde adquirir os cigarros e fumos, tanto para si mesmo quanto para as outras pessoas. Ele comentou em outras situações que fuma de maneira moderada e por essa razão sempre tem cigarro para partilhar com outras pessoas. Pois, alguns outros velhos do asilo fumam o maço de cigarros todo de uma vez só.

Pra mim não falta fumo e nem cigarro. Porque eu sei onde tem tudo, vou lá e pego. Tem pra dar pra eles [outros colegas do asilo], pra mim e pra eles.

Assim como os outros velhos do asilo. Carlos está sempre sentado na sua mesma cadeira sozinho, sem interagir com seus colegas moradores do asilo. Ele argumenta que é para não arrumar problemas no asilo com os outros moradores.

Eu não me misturo muito com eles [outros moradores do asilo]. Eu não me misturo com ninguém. Passa dia, passa noite e eu estou sem problema. Quero ficar quietinho e não falar nada pra ninguém pra não ter conversa. Quem quiser conversar comigo que venha aqui.

Ao mesmo tempo em que Carlos relembra com nostalgia de seu passo, reclama sobre a sua vida presente. Pois teve uma vida bastante animada, agitada e alegre, e atualmente não tem mais estas animações.

Eu tocava violão. Mas tive que parar porque eu fiquei muito doente. Mas agora não posso que a minha voz ficou fanhosa. Agora não canto porque minha voz não solta. Eu era alegre igual você assim, agora eu estou velho, não estou prestando mais pra nada. Mas eu era poeta.

Eu sou doente, eu só fico quietinho, sentado pra cá, eu estou pensando para andar. Mas minha vida não é boa, filha. Eu penso muito na família. Penso o que eu tinha. Que quando minhas coisas acabaram [sobre a carreira], eu passei tudo o que eu tinha para minha filha. Que ela tem conforto. Ela tem três casas, carro, chácara. Ela ficou com tudo. Eu tenho e não tenho, porque eu passei para ela e é dela.

O que eu sei e está guardado aqui dentro do meu coração. E a mente que eu pratico. Se você tem teoria, a sua cabeça é boa para pensar as coisas. Porque se tiver não tiver a cabeça boa não presta, esquece as coisas.

Eu estudei quando era novo da tua idade assim. Daí eu terminei. Não pode parar. Não pode por o pé no freio e estacionar. Estudo nunca é demais. Que nem eu. Eu tenho estudo, bastante, mas não presta pra nada mais. Acabou tudo. A gente tem prazer de conversar com você assim. Com quem for que vem aqui.

Ao encerrar a conversa, Carlos disse: “Eu vou terminar minha palestra aqui com você. Muito obrigado pela boa atenção, viu?” De forma que, na visão dele, ele estava me ensinando

com a sua vida. Fato que me chamou atenção, pois, em alguns outros encontros ele também falava de outras pessoas que vinham para o asilo para escutá-lo e ele ensinava a estas pessoas.

6.6 Rafael

Rafael é um senhor bastante comunicativo e alegre. Ele é solteiro e tem 82 anos. Seu motivo de vinda para o asilo foi o de estar muito longe de seus parentes e ter perdido contato com os mesmos. Com o passar do tempo e a dificuldade em continuar trabalhando, decidiu vir para o asilo. Rafael também é cadeirante.

Meu nome é Rafael e meu pai é Manoel. Eu tenho 82 anos. Nós somos três irmãos e quatro mulheres. A vida toda, sempre trabalhei na roça.

Sobre a infância, Rafael contou uma história sobre a perda de sua mãe e as consequências deste fato. Pois, uma senhora queria roubá-lo de sua família, e assim, Rafael foi privado de estudar e manteve-se trabalhando na roça por toda sua infância.

Eu tinha uns seis anos quando minha mãe morreu. Então meu pai me levou para eu ficar com meu padrinho. Uma mulher queria tomar eu do meu pai e do meu padrinho. Ela era colega da minha mãe, foi criada junto. Ela falava que eu fiquei combinado de morar com ela. E ela queria pegar eu! Ela achava que ela é quem tinha [o direito] que ficar comigo. Porque ela e minha mãe foram criadas como irmãs. Porque o pai dela tinha só ela como filha única e criou minha mãe junto com ela como filha. Ela não era nada minha, só era colega da minha mãe e foi criada junto com minha mãe.

Ela achou um advogado para pegar eu. Eu não podia ir à casa do meu padrinho que ela me pegava. Aí meu pai me pegou e me levou no sítio. Porque lá ela não ia conseguir pegar eu. Isso na Bahia. Aí eu fiquei lá com meu pai carpindo mandioca desde moleque.

Aí o meu padrinho pegou os filhos dele no sítio e montou uma escola na casa dele para a criançada estudar. Ele arrumou uma professora para ensinar. Só que eu não podia ir lá. Eu brincava com os meninos quando era pequeno, mas na escola não podia ir. Porque se eu fosse lá [na escola] ela [a colega de sua mãe] me pegava. Eu não podia ir pra escola. Eu tinha que ficar em casa. Aí eu perdía aula. Não estudei, não tenho estudo por causa disso. Aí eu fiquei trabalhando no sítio ajudando meu pai. Todos os meninos na boa e eu lá no sítio capinando. Mas era melhor. Se eu fosse à casa do meu padrinho, ela me pegava e me levava embora. Aí no sítio do meu pai ela não podia ir.

A respeito da Bahia, Rafael se recorda que o ambiente de trabalho era muito difícil por conta da seca. Apenas trabalhava.

Na Bahia eu só trabalhava mesmo. Carpir terra, plantar lavoura, mexer com criação, com gado, tratar da criação. Naquele tempo seco, tinha que dar água para as criações. Mas faltava água e morriam todas as criações. Isso em Vitória da Conquista, na Bahia. Eu fiquei na Bahia até os meus 19 anos.

Em busca de melhores condições de trabalho, Rafael decidiu vir para o Paraná. Antes disso, tentou a vida em São Paulo por alguns meses, lugar em que viveu com alguns parentes, mas não se acostumou com a periculosidade do lugar.

Depois vim para cá, para o Paraná. Mas antes eu passei em São Paulo, fiquei dois ou três meses lá com alguns parentes, mas não me acostumei. Lá a vida é muito corrida. Eu ia fazer depósitos em dinheiro [no banco], mas eu tinha que ir sozinho e sem levar ninguém junto. E eu tinha que levar aquele dinheiro na mão e tinha medo dos bandidos. E eu não acostumei com os bandidos e tinha medo de sair na rua. De sair de casa assim com o dinheiro na mão. Eu saía correndo assim. Tinha muitos carros também. Cheio de ladrão.

Rafael se manteve por toda sua vida, depois dos 19 anos, vivendo em Alto Paraná, trabalhando na roça, especialmente com o café. Trabalhou somente em duas fazendas, e saiu da primeira por uma questão particular dos próprios donos da terra. Pela quantidade de tempo de viveu no Paraná, se considera “quase paranaense”.

Depois eu vim trabalhar na roça de café em Alto Paraná. Em 1950, 1951, isso aqui era puro mato. A gente roçava mato e plantava café. Plantam café lá [no sítio que trabalhou] até hoje.

Eu trabalhava como caseiro. Sempre trabalhei em casa. Eu trabalhei em duas casas. Saí de uma porque o patrão acabou morrendo, três tiros. Morreu por causa de uma encrenca e foi um lá e matou ele. Daí o filho dele vendeu a terra e eu fui para outra fazenda. Depois morei com um japonês. Plantei café. Até hoje tem café lá no sítio. Eles moram até hoje lá em Alto Paraná.

Eu sou quase paranaense. Eu fiquei um mês lá na Bahia, mas não acostumei não.

Rafael contou que visitou seus parentes da Bahia uma vez. Porém, não se acostumou com o lugar, já que este estava muito modificado. Além disso, os moradores da localidade venderam suas terras e tornaram-se empregados da mesma Companhia que havia comprado as suas terras. Rafael, indignado, decidiu voltar para o Paraná, pois, não se acostumaria a viver naquelas condições.

Fui visitar meus parentes uma vez. Não quis mais mudar para lá. Fizeram uma barragem de água lá e inundaram tudo. Eu era acostumado com um lugar, daí eu cheguei lá e estava tudo diferente. Quando eu fui, fizeram uma barragem. Aí mudou tudo, encheu tudo de água. Mas é muito diferente. Está tudo inundado. A terra é tudo da Companhia. E eles venderam a terra e agora trabalham tudo de empregado

para a Companhia lá. Agora eles vão trabalhar tudo de empregado. Eu não acostumei com isso não e vim embora. Eu não acostumo de trabalhar lá não.

Rafael considera que a grande distância entre o Paraná e a Bahia e as primeiras dificuldades dos colonizadores do Paraná na época de abertura das matas são os fatores que fazem com que os seus conterrâneos tenham medo de vir para o Paraná e prefiram viver na Bahia ou descer apenas até São Paulo. Assim, perdeu o contato com sua família.

Não casei. Sou solteiro. Morei a vida toda lá [na cidade de Alto Paraná]. Vim sozinho, sem a família, eles ficaram na Bahia. Eu não tenho parente aqui não. Minha família mora em Ilhéus. Não tenho mais contato com eles. Porque eu não falo direto com eles. E eles têm medo de vir para cá.

Em São Paulo o pessoal vem bastante, mas aqui, o Paraná, eles acham outro mundo. Aqui não vem não, falam que é muito longe. Eles não costumam com aqui.

Eu trabalhei com um pessoal que veio aqui [de lá] e ficou só um tempo e não se acostumou, voltaram tudo embora. Porque muita gente veio pra cá e ficou doente. Um menino morreu. Outro os pais vieram buscar, porque ficou doente. Daí, eles não quiseram voltar para o Paraná não.

Sem parentes e já sem possibilidades de trabalhar, Rafael esperou na fila para entrar no asilo por dois anos, e agora está há dois anos no asilo.

Faz dois anos que vim para o asilo. Esperei dois anos para ter vaga aqui no asilo. Enquanto isso morava lá no sítio.

A respeito das práticas do asilo, Rafael gosta das atividades de pintar, rezar e conversar com as pessoas que vem fazer estágios.

Eu gosto de pintar. Eu fico o dia todo aqui à toa. Às vezes eles chamam para passear [pessoal do asilo]. Mas eu falo: “eu não vou passear de cadeira de rodas”. Mas eles me levam. Aí eu vou passear.

Aqui o dia a dia é ficar aqui. Rezar o terço. Todo dia a gente reza o terço. O rapaz que vem aqui reza o terço. Tem mais uns velhinhos que rezam também. Aí o padre vem rezar a missa aqui no domingo.

Todos aqui são meus amigos, converso com todo mundo aqui. Eu gosto dos meus amigos daqui do asilo. Vem um monte de escolas aqui. Um monte de gente vem conversar com a gente. Mas converso mais com quem chega de fora. Aqui o pessoal não gosta muito de conversar. Vem várias pessoas fazer atividades aqui [no asilo].

Rafael deixou bem claro que não bebe álcool e nem fuma e que a prática de fumar dos outros moradores do asilo incomodam, já que os mesmos não respeitam os lugares reservados para esta prática.

Tem uns que fumam. Aí não gosto. Eu não fumo e não bebo também, porque eu não gosto. Aí eles fumam do lado de cá e vem tudo o cheiro. Mas quer fumar tem que fumar lá fora, mas a fumaça vem aqui.

Por fim, Rafael contou que sempre trabalhou e que gostava muito disso. Ele sente saudades de realizar estas atividades, mas agora está impossibilitado por causa da cadeira de rodas.

A vida foi corrida até hoje. Daí, agora eu parei de trabalhar. Sempre gostei de trabalhar e gosto de trabalhar até hoje. [Eu] plantava café, trabalhava, trabalhava, trabalhava. A vida inteira foi de trabalhar! Eu gosto de trabalhar. Até hoje eu gosto de trabalhar. Eu tenho saudade da roça.

6.7 Cecília

Cecília é uma senhora que tem 98 anos. Bastante lúcida e alegre. Foi entrevistada quando estava morado há apenas dois meses no asilo. Italiana, formou família e sempre esteve em contato com os mesmos, com o avanço da idade e a necessidade de cuidados, foi para o asilo. Cecília utiliza cadeiras de rodas e tem pouca mobilidade nas mãos atualmente.

Pelos relatos, fica claro que Cecília valoriza muito os laços familiares.

Meu nome é Cecília. Eu nasci no estado de São Paulo em Catanduva. O nome da fazenda até hoje é Fazenda São José. Eu fiquei lá até os meus 7 ou 8 anos. Nós éramos seis mulheres irmãs e dois irmãos homens. Minha família sempre foi muito honesta. Sempre fomos uma família com muito amor. Todos tiveram juízo. Todos se casaram com família boa. Não tem ninguém trabalhando para os outros. Cada um tem o pedacinho de terra dele. Todos estão criando família e família grande. Estão no sítio ainda hoje.

A família de Cecília sempre precisou trabalhar muito. Neste trecho, Cecília ressalta que seus pais trabalhavam bem e sabiam poupar o dinheiro que ganhavam.

Nós fomos criados praticamente sem pai e sem mãe, porque eles trabalhavam muito. Meu pai saía às 5h da manhã da fazenda e voltava às 8h da noite. Como meu pai era um marceneiro, pedreiro e carpinteiro muito bom, fazia tanto casa de madeira quanto de material, o pessoal gostava do trabalho dele. Então ele sempre ganhava muita groja¹³. Ele guardava aquele dinheirinho no banco. E, a minha mãe, coitada,

¹³ Groja: gorjeta, na linguagem coloquial.

trabalhava no sítio com meus irmãos mais velhos na lavoura. Muitas vezes eles chegavam em casa quando já estava a noite.

Desde cedo, Cecília trabalhou com um de seus irmãos nos afazeres do sítio que tinham. Ela ficava responsável por cuidar de sua avó. É interessante esse paralelo, pois, em outros trechos Cecília comenta desta necessidade de cuidados que os velhos precisam quando a idade avança.

Em São Paulo, minhas duas irmãs mais velhas e meu irmão tocavam uma lavoura de oito mil pés de cafés. Não tínhamos tempo para brincar. Era só roça. Meus pais me deixavam em casa com um irmão abaixo de mim para cuidar de uma avó que era enferma. Eu cuidava da avó e o menino cuidava da criação, tratava dos porcos, das galinhas. Quando chegava a hora do café, eu fazia sopinha de caldo de feijão que a avó gostava. Fazia um feijão bem temperado e uma sopinha de pão bem feita, ralava um queijo e levava para ela. Quando ela acabava, eu perguntava: “o que a senhora quer agora avó?”. Ela falava: “traz um golinho de café”. Só que ela era proibida de tomar café. E eu falava assim: “eu não posso dar café para a senhora, mas eu faço o seguinte, ponho leite e só um pouquinho de café para a senhora sentir o gosto”.

Cecília deixou claro que vir para o Paraná foi uma atitude acertada de seus pais, na opinião dela. Porém, sua avó não conseguiu se acostumar com o novo clima do estado.

Eu fiquei cuidando da minha avó uns 6 a 8 anos. Ela veio com a gente para o Paraná. Mas voltou para trás porque não acostumou com o Paraná. Ela tinha uma irmã que morava no estado de São Paulo e ela foi para lá. Ela não gostava do Paraná, falava que era um lugar muito frio. Daí ela foi para São Paulo, passou um tempo e faleceu. Ela já tinha 90 anos. Tem gente que atura mais, tem gente que atura menos.

Infelizmente, por razão do trabalho, Cecília não teve contato com os estudos.

A única felicidade que eu não tive é que meu pai nunca me deixou ir para a aula. Eu gostava da leitura. Eu conheço os números, conheço as letras, mas não sou capaz de juntar para decorar para ler. Ele não deixava estudar porque tínhamos que trabalhar.

Ela contou que no Paraná, conseguiram morar com todos os irmãos juntos em uma mesma casa e, mesmo em muita gente, mantiveram sempre boas relações.

Depois meus pais vieram para o Paraná, compraram um pedacinho de terra aqui em Andirá. Mas logo eles venderam e compraram aqui pertinho em Maringá. Um terreninho de 30 alqueires. Aí ficou toda a família junto, graças a Deus. Morávamos os irmãos casados, os sobrinhos. Porque a família italiana fica com todos juntos. Era uma casa enorme. Tinham oito camas, fora as redes. Minha família foi muito unida e é até hoje. Quando eu era solteira nós éramos em 22 na casa. Depois que eu casei nós éramos em 32 na casa.

Então nossa vida foi essa. Depois os irmãos foram casando. Quando todos se casaram, juntamos nosso dinheirinho e compramos um sítio para o meu pai. Porque ele estava velho e cansado e todos nós já tínhamos a nossa casa.

Quando os irmãos conseguiram conquistar uma boa condição financeira, decidiram comprar uma propriedade para os seus pais. Ela conta sobre essa história e de como se desenrolou as questões de propriedade até os dias de hoje.

Depois, como meus pais faleceram, decidimos deixar o sítio para o nosso irmão mais velho e todas as irmãs concordaram. Agora que o irmão mais velho faleceu, os filhos quiseram fazer o inventário para passar as partes para nós e nenhuma de nós quis. Falamos: “não, vocês ficam com um pedacinho de terra cada um. Dividem para não tem briga. Vão ao cartório. Podem trabalhar junto, mas cada tem que ter o seu pedacinho”.

A respeito de seus relacionamentos, Cecília contou como conheceu seu marido.

Quando eu era solteira nós íamos aos bailes em uma fazenda muito grande, a fazenda Lunardelli. Nós fomos criados lá. Tinha um salão de baile muito grande, uma salona. Conheci meu marido lá. Mas eu era noiva antes. Eu namorei um por 8 anos e depois ele mudou para São Paulo, porque a família dele foi para lá e eu desanimei dele. Ele foi embora e aí fica sem graça, porque foram 8 anos de namoro. Depois comecei a namorar esse meu marido. Foram dois anos de namoro e nos casamos. Graças a Deus fomos muito felizes. Fui muito feliz com ele.

Apesar das dificuldades que enfrentaram, Cecília sempre pode contar com o apoio de seu esposo.

Não tivemos família. Bom, tivemos, mas não tivemos a felicidade de criar. Tentamos duas vezes. A primeira nasceu morta, perdi por causa de um susto, e a segunda nasceu e viveu só uns dias e morreu. Mas ele sempre me deu força, coragem e animação.

Como não pôde ter filhos, Cecília decidiu adotar duas meninas. Ela as via nas ruas e contou como aconteceu este episódio. Interessante notar que ela se lembrava das frases que foram ditas na época, as repetiu algumas vezes. Fora um fato bastante marcante na vida de Cecília.

Eu adotei duas meninas. No começo, a cidade de Maringá era pobre, muito pobre. E eu passava na rua e via essas meninas na calçada brincando. Eram 8h, 9h da noite e elas lá fora. Aí um dia eu falei para o meu marido: “eu vou perguntar para essa mulher se é dela essas crianças”. Aí ele me falou: “você vai passar vergonha, ela vai se chatear”. E eu falei: “qualquer coisa eu fico quieta”. Aí um dia passei e vi essas crianças na calçada, todas sujinhas. Eu bati palmas. Saiu uma senhora brava lá de dentro e ela perguntou: “o que você quer?” Eu falei: “nada, só queria perguntar se essas crianças são da senhora”. Ela disse: “são minhas sim, esses estorvos”. Aí eu

falei: “estorvo por que minha senhora? São inocentes”. Ela disse: “já estou cheia, a minha filha não tem juízo, eu sou velha, estou cansada e ela deixou as crianças comigo”. Era uma menina moreninha bonita. Eu falei: “a senhora teria coragem de dar?”. Ela falou: “seria um favor”. Eu falei: “se a senhora quiser me dar, eu aceito. Mas assim, de papel passado”. Ela falou: “eu vou já ao cartório assinar”. Aí eu falei: “hoje já é noite, mas faz assim, amanhã cedo eu passo com meu marido aqui e a gente vai ao cartório assinar”.

Eu trabalhava no sítio e meu marido trabalhava no carro da praça. Aí chegamos em casa e eu falei com o meu marido e ele me perguntou: “será que ela vai dar?”. Eu falei: “não sei, mas vamos tentar”. Aí fomos lá. Eu perguntei se tinha pai, ela falou que não. E meu marido perguntou: “você dá ela de papel assinado pra gente?”. E ela falou: “dou, se quiser levar agora já”.

Nós fomos ao cartório fazer o documento. Porque a gente gosta das coisas certas. Porque depois, com o passar do tempo, a senhora poderia querer de volta.

Ela falou: “não tenho nem roupinha para trocar ela”. Eu falei: “não faz mal, que eu tenho muita roupinha que eu sou costureira e eu trago para ela”.

Após perder duas crianças, o cartório ficou receoso de que Cecília tivesse outra decepção, pois, uma das irmãs era muito doente. Porém, Cecília cuidou da criança e viveu muito bem com as duas, conforme segue o trecho.

Aí fomos ao cartório e o homem do cartório me falou que uma das meninas tinha uma forte bronquite e que estava internada. E eu falei: “eu vou levar, que seja feita a vontade de Deus”. Ele falou: “você tem muita coragem”. Eu falei: “eu tenho! Deus é meu Pai e vou levar”. Eu tratei dela com banha de galinha. Toda noite eu colocava uma colher de banha de galinha no café e passava no peito dela e nas costas. Ela foi melhorando, melhorando. Até que fomos ao médico e ele disse que ela não tinha mais nada e que era para eu seguir com o que estava fazendo. Quando ela ficou boa, eu a levei para os médicos verem. Até hoje ela está viva. Ela me deu um neto e duas netas.

Sobre a entrada no asilo, Cecília contou que não havia mais a possibilidade de ficar sem cuidados, já que está com 98 anos, sua filha faleceu e a neta precisava trabalhar. Então, Cecília decidiu ir para o asilo.

Não faz nem dois meses que eu entrei [no asilo]. Eu estava com minha neta, porque uma filha minha faleceu. Minha neta, coitadinha, precisava trabalhar. E ela falou assim: “como é que a gente faz, vó?”. Porque eu não posso ficar sozinha e contratar uma pessoa não dá. Eu falei: “Não, minha filha, não quebre a cabeça não, que eu vou para uma casa de velhinhos”. E ela perguntou: “mas você tem coragem, vó? Depois eles falam que eu toquei a senhora”. Eu falei “não minha filha, não tem nada disso. Se alguém falar alguma coisa, você fala: ‘pergunta para minha vó que ela dá a resposta’. Fui eu que escolhi”. Porque eu estou vendo a situação dela que ela precisa trabalhar e eu não posso ficar sozinha. Procurei uma pessoa para ficar junto comigo e era R\$ 110,00 por dia.

Eu falei para minha neta: “Porque a verdade, minha filha, tem que ser certa. E eu vou com toda fé em Deus, eu tenho fé em Deus em ser muito feliz lá. E você fica aqui na sua casa, tocando sua família e muito juízo. Trabalhar e ter muito respeito”. Ela falou: “Tudo bem vó, mas eu só quero que a senhora volte aqui e que não se esqueça daqui”.

Não quis ficar na casa da minha filha porque onde tem muita criança é mais difícil para gente. Você sabe como é criança.

E eu falei para minha filha: “você tem que trabalhar, ajudar sua família. Eu vou lá no lar dos velhinhos. Eu vou porque eu conheço a obrigação. Quem está criando família é muito trabalhador. É muita coisa. Aí eu fico lá e vocês tocam a vida de vocês aqui. Nem eu estorvo vocês e nem vocês e estorvam”.

Ela contou que sempre esteve em contato e visitava asilos junto de seu marido quando era jovem. Assim, ela conhecia os lugares e não teve dificuldades em escolher um lugar.

Já acostumei. Eu tinha costume, desde nova, de visitar lugares assim. Tanto eu quanto meu marido. Quando chegavam às semanas das festas, nós tínhamos bastante galinha, bastantes ovos. Então eu preparava as galinhas, preparava uns pães. E ia levar. Levava nos lares dos velhinhos. Porque eu falava: “Deus me deu, eu vou dar também”.

Suas netas ainda a visitam. E, na compreensão de Cecília, a obrigação da pessoa é com a família que está criando e não com ela.

Então minhas netas falam assim: “ih vó, a gente demorou em vir visitar a senhora, por causa disso, por causa daquilo.” E eu falo: “ih filha, não pensa nisso agora. Pensa na sua família, a que você está criando. Essa vó está encostada aqui. E graças a Deus não está tendo problemas com nada”.

Cecília falou sobre a diferença de visão que os velhos e os jovens têm do mundo.

A gente tem que compreender que quando a gente é nova é uma coisa. E quando a gente é velha é outra. O que mais muda é o pensamento. Porque no tempo que a gente é mais nova o pensamento é mais vadio. Só quando a gente está com uns 50 ou 60 anos o pensamento muda. Pensamento da gente fica mais pesado, mais coisas na cabeça. A gente vê muita coisa errada e fica meio triste. E assim vai levando a vida. Muitos falam assim: “hoje a vó está triste”. Mas eu falo: “não é triste, é porque às vezes vêm pensamentos na cabeça da gente do que passou”. Porque eu fui uma mulher e trabalhei muito nessa vida. Mas graças a Deus eu sou muito feliz.

Uma das práticas que Cecília realizava e continua realizando até hoje é a da oração. Mesmo em cadeira de rodas e com pouca mobilidade, Cecília faz questão de ajoelhar na cama todas as noites para cumprir suas obrigações religiosas.

Eu sou muito devota. Sou de três apostolados: Sagrado Coração de Jesus, Mãe Aparecida e Oração da Meia Noite. Quando chega 5min para meia noite, eu ajoelho na cama e rezo as orações em 15 a 20 minutos. Rezo essa oração já faz muitos anos. Hoje eu pinto. Eu bordava na máquina, mão e fazia crochê. Aprendi sempre muito certinho. Eu ia à casa dos outros, pedia licença se eu podia ver e contar os pontos. Aí chegava eu em casa eu já fazia.

Cecília recomenda uma vida com o mínimo de discussões possíveis, respeitando a realidade do outro e as necessidades do outro.

A gente tem que passar por essa vida humilde e humana. Tem alguns que falam assim: “eu não gosto de fulano, eu não gosto de cicrano”. Eu falo: “não, a gente não deve falar isso. Porque cada um de nós tem uma cabeça, um destino, um jeito de viver, um jeito de amar”.

A respeito de um episódio que aconteceu no asilo, Cecília contou sobre um terço que rezou de uma maneira diferente do que o pessoal estava acostumado e isso causou desconforto em outra moradora do asilo.

Eles me chamaram para rezar o terço. Eu falei: “eu vou, mas só que meu terço é todo cantado”. Eles: “não faz mal.” Aí rezamos o terço e uma senhora veio e falou: “bella roba¹⁴ (em tom de deboche)”. Eu falei: “obrigada! Se a senhora não gostou, me desculpa”. Eu fiz a minha obrigação. Rezei como eu sabia. Não gostou? Paciência. Eu não guardo em pensamento e nem em coisa nenhuma. Eu rezo e se não serve, paciência.

Graças a Deus sou bem vista aqui [no asilo]. À noite as enfermeiras passam duas, três vezes no quarto para trocar [os moradores]. Porque tem gente que faz xixi e não fala e depois ficam tudo assados.

Sobre o asilo, Cecília contou que tem tudo o que precisa para viver e é muito grata por ter pessoas cuidando dela. Ela contou que cuidou de seus sogros no fim da vida deles e sabe como é difícil a tarefa de cuidar de velhos. Sempre que fala dos velhos que ajudou a cuidar, ela faz o contraponto com a sua própria realidade.

O que a gente quer mais? É tratado, come, bebe, dorme, cuida, dá remédio, olha. O que a gente quer mais? Tem que dar graças a Deus por ter quem está te cuidando. O duro é aquele que está te lavando, te limpando, te dando remédio.

Eu sei porque eu fiz isso pra muita gente. Fiquei seis anos cuidados dos meus sogros assim. Ela cega e ele de cadeira de rodas. Ele não tinha enervatura. Dormíamos ela de um lado da cama, ele do outro e eu no meio, para eu cuidar deles.

Ele era muito pesado e compramos um periquito para ele fazer xixi de homem. Ela eu levantava e levava no banheiro. Foram seis anos. Sempre fiz com muito amor. Tinha esse sentimento de tristeza da morte deles, mas no fim era melhor que Deus levasse. Porque não era o meu sofrimento, era o deles. Porque viver dia e noite em uma cadeira, eu tiro agora pra mim. Porque eu quase não ando. Eu fico aqui sentada o dia inteirinho na cadeira.

No trecho seguinte é possível observar que Cecília é bastante grata a todos esses cuidados que recebe no asilo diariamente.

Quando eu vou para a cama fico com uma vontade de espichar assim. Às vezes a enfermeira fala assim: “vamos deitar um pouquinho mais cedo que assim a senhora se espicha”. Aí eu deito e falo assim: “obrigado enfermeira”. E ela fala: “essa boca abençoada não se esquece de falar obrigada”.

¹⁴ “Que coisa bonita”, em italiano.

Eu falei: “oh minha filha, essa é a única coisa que eu posso falar. Porque eu dou graças a Deus pelo que vocês estão fazendo. Porque eu estou assim, dia e noite. A gente tem que agradecer as pessoas. Porque eu sei o que é o sofrimento assim”. Ela dá risada e fala assim: “a senhora dá risada porque a senhora já passou né?”. Eu falo: “eu sei!”.

A respeito da sua relação com a família, Cecília contou que seus parentes sempre a visitam. Ela tem muitos parentes e todos foram sempre muito unidos.

Acho que eu tenho umas 30 sobrinhas. É tudo muito feliz, não tem discussão. Sempre tem festa na família. Tem o meu irmão mais velho, que faz pouco tempo que faleceu. Toda semana ele fazia festinha na casa dele. Convidava todos os parentes. Ele estava bem, tinha muita criação, porco, galinha. E fazia aquela festa. Tenho muitos sobrinhos. Todos vêm me ver, vêm me visitar.

Por fim, Cecília continua motivada. Tenta manter seu coração tranquilo e continua rezando. Mantem-se feliz.

Olha, na idade que eu tenho, tudo que eu passei eu entrego nas mãos de Deus e sou feliz. Falo a verdade, não tenho mágoa, não tenho pensamento de variação¹⁵, não. Graças a Deus. Eu falo assim, eu tenho 98 anos, mas sou feliz. Estou alegre!

¹⁵ Variação: confusão mental.

7. HISTÓRIAS DE VIDA, OBSERVAÇÕES E SUAS ANÁLISES À LUZ DO COTIDIANO E DA TERRITORIALIZAÇÃO

Neste capítulo realizo as análises das histórias de vida que foram apresentadas anteriormente. Também faço um paralelo com tudo o que foi observado nas pesquisas de campo. Apresento as práticas cotidianas dos velhos e as relações que ocorrem entre eles, bem como a relação entre os velhos e a instituição e as relações familiares. Dialogo com a teoria para poder entender como as práticas cotidianas são traduzidas simbolicamente pelos velhos, ocasionando os processos de territorialização nos asilos.

Antes de iniciar, quero destacar que esta pesquisa não tem o interesse em traçar padrões de comportamento, mas realizar uma análise interpretativa de tudo o que foi dito pelos entrevistados e observado por mim e que podem trazer alguma contribuição para o entendimento da territorialização que acontece pelas práticas cotidianas.

7.1 Antecedendo às práticas: ócio, alheamento e inutilidade

Entendo que os velhos, moradores do asilo, reproduzem, nos dizeres de Tuan (1983), aspectos culturais no espaço em que estão inseridos relativos à sua vida já vivida anteriormente e também absorvem outros elementos que surgem a partir da inserção no asilo e, conseqüentemente, da cultura do mesmo. Isso é percebido pelo modo que realizam suas rotinas, a maneira de se relacionar com outras pessoas, o respeito às regras do asilo, a prática de sua religião, os hábitos e lazeres que permanecem exercendo. Ainda que os velhos não tenham consciência destas práticas e não atribuam importância, estas são realizadas diariamente e revelam traços relevantes para a compreensão da cultura e da identidade destas pessoas.

Antes de iniciar a apresentação das práticas cotidianas e das atividades em si, inclino-me a discutir um fator anterior ao realizar atividades – o ócio. Conforme apontado por autores como Silva (2008) e Motta (1997), existe uma tendência a se estimular os velhos a praticarem o máximo de atividades que lhes permitam “envelhecer melhor”. Porém, observei que muitos dos moradores do asilo preferem o ócio à atividade. A inatividade é uma das práticas realizadas pelos velhos e muitos deles apreciam ter essa sensação.

O ócio é valorado pelos velhos, já que para muitos deles, o asilo foi a primeira oportunidade que eles tiveram durante toda a vida para descansar e poder executar o que tiverem vontade de fazer sem compromissos, em ritmos mais lentos, e que, principalmente, não se relacione ao trabalho e sua subsistência, ou seja, sem ser uma obrigação. Ressalta-se que o avanço da idade acarreta na lentidão da realização das ações e do raciocínio (GUERRA; CALDAS, 2010). Portanto, a sensação de tempo do velho é distinta da sensação dos que os observam e realizam trabalhos com eles (HALBWACHS, 2009). Por mais que existam indícios a respeito da melhora da qualidade de vida senil com maiores estímulos físicos, psíquicos e sociais (SILVA, 2008), há que se respeitar os indivíduos que desejam “fazer nada”.

Os velhos gostam do asilo justamente por ele ser um ambiente tranquilo, por não serem incomodados e por não precisarem realizar nenhuma tarefa por obrigação. Somado a isso, é uma situação cômoda ter todos os serviços que são oferecidos pelo asilo. Mesmo que, por vezes, pratiquem outras atividades, o ócio é um fator presente no cotidiano do asilo, conforme pode ser verificado nas falas de Joaquim, Raul, Ester e Carlos.

Joaquim: Aqui é muito bom pra viver, porque como eu falei aqui ninguém faz nada. Ficamos sentados e vendo o movimento. É tranquilo mesmo. Aqui não é ruim não. Eu mesmo gosto daqui.

Raul: O cotidiano aqui no asilo seria uma vida de não fazer nada, completamente ociosa. Isso se não tivesse fisioterapia, psicologia e as visitas.

Raul: Pra mim, voltar para cá foi um sossego. Adaptei-me rápido aqui, desde a primeira vez eu gostei daqui.

Ester: Mas, eu gosto daqui, a gente come e dorme só.

Carlos: Aqui estou tranquilo. Tem que pensar essas coisas. Vou sair de um lugar que eu estou bem aqui para sofrer lá? Porque lá eu vou ter que fazer uma comida para ajudar ela, ajudar a lavar roupa, arrumar uma cama, ajudar a limpar a casa, [...] Então não dá.

Ainda assim, ouvi depoimentos em que os velhos dizem que preferem a vida ativa e consideram que só assim é que estão efetivamente vivendo. Raul, por exemplo, que participa regularmente das atividades oferecidas pelo asilo; e Joana, que além de participar das atividades do asilo, também inventa suas próprias atividades, como manter seu próprio caderno de pintura; consideram que é necessário realizar atividades justamente para “não se entregar” às degenerações do tempo.

Raul: Os idosos precisam fazer movimentos, se exercitar, pintar, desenhar. São as atividades que nos mantêm vivos. Se a gente vivesse no ócio completo, além de estar no pior lugar do mundo, a gente morreria de ociosidade. Comer, beber, dormir, isso não basta para nós. Temos que ter amizades, conversar.

Joana: Eu acho que as pessoas se entregam muito. [...] Eu nunca fui assim de me entregar. Os anos passam, não passam só para mim. Passam para todo mundo. [...] Eu gosto daqui, das atividades daqui. Eu gosto de pintar, a gente pinta. É bom que passa o tempo.

Dentro das atividades realizadas, é comum que os moradores do asilo não atribuam importância às práticas que realizam, ou seja, nos dizeres certeunianos, são atividades ordinárias, como pintar, ver televisão, sentar para observar o movimento do asilo, escutar as conversas. Por manterem uma postura passiva, consideram que não estão realizando nada, apesar de construir o cotidiano a partir destas práticas.

Rafael: Eu gosto de pintar. Eu fico o dia todo aqui à toa.

Carlos: Então eu vim pra cá e fiquei tranquilo. Eu fico aqui e fico quietinho, mas todas as coisas eu estou escutando.

Outro ponto a ser ressaltado, que é distinto do ócio, apesar de parecido, é o estado de alheamento de vários moradores frente às atividades oferecidas pelo asilo, a falta de vontade em realizar tarefas e a de compartilhar atividades com outros moradores, conforme lhes dava prazer no passado. É possível observar no próximo trecho em que Carlos comenta que não tem vontade mais de tocar seus instrumentos musicais, pois não se sente impelido a realizar nenhum afazer.

Carlos: Agora não estou tocando mais. Estou parando de tudo. As sanfonas estão todas guardadas. Só estou com dois violões. Tocava. Mas nem violão eu não estou pegando. Estou aborrecido. Hoje mesmo estou aborrecido porque não tem disfarce pra mim.

Continuar realizando atividades no asilo que eram realizadas anteriormente pode auxiliar em uma adaptação mais fácil e rápida do velho no asilo, isso porque quando a cultura da pessoa se aproxima da cultura vigente esse aspecto é facilitado, pois, nessa fase da vida os velhos integram as tradições que aprenderam durante toda a vida (MADEIRA, 1999). Entretanto, é difícil encontrar um grande leque de atividades dentro do asilo que se assemelhem ao passado dos velhos.

Pude observar alguns velhos que realizavam atividades relacionadas ao funcionamento do asilo, como: auxiliar na distribuição de alimentos, organizar filas, realizar pequenas tarefas

no escritório, auxiliar na preparação de alimentos na cozinha e atividades em horta. Estas atividades trazem satisfação aos que a realizam, eles se sentem úteis e sabem que estão ajudando de alguma forma no asilo, mesmo que sejam moradores dele. Um dos senhores disse-me que: “apesar de ser morador do asilo, me encarrego de algumas tarefas” [trecho do diário de campo]. Um ponto de vista interessante, pois, ele não se reconhecia como um dos outros velhos que recebem serviços, mas oferecia os seus serviços. Vê-se a si mesmo como um voluntário que vive no asilo e tem orgulho em exercer estas funções. Realiza uma territorialização política (HAESBAERT; PORTO-GONÇAVES, 2006), ao colocar-se como gerenciador das atividades do asilo e se aproximar dos visitantes apresentando o funcionamento do asilo como um guia turístico.

Em resumo, as práticas relacionadas ao ócio ou mesmo à falta de vontade em realizar atividades e ser indiferente a estas, são observáveis sem um grande esforço. Todavia, outras diversas práticas cotidianas foram notadas dentro do asilo, inclusive nas falas dos entrevistados. Na sequência são apresentadas as práticas constatadas e alguns entendimentos sobre elas.

7.2 Percepções sobre as práticas cotidianas

A partir de tudo o que foi observado e do que foi dito nas entrevistas listei as práticas cotidianas que são realizadas pelos sujeitos de pesquisa. No intuito de facilitar a análise, separei as práticas em três grandes macros: velho, asilo e territorialização. Na categoria **velho**, aloquei as práticas que os moradores do asilo são impelidos a realizar ou estão relacionadas a um entendimento geral do **ser velho**. Na categoria **asilo**, aloquei as práticas que o asilo oferece e são praticadas de um modo geral pelos velhos, contudo, uma atividade que é realizada em fluxo, sem necessidade de decisão em si própria. Já na categoria **territorialização**, aloquei as práticas que mais se aproximam de uma opção em realizar ou não a atividade e ainda de imprimir características pessoais na realização destas, e, portanto, práticas que estão relacionadas ao que os velhos têm a liberdade de executar ou não dentro do asilo de acordo com sua vontade e à sua maneira.

Na figura 4 apresento as práticas e suas respectivas categorias com o auxílio de um mapa mental para facilitar a visualização e destrincho na sequência o que é relevante a respeito delas.

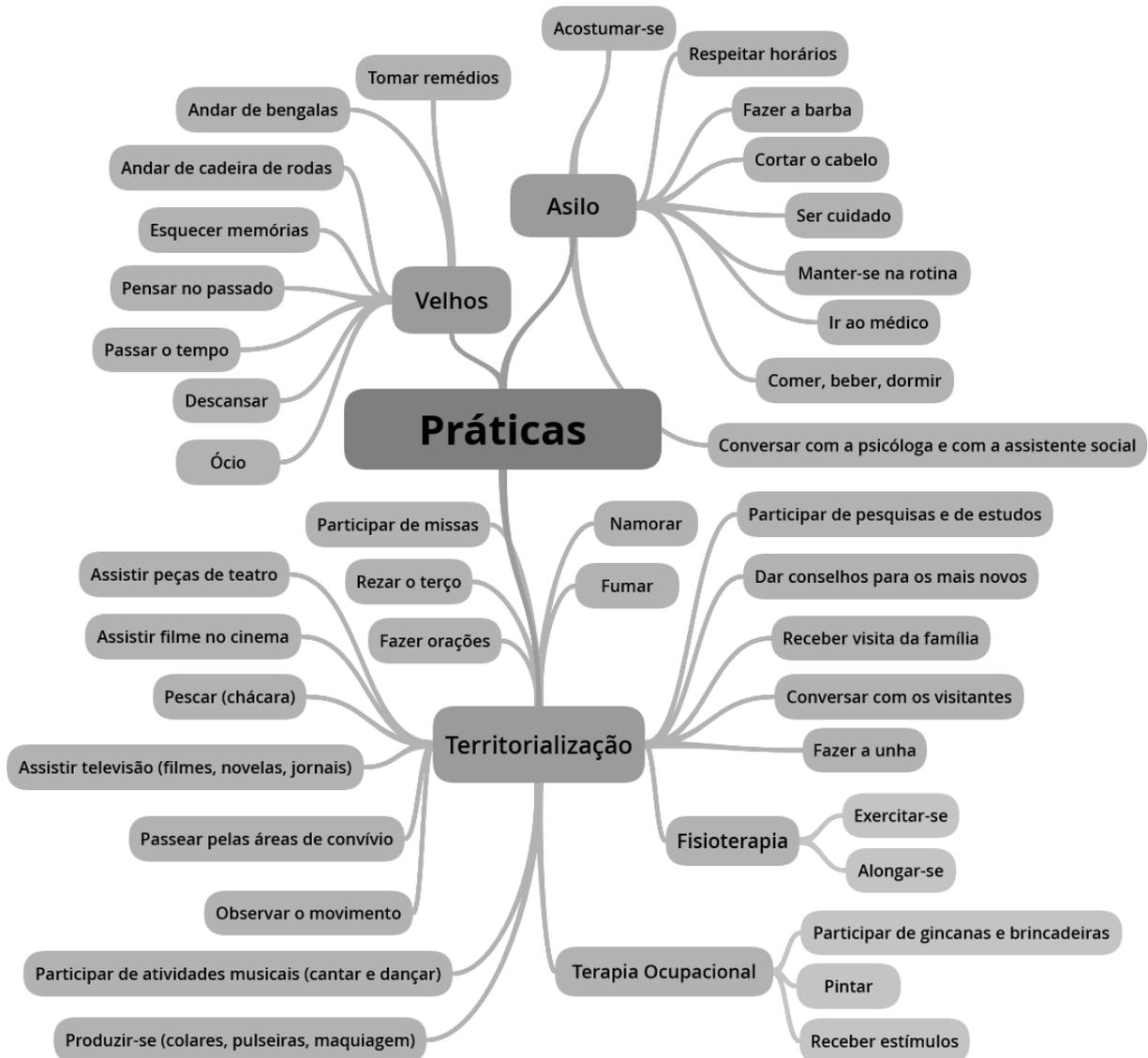


Figura 4: Mapa mental das práticas dos velhos
 Fonte: Mapa mental elaborado pela autora (GOCONQR, 2017)

7.2.1 Asilo

Dentre as atividades apresentadas, as que se referem à: respeitar horários, acostumar-se à rotina e aos hábitos do asilo, ser cuidado pelos profissionais da saúde, manter as atividades relacionadas à sobrevivência humana de comer, beber e dormir, cuidar do asseio pessoal, com os cortes de cabelo e barba, são práticas que os velhos seguem até mesmo de uma maneira instintiva. Os serviços referentes ao trabalho da psicóloga e da assistente social são oferecidos e os moradores são acompanhados pelas mesmas. Opor-se a estas atividades não é natural do ambiente, visto que os indivíduos apreendem as tradições dos lugares que se inserem e as praticam (CLAVAL, 2007), ainda que por vezes ocorra esta antidisciplina

(CERTEAU, 2012). Pude observar que nem sempre os moradores querem seguir aos horários, comer e tomar remédios.

Manter todas as atividades que os regulamentos e resoluções exigem implica em um maior controle de horários e da própria vida pessoal dos moradores que ficam presos à lógica do asilo. Resistir a estas regras é um modo que os velhos encontram para afirmar a sua própria capacidade de escolha sobre estas normas, mesmo que nem sempre logrem em não realizar o que se impõem. Alguns velhos definem o seu próprio horário de almoço. Enquanto a maioria dos velhos está presente no refeitório às 11h30min ou até antes, alguns chegam somente às 11h50min; uma tática (CERTEAU, 2012) para fugirem da monotonicidade de esperar.

Da mesma forma, administrar os remédios para os velhos é uma estratégia (CERTEAU, 2012), partindo do princípio de que os enfermeiros possuem poder político (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006) de dominação, concebidos pela estrutura do asilo. Enquanto, fingir que engoliu o remédio é uma tática (CERTEAU, 2012) praticada pelos velhos para resistir ao que se impõe. Prevendo este comportamento, os enfermeiros esperam que os velhos engulam os comprimidos. Assim, na inventividade de novas táticas, os velhos reclamam para os visitantes, familiares e pesquisadores, sobre a eficácia do medicamento e dos efeitos colaterais.

7.2.2 Velhos

A questão de passar o tempo, o ócio e descansar, como já foi abordado, estão relacionados com a velhice. Bem como tomar remédios, andar de bengalas, andar de cadeira de rodas e esquecer memórias. Apesar de existir a possibilidade de estas práticas cotidianas serem realizadas em qualquer idade por qualquer pessoa, dentro da pesquisa, ficou nítido que os velhos reconhecem estas práticas como “práticas de velhos”.

Estar dentro do asilo pode ser considerado um fator endógeno do sentimento de “sentir-se velho” quando o indivíduo é internado em um asilo. Para esclarecer, questiono: os indivíduos se sentem velhos por que estão no asilo ou estão no asilo por que estão velhos? Descobrir elementos que expliquem esse contexto é complexo, pois, parece-me que os dois fatores estão intrinsecamente relacionados um ao outro.

A partir do momento em que os velhos se inserem no asilo, eles já rotulam que o asilo é “uma casa de senhores e senhoras idosos” [trecho do diário de campo], logo, um lugar para pessoas em idade avançada. Estar dentro do asilo é um aspecto que os relembra desta

condição de vida o tempo todo. Além disso, ver os outros moradores, também com mais idade recebendo cuidados, escancara a realidade atual e futura. Assim, entendo que as atividades realizadas pelos moradores do asilo estão relacionadas com práticas que podem ser atribuídas à velhice.

No mesmo íterim dos significados dos termos “velho” e “idoso” já apresentados por Silva-Sobrinho (2007) e Peixoto (1998), os moradores do asilo se chamavam de “idosos” e de “velhos” em diferentes ocasiões durante as entrevistas e a observação participante. Porém, quando falavam sobre velhos, existia um sentimento maior de decadência em relação à qualidade de vida.

Na visão de Joana os moradores do asilo chegam ao asilo e desistem de viver a velhice como “idosos”, pois, sentem-se “velhos”.

Joana: Eu acho que as pessoas se entregam muito. Chega aos 60 anos e dizem: “estou velha”.

Além disso, verifica-se que alguns dos moradores do asilo não querem se considerar velhos. Sabem que estão vivendo a velhice, mas preferem dizer que o outro é velho e não ele. Raul acreditava que só seria idoso quando completasse setenta anos. Já com o aniversário celebrado, um pouco contrariado, reconheceu que está na fase da velhice.

Raul: Agora tenho 69 anos e vou fazer 70 anos em março dia 6. Vou ser idoso de verdade! (Entrevista em março de 2017).

Raul: Agora sou idoso mesmo! (Entrevista em setembro de 2017).

A comparação com o ser novo e o ser velho também foi trazida nas entrevistas. Os velhos relembavam dos fatos passados, de quando tinham a liberdade de fazer o que quisessem.

Joaquim: A gente quando é novo tem todas as liberdades. Vai trabalhar, vai viajar!

No que pude observar, alguns velhos aparentavam, e não raro diziam abertamente, que eram inúteis e que não tinham mais serventia. É possível identificar um pouco deste sentimento no trecho em que Carlos fala do fato de estar velho e não se sentir importante para exercer nenhuma tarefa.

Carlos: Eu era alegre igual você assim, agora eu estou velho, não estou prestando mais pra nada.

A diminuição das capacidades físicas e psicológicas traz uma grande diferença na vida dos velhos e destaca ainda mais o sentimento de inutilidade. Verifiquei que alguns dos moradores que estão lá, não estão por opção, mas porque era a solução viável de manterem-se cuidados. Esta realidade impacta ainda mais nos sentimentos negativos relacionados à velhice:

Ester: Se eu tivesse morrido daquela vez estaria tão bom. É que na minha vida eu sofri demais. Minha mãe sofreu demais.

Cecília: Porque eu estou vendo a situação dela que ela precisa trabalhar e eu não posso ficar sozinha. Procurei uma pessoa para ficar junto comigo e era R\$ 110,00 por dia.

Percebi uma nuance de anulação da história de vida do velho quando ele não tem mais filhos e parentes próximos. Assim, não há mais quem se interesse sobre quem o velho é ou quem foi. Escrever a história de vida de alguns moradores trouxe neles grande satisfação, justamente pela valorização desta história que ninguém quer escutar e que agora está escrita e impressa em papel. Todos os velhos se emocionaram e ficaram muito contentes ao receber suas histórias de vida impressas. Sentiram-se tão valorizados que queriam guardar entre os seus pertences e outros queriam mostrar para os seus familiares.

7.2.3 Territorialização

Quanto ao bloco de práticas que relatei com a territorialização, verifiquei que nestas práticas em si, os velhos incluem suas características próprias, pois realizam e participam das atividades à sua maneira, replicam dentro do asilo as ações que estavam acostumados a praticar durante sua vida, inserindo aquilo que Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006) chamam de territorializações culturais, políticas e econômicas.

Iniciando pela fisioterapia e terapia ocupacional, existe a opção para os velhos de participar ou não das atividades. Os moradores do asilo são convidados e instigados a participar. No caso da fisioterapia, alguns moradores são assíduos, enquanto outros vão apenas quando estão com muitas dores. No caso da terapia ocupacional, os velhos participam conforme a atividade do dia é a que lhes agrada, a exemplo disso, alguns velhos não gostam de trabalhos em grupos, tais como gincanas e brincadeiras, porém, o dia de pintura sempre

recebe diversos moradores. Portanto, os velhos consomem (CERTEAU, 2012) as atividades que têm disponível da forma que lhes é conveniente (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2012); é perceptível que os velhos preferem desenvolver atividades que tenham a menor interação possível entre os moradores do asilo.

Sobre a prática de pintar, cada velho a realiza à sua própria maneira. Estas atividades confeccionadas pelos velhos costumam ser expostas posteriormente no pátio do asilo. Os desenhos que são pintados e levam os nomes dos autores, são pendurados entre pilares ou colados nas paredes. É possível visualizar a expressão de satisfação dos velhos que tem seus desenhos expostos e recebem elogios de outros velhos e funcionários do asilo que apreciam os desenhos. Esta pode ser considerada uma forma de conseguir atenção para si. Os outros velhos que não participam das atividades, ainda que tenham sido convidados, exprimem seus ciúmes e ficam mal humorados, por não serem notados. Participar das atividades eleva o nível de territorialização política dos moradores, que passam a ser observados, notados quando eventualmente não participam, além de estarem sempre em contato com várias pessoas.

A maioria dos velhos do asilo é carente de relações afetivas. A atenção dos visitantes e dos funcionários é disputada (SOJA, 1971) entre os velhos. Além dos espaços, os velhos disputam dentro das relações sociais (SAQUET, 2007) para conseguirem conversar com visitantes, como Raul, que assiste aos jornais para manter-se informado e ter assunto com os visitantes. Quando eu entrevistava um velho por um longo período, era comum algum outro velho se aproximar para falar de si, ou pedir um copo de água, ou que os levasse para outro ambiente, enfim, qualquer coisa que desviasse a atenção de um que estava recebendo muita, para aquele que não estava recebendo nenhuma.

Nos dias de visita havia percebido de maneira explícita que alguns moradores, em especial moradoras, produziam-se para receber as visitas. As moradoras do asilo podem fazer suas unhas semanalmente no salão que fica dentro do próprio asilo e são as próprias velhas quem escolhem as cores da preferência para serem utilizadas. Ademais, durante as visitas em dias de semana percebi que algumas moradoras tem o hábito de se arrumarem, com brincos, colares, pulseiras e maquiagem diariamente, não só em dias de visita. Assim, o passar do tempo e a chegada da velhice não modificaram suas pretensões de manterem-se asseadas, arrumadas e sentirem-se bonitas. Não raro, são notadas e elogiadas.

Receber visita familiar é uma prática particular de cada morador, pois muitos deles não têm familiares na cidade, alguns não têm bom relacionamento com os parentes ou os parentes já não os visitam com tanta frequência. Portanto, cada caso é particular. Entretanto, nos dias de visita, alguns moradores percebem os novos visitantes e puxam assuntos com eles,

alguns comentam sobre seu passado, outros sobre a realidade do asilo e opinam que gostam de morar ali, outros ainda reclamam do asilo, dizendo que foram abandonados. O relacionamento com a comunidade e pessoas de fora do asilo e de outras faixas etárias é benéfico para os velhos (BISPO; LOPES, 2010; CARVALHO; DIAS, 2011) e nos finais de semana existe um grande fluxo de pessoas no asilo.

A prática do namoro foi observada apenas pelas conversas, porém, não vi nenhum contato físico entre os velhos, nem mesmo mãos dadas e abraços. Em uma das conversas, Carlos me disse que os namoros são brandos dentro do asilo. Para ele, “velho” também é sinônimo de impotência. Apesar disso, atualmente ele considera que está namorando uma das velhas do asilo, e assim, nunca está só.

Carlos: Tem essa menina ali sentada que estou namorando. Ela é doida por causa de mim e eu estou levando ela na conversa. Eu quero desmanchar [o namoro] e ela não quer desmanchar. O povo do asilo pensa que eu estou fazendo as coisas com ela. Fazer o quê? Mas, depois de velho, vou fazer o quê? Não dá mais.

Joaquim também namorou uma moradora do asilo, não entrou em detalhes, mas disse tê-la conhecido dentro do asilo e ficaram juntos até que a mesma veio a falecer.

Joaquim: Aqui no asilo vivi um tempo com uma mulher, mas ela faleceu. Conheci ela aqui e ela morreu aqui mesmo.

A respeito da prática de fumar, foram definidas algumas áreas dentro do asilo para o uso do cigarro, porém, nem todos os usuários respeitam os limites destes espaços. Ignoram que estão em um espaço comunitário e o consomem como bem entendem (CERTEAU, 2012). Assim que recebem o cigarro já começam a fumar sem se importar com quem está por perto. É comum que os profissionais da saúde indiquem outro lugar para que não fumem perto dos que não gostam, mas até isso acontecer, os outros moradores que não são fumantes ficam incomodados e sentem o seu espaço invadido (TUAN, 1986). Ester e Rafael me contaram que se incomodam com os fumantes e com o cheiro, além disso, as cinzas do cigarro queimam o sofá e as poltronas que têm no asilo, danificando o que é de uso comum. Comumente, estes velhos tendem a se afastar dos outros por estas práticas que os incomodam. Verifiquei que o incomodado é quem se muda de lugar, já que quem possui o cigarro, possui o cheiro que irrita e que infesta os espaços do asilo. Quem, mesmo sem pedir permissão, domina o espaço em que está. Logo uma forma de poder e, conseqüentemente, de territorialização (RAFFESTIN, 1993).

Verifiquei que existem alguns velhos que não fumam mais, mas sempre mantêm um isqueiro no bolso e fazem a gentileza de acender os cigarros para os outros velhos. Verifiquei que alguns dos velhos que estão com o cigarro aceso emprestam para que os outros fumantes também possam acender os seus. Portanto, existe certo grupo que se identifica pela cultura do fumo dentro do asilo e se solidariza com os outros. Os que não pertencem a ele, comumente, detestam as más maneiras dos fumantes.

Rafael: Tem uns que fumam. Aí não gosto. Eu não fumo e não bebo também, porque eu não gosto. Aí eles fumam do lado de cá e vem tudo o cheiro. Mas quer fumar tem que fumar lá fora, mas a fumaça vem aqui.

Carlos contou-me que, consegue obter mais cigarros do que a cota permitida no asilo e que fuma moderadamente, e assim, sobram-lhe cigarro. Ter estes objetos é uma tática (CERTEAU, 2012) de Carlos para ter uma maior visibilidade cortês dentro do asilo, já que Carlos presenteia estes cigarros para outros moradores do asilo, que normalmente estão ao seu redor. Vale ressaltar que Carlos costuma se sentar sempre na mesma cadeira e os outros moradores são quem se dirigem a ele. Logo, uma forma de Carlos territorializar tanto na questão política, por ter contatos e ser visto, receber atenção e conversar com outros velhos, quanto pela questão da territorialização econômica e política, já que o cigarro pode ser compreendido como uma moeda de troca dentro do asilo, o qual dá poder para Carlos ter amizades e relacionamentos amorosos.

Carlos: Pra mim não falta fumo e nem cigarro. Porque eu sei onde tem tudo, vou lá e pego. Tem pra dar pra eles [outros colegas do asilo], pra mim e pra eles.

Em relação às práticas relacionadas à fé, faz sentido que os moradores do asilo continuem perpetuando suas tradições, inserindo relações de poder e identidade nos espaços, de maneira distinta uns dos outros. Essa prática é a que mais se aproxima da realidade anterior dos velhos, ou seja, o que faziam antes de entrar no asilo. Observei que os velhos que participam das atividades de oração, terço e missas, frequentemente participam das outras atividades do asilo também. Nos trechos é perceptível que os moradores se apegam à fé como uma fonte de segurança.

Rafael: Aqui o dia a dia é ficar aqui. Rezar o terço. Todo dia a gente reza o terço. O rapaz que vem aqui reza o terço. Tem mais uns velhinhos que rezam também. Aí o padre vem rezar a missa aqui no domingo.

Raul: Rezo todo dia dois terços do meio dia até 12h45min aí depois o evangelho. Na capela, nós rezamos entre 15 a 25 pessoas, dependendo do dia. Faz bem para quem reza. A pessoa se liberta.

Carlos: Só fico meditando nas coisas que eu sei. Mas agora eu estou meditando biblicamente. Da bíblia eu não ligo. Eu fico pensando assim eu lembro quando eu fazia o terço e pregava para todo mundo.

Cecília: Eu sou muito devota. Sou de três apostolados: Sagrado Coração de Jesus, Mãe Aparecida e Oração da Meia Noite. Quando chega 5min para meia noite, eu ajoelho na cama e rezo as orações em 15 a 20 minutos. Rezo essa oração já faz muitos anos.

Raul: O que me melhorou foi a oração e o medicamento.

Cecília conta no próximo excerto que teve dificuldades com as primeiras orações que realizou na capela junto aos outros moradores, pois, rezava de uma maneira diferente da qual os outros estavam acostumados, cantando o terço. Portanto, por não compreender a conveniência (CERTEAU, 2012) presente no lugar, acabou por abalar a ordem e causar desconforto a alguns que reclamaram. Então, Cecília compreendeu que o hábito já arraigado no local dificilmente seria mudado por ela e passou a rezar da mesma forma que os outros quando está na presença dos moradores que não gostam do terço cantado, ainda que reze outras orações, as quais os outros não se incomodam e crie novas tradições (DEMIRLI et al., 2015). As tradições de algumas práticas do asilo já estão engendradas nas atividades e refletem os consensos construídos ao longo dos anos por todos os que passaram e realizaram estas mesmas atividades (SOJA, 1971) e refletem a cultura particular deste lugar e seus significados (MENDES; CAVEDON, 2013).

Cecília: Eles me chamaram para rezar o terço. Eu falei: “eu vou, mas só que meu terço é todo cantado”. Eles: “não faz mal.” Aí rezamos o terço e uma senhora veio e falou: “bella roba” (em tom de deboche). Eu falei: “obrigada! Se a senhora não gostou, me desculpa”. Eu fiz a minha obrigação.

Como a televisão é um equipamento que pertence às áreas de convívio, comumente, escolher um programa ou uma emissora para ver deve ser decidido em conjunto. Conforme gostam ou não dos programas, os velhos se posicionam para ver o que está passando durante a programação já fixa. Joana é uma das moradoras que possui uma televisão em seu próprio quarto, o qual é compartilhado com outras velhas do asilo. Apesar de Joana considerar que todas suas colegas de quarto decidem pela programação da televisão em conjunto, é ela quem liga e desliga a televisão, portanto, detém o poder sobre o entretenimento.

Joana: Eu tenho uma televisão no quarto e eu ligo a televisão. Nós ficamos vendo até acabar o Jornal Nacional. [Até que alguém pergunta:] “Vamos dormir?” [e respondemos:] “Vamos?”.

Devido à facilidade de compreensão do conteúdo e a não necessidade de legendas, algumas atividades externas propostas pelo asilo, como filmes e peças teatrais, parecem infantilizadas. Ademais, foi observado que alguns cuidadores tratam os velhos como crianças, tanto no agir quanto pela maneira de conversar com eles, da mesma forma como já observado por Locatelli e Cavedon (2014) em outro estudo dentro de um asilo. Por mais que exijam cuidados, os velhos já têm sua personalidade formada e consciência do que querem ou não realizar e se gostam ou não da atividade. Resistir a isto pode ser uma afirmação da própria identidade do indivíduo que não se reconhece executando estas práticas infantilizadas, agindo contra a ordem e a favor de si (SAQUET, 2007).

Entretanto, assistir peças de teatro, assistir filmes no cinema e pescar na chácara são atividades que os velhos têm a liberdade de decidir se querem participar ou não. Portanto, passa pela vontade deles realizar ou não estas ações, apesar de todos serem convidados. Ressalta-se que estas atividades têm bastante aderência por parte dos moradores do asilo, já que é um dia diferente da rotina do asilo e muitos, como Raul, gostam bastante destas atividades diferentes.

Raul: Assistimos os Smurfs no cinema, Peter Pan lá no teatro Calil Haddad. Tem uma chácara aqui perto de Maringá que nós vamos passar o dia.

Frequentemente, músicos voluntários tocam músicas no asilo aos finais de semana, animando os sábados à tarde. Nem todos os velhos participam destas práticas, para alguns, estas festividades já caíram na rotina dos moradores. Alguns velhos são indiferentes a estas atividades, enquanto outros se divertem bastante. Tive a impressão de que, por vezes, os próprios visitantes se divertem mais do que os moradores do asilo.

Passear pelas áreas de convívio e observar o movimento são ações particulares de cada um. Cada velho tem a sua preferência no que tange os espaços do asilo e têm seus lugares preferidos para se sentar. Ademais, escolhem onde tem ou não determinadas pessoas quais os velhos desejam, ou não, encontrar. Trato a respeito das relações no asilo no tópico seguinte.

7.3 As relações dos velhos entre si, com os outros e com o asilo

Conforme já apresentado por Saquet (2013a), a territorialização se dá a partir dos acontecimentos realizados no cotidiano. Isso é percebido pelos significados simbólicos que os moradores do asilo atribuem ao espaço o qual estão inseridos. Esta territorialização, não raro, gera competição, conflito e cooperação (SOJA, 1971). Neste tópico, apresento as relações dos velhos com os outros moradores, com o asilo, com os familiares e com os pesquisadores.

Verifico que, para os velhos internados no asilo, não existe a percepção da instituição do asilo como um lar, as pessoas ali não são familiares ou entes queridos. Os outros internados são considerados iguais ou inferiores pelos moradores do asilo. Conviver diariamente com os outros indivíduos faz com que os moradores conheçam uns aos outros pela forma como agem e pelo que observam a partir da convivência. Ainda que não saibam do passado e de suas histórias, criam impressões a respeito de cada um dos moradores. Porém, cabe ressaltar que existe um sentimento geral de tentar manter-se o mais distante possível uns dos outros.

Por criar raízes espaciais e sociológicas onde habita, o velho precisará conviver com pessoas totalmente desconhecidas e deixar para trás toda a sua vida e seus vínculos e precisará criar novas relações (BESSA; SILVA, 2008). Visto que, a apropriação do espaço ocorre a partir de um conjunto de todas as realidades que estão neste lugar (HAESBAERT; LIMONAD, 2007), e como cada indivíduo pode querer uma coisa, as relações podem se tornar conturbadas.

Quando questionava os entrevistados a respeito do assunto de amizade, muitos desviavam, diziam apenas que todos eram amigos, que não gostavam apenas de um ou de outro, mas não verifiquei o relacionamento de amizade como uma relação presente. Pois não aconteciam conversas durante o almoço, nem durante os outros períodos, todos pareciam muito solitários e silenciosos. Parece-me que cada um está sempre isolado em seu espaço consigo mesmo; não interagem e não querem interagir. Alguns, em raros casos, puxam assuntos e assim ocorrem diálogos breves.

Os moradores eventualmente falavam sobre os outros moradores e suas impressões. Sobre amizade, foram poucos os que disseram ter um bom relacionamento e longas conversas com os outros moradores.

Joana: O pessoal [daqui do asilo] não gosta muito de conversar não, mesmo do meu quarto. [...] Na hora do almoço algumas [colegas] conversam. As mais chegadas.

Carlos: Eu não me misturo muito com eles [outros moradores do asilo]. Eu não me misturo com ninguém. Passa dia, passa noite e eu estou sem problema. Quero ficar quietinho e não falar nada pra ninguém pra não ter conversa. Quem quiser conversar comigo que venha aqui.

Joaquim: Umam gente não se dá muito bem. Mas eu fico pra cá e eles ficam pra lá. Tem gente que a gente não gosta. Mas a gente conversa porque precisa conversar mesmo. Tem gente que vai bem.

Rafael: Todos aqui são meus amigos, converso com todo mundo aqui. Eu gosto dos meus amigos daqui do asilo. Vem um monte de escolas aqui. Um monte de gente vem conversar com a gente. Mas converso mais com quem chega de fora. Aqui o pessoal não gosta muito de conversar. Vem várias pessoas fazer atividades aqui [no asilo].

Apesar disso, os velhos destacaram as conversas com pesquisadores, funcionários do asilo, familiares e visitantes, já com os outros moradores, quase nunca transcorre. Os moradores do asilo não se relacionam muito com os seus companheiros de casa, mas contam suas vidas para os visitantes e pesquisadores. Isso foi observado quando fui ler as histórias e muitos dos que estavam ali ao redor dos protagonistas não sabiam nem mesmo o básico da história uns dos outros.

Raul: O pessoal aqui do asilo é de pouca conversa, mas quando aparece alguém que tem algum estudo, que sabe conversar, então alguém dirige a conversa. Quem tem faculdade faz isso. Eu faço também, eu dirijo a conversa.

Carlos: A gente tem prazer de conversar com você assim. Com quem for que vem aqui.

Sobre a preferência entre conversar com pessoas de fora do que com os próprios colegas moradores do asilo, elenco três pontos de análise: o primeiro, os visitantes e os profissionais de saúde têm uma vida fora do asilo e podem trazer informações a respeito do mundo além dos muros do asilo para os velhos, o que não ocorre com os moradores que participam e observam praticamente tudo o que acontece no asilo; o segundo ponto é a liberdade em contar sobre a própria vida para os visitantes que não são visitantes assíduos, assim, contam somente o que querem contar, sem compromisso com a veracidade e podem falar suas impressões sobre a vida, enquanto quem vive no asilo já tem a sua própria imagem sobre cada um dos moradores e está acostumado com os lamentos; e por último, aponto a atenção: frequentemente os visitantes ouvem os velhos de uma maneira amável, interessada e sem demonstrar julgamentos acerca da vida dos velhos; inversamente a esta situação, os velhos se suportam mutuamente e não se interessam uns pelas vidas dos outros, pois, já

ouviram os mesmos murmúrios muitas vezes, ou até diariamente, já tem suas resistências em relação ao contato com a outra pessoa.

A respeito do trabalho dos pesquisadores e estudantes que passam pelo asilo, Carlos tinha sua opinião particular a respeito disto. Para ele, o trabalho de pesquisa é como uma investigação. E essa atenção os faz muito bem. Conforme já foi apontado anteriormente, os moradores do asilo estão acostumados com as pesquisas. Frequentemente não sabem diferenciar quem são os estudantes e os visitantes. Já Raul, evidencia o fato de ser bem tratado sem o questionamento de sua posição social.

Carlos: Eu sei o seu trabalho assim é a mesma coisa que uma investigação. É a mesma coisa que uma investigação. Vai conversando algumas coisas. Será que assim fica bom? Será assim?

O teu serviço é de ficar agradando os velhinhos pra lá e pra cá. O trabalho de você é esse de jogar conversa. O carinho que você traz pra nós, traz alegria. Eu estou contente. [...] A pessoa fica pensando “Como meu Deus é bom, mandou aquela menina conversar aquela palavra tão bonita pra mim. Conversar comigo. Ação de graças, biblicamente. Então a gente fica contente”.

Raul: Vêm pessoas aqui fazer estágio, conversam com a gente, não perguntam para nós a nossa posição social.

O aspecto da conveniência trazido por Certeau, Giard e Mayol (2012) foi bastante evidente nesta pesquisa. Existe certa conveniência a respeito do não conversar com os outros, sobre o que falar e como se comportar.

A conveniência pode ser observada em aspectos como: escolher conversar com uns moradores e com outros não, falar bem do asilo durante as entrevistas, respeitar os horário corretamente e também na visualização do que não é conforme. Para exemplificar melhor, trago alguns exemplos que acontecem frequentemente, como: o desconforto causado pelo senhor que corteja todas as mulheres que tem acesso no asilo, uma senhora que pede presentes para todos os visitantes e moradores, o senhor que urinou em suas calças enquanto caminhava pelo pátio, os fumantes que não respeitam os espaços, alguns moradores que gritam e choram por vários minutos atrapalhando o sossego do local. Dessa forma, ficou claro que alguns velhos têm sensos diferentes um dos outros no que tange à conveniência. Isso porque para alguns, algumas práticas são normais ou naturais, já para outros, tal comportamento pode ser considerado falta de respeito com os outros. Notei que alguns moradores não sentem repugno sobre estas ações, mas vergonha alheia.

Vale ressaltar que a maioria dos velhos que demonstravam um comportamento desconforme também tinha algum distúrbio. Apesar de não serem culpados por não terem mais o discernimento do que é ou não conveniente para agir, acabam por conturbar o

ambiente, incomodando os outros velhos com ações inesperadas ou desconexas. Interessante notar que os velhos têm muitas opiniões a respeito de seus colegas, muitas vezes visões bastante negativas e ressaltam o que no outro os incomoda.

Outra situação que costuma ocasionar em desavenças entre os internos é a troca de roupa. Nem sempre os velhos estão em seu perfeito estado cognitivo e pode ocorrer de algum não perceber quando um cuidador o veste com as roupas de outro velho. Isso ocasiona algumas desavenças, pelo fato do objeto pertencer à outra pessoa. Do mesmo modo quando uma cama é ocupada por outro velho, ainda que sem querer, ocorrem conflitos. Assim, os velhos delimitam os seus espaços (SOJA, 1971) e se apropriam dele (SAQUET, 2007). Quando acreditam que este mesmo espaço foi invadido por outro, lutam pelo direito que consideram possuir sobre suas coisas físicas e seus lugares de preferência (TUAN, 1987).

Conforme apontado por Tuan (1987), as pessoas precisam de um lugar em que se seguros por uma questão de sobrevivência. Joana deixa bem claro na frase que segue, que sente que o asilo é um local seguro para si. Ademais, ela só sai na companhia dos sobrinhos. Ou seja, os sobrinhos se tornam uma extensão da segurança que Joana sente no asilo e na casa dos sobrinhos.

Joana: Eu penso: “Meu Deus! Será que eu posso sair, será que eu não posso sair daqui?”.

De acordo com Carvalho e Dias (2011) a bagagem histórica e emocional do indivíduo que entra em um asilo impacta mais na adaptação do que a própria estrutura física e profissional do espaço do asilo. Aqui cabe considerar os motivos de vinda de cada entrevistado para vir para o asilo. Joana sempre viveu longe da família, neste caso, decidiu-se por si mesma vir para o asilo e mantém contato com os familiares. Situação bastante distinta da situação vivida por Ester, a qual foi para o asilo por ser a última opção. Ou ainda, como segue o trecho sobre Cecília, que já visitava asilos e conhecia o ambiente e de Joaquim, que da mesma forma, também conhecia o asilo antes de vir morar nele.

Cecília: Já acostumei. Eu tinha costume, desde nova, de visitar lugares assim. Tanto eu quanto meu marido. Quando chegavam às semanas das festas, nós tínhamos bastante galinha, bastantes ovos. Então eu preparava as galinhas, preparava uns pães. E ia levar. Levava nos lares dos velhinhos.

Joaquim: Escolhi aqui e aqui fiquei. Já estou aqui há 11 anos. Não conhecia nenhum asilo em Curitiba. Mas aqui eu já conhecia.

Os motivos para virem para o asilo são muitos, elenquei os que foram obtidos nas entrevistas e que aparecem na sequência. Joana, ao se aposentar, quis morar perto da família, mas não queria dar trabalho para seus parentes. Raul veio por uma necessidade de cuidados médicos tanto pela primeira vez, quanto depois. Apesar disso considera que ninguém quis cuidar dele. Joaquim veio por falta de opção de lugar para ficar. Para Ester foi e ainda é muito penoso ter saído de sua casa e ter apenas o asilo como opção. Carlos considera que foi enganado pela filha que não quis mais cuidar dele. E Cecília precisava de cuidados médicos e não queria atrapalhar a rotina das casas de seus familiares.

Joana: Depois de me aposentar, não quis ficar no Rio, e eu gostava do Rio. [...] E ficar com parente você sabe como é. São muito bons, mas não é casa da gente. [...] Então eu preferi ficar aqui [no asilo]. Eu só tenho sobrinhos aqui, todo mundo trabalha, entende?

Raul: Com 53 anos eu perdi a perna, pois a circulação ficou difícil. Então vim aqui para o asilo por dois anos para me recuperar. [...] Depois, fiquei mais doente e decidi voltar para cá [para o asilo]. [...] Meu irmão não quis mais cuidar de mim.

Joaquim: Se eu não tinha para onde ir, o melhor lugar era o asilo.

Ester: Entrei aqui, mas eu não pensava em ficar aqui! Não, não, não, não! A gente não casou né muié, não tem ninguém pra cuidar da gente. Tem que vir pra cá. Tem que vir pra cá. Foi difícil para acostumar. Muito difícil.

Carlos: Quando minha esposa morreu, me trouxeram para o asilo. Meu irmão, que morreu, morava aqui e estava ruim. Aí me falaram: “Vai lá ver o seu irmão” e me trouxeram! Trouxeram, trouxeram! Quando me trouxeram eu estava conversando com meu irmão e veio a Kombi com minha cama e minhas coisas e me disseram: “Essa cama aqui vai ser tua, você vai ficar aqui você não vai embora mais”. Pois é, me enganaram eu!

Cecília: E eu falei para minha filha: “você tem que trabalhar, ajudar sua família. Eu vou lá no lar dos velhinhos. Eu vou porque eu conheço a obrigação. Quem está criando família é muito trabalhador. É muita coisa. Aí eu fico lá e vocês tocam a vida de vocês aqui. Nem eu estorvo vocês e nem vocês e estorvam”.

Assim, cada morador do asilo tem um motivo distinto e um entendimento diferente sobre estar no asilo. Cada perspectiva é única.

Outra relação ainda merece atenção: a relação com o próprio asilo. Os moradores costumam seguir as regras e padrões impostos pela entidade e também respeitar os profissionais de saúde. Em geral os velhos gostam ou são indiferentes aos profissionais. Alguns reclamam abertamente de alguns enfermeiros. Já os profissionais de saúde, reconhecem que trabalhar com os velhos os fez mudar algumas opiniões pessoais, abriram-se para uma nova percepção da realidade. Cada profissional trata os velhos à sua maneira. Há os

funcionários responsáveis pelo gerenciamento do asilo e também os funcionários responsáveis pelo cuidado prático dos velhos.

Lógico que os velhos reagem à sua própria maneira às ações e regras do asilo, como já falei em outras ocasiões. Eles se utilizam da conveniência, ou seja, acatam as regras quando veem que não tem opção, mas também se utilizam de táticas e resistências, pequenos atos de rebeldia e mostram que, mesmo fragilizados em sua condição de senilidade, não perdem totalmente as vontades individuais que são parte de qualquer ser humano.

Assim, apesar de estarem em um asilo, os velhos tendem a utilizá-lo (consumi-lo) como suas próprias casas. Chamam os quartos de “meu quarto” e até mesmo o asilo de “minha casa”. Depois de muitos anos morando no asilo, acabam se apropriando dos lugares e objetos comuns para criar as suas próprias raízes no lugar em que estão inseridos (TUAN, 1983).

Carlos: Como é que eu vou abandonar a minha casa aqui para ir morar com ela? Então, tem que pensar muito.

7.4 As práticas cotidianas e a relação com as memórias

Ainda no tocante às práticas cotidianas, foi possível perceber temas recorrentes de acordo com o passado e as memórias dos velhos. Neste tópico falo das práticas e a relação com o trabalho, estudo e memórias.

A respeito da prática do trabalho, os velhos, em sua maioria, recordaram do quanto trabalharam e dos frutos que colheram durante sua vida ativa. Ademais, sentem saudades de terem sido úteis no passado e relatam que agora não se sentem mais importantes, já que muitos acreditam que foram descartados nos asilos por conta da diminuição de suas capacidades de produzir (COLARES; SARAIVA, 2016). A prática do trabalho permanece altamente vívida nas memórias dos moradores do asilo, como uma prática que eles exerciam e que tiveram que deixar para trás, sem opção de escolha. Portanto, os velhos são descontextualizados da lógica de ter poder a partir do domínio econômico (RAFFESTIN, 1993), já que sem poder produzir, não obtém rendimentos, e conseqüentemente, perdem a liberdade em escolher o lugar que querem viver e como querem viver.

Rafael: A vida foi corrida até hoje. Daí, agora eu parei de trabalhar. Sempre gostei de trabalhar e gosto de trabalhar até hoje. [Eu] plantava café, trabalhava, trabalhava,

trabalhava. A vida inteira foi de trabalhar! Eu gosto de trabalhar. Até hoje eu gosto de trabalhar. Eu tenho saudade da roça.

Todos os entrevistados ressaltaram o trabalho como um aspecto essencial. Na fala de Raul, ele resalta que “começou a vida” assim que iniciou em seu primeiro emprego. Da mesma maneira, Joana citava o tempo todo sobre a forma que entrou para trabalhar no banco e a maior parte de sua história de vida gira em torno do trabalho. Joaquim, Ester, Rafael e Cecília trabalharam efetivamente com a terra, pararam de trabalhar somente com a entrada no asilo ou a chegada da velhice.

Vários velhos ressaltaram que possuem aposentadoria e conseguem comprar os seus próprios bens, acessórios, itens que gostam ou que necessitam. Esta pequena autonomia é importante para o cultivo de uma personalidade no que tange à possibilidade de ter vontade e obter este item de desejo. Ademais, os velhos que continuam com seus rendimentos apresentam-se mais livres, consideram que vieram para o asilo por opção e ressaltam que compram coisas que gostam. Por exemplo, Joana compra seus cadernos de pintura e paga um plano funerário de sua vontade, Carlos compra seus cigarros e fumo. Portanto, mesmo dentro de um asilo filantrópico, a territorialização econômica (RAFFESTIN, 1993; SAQUET, 2007; HAESBART; LIMONAD; 2007) é evidente.

Um ponto levantado por todos os moradores do asilo foi o da educação como algo positivo e importante. Em cada caso particular é possível observar que alguns dos moradores tiveram a oportunidade de estudar e até de ensinar outras pessoas. Já outros moradores, por conta do sustento de suas casas, precisaram trocar o estudo pelo trabalho.

Joana: Ensinei bastante gente a escrever. [...] Nós tínhamos uma professora que morava na minha casa. [...] Então à noite eu ensinava os colonos a ler e a escrever. Ensinava o principal. E eles iam. Tudo bonitinho. Eu gostava de ver aquilo. [...] Meu pai me colocou em um colégio de freiras. Mas, eu não ficava longe da minha mãe. Daí eu fiquei lá [no colégio], estudei um pouquinho. Não aguentava ficar lá. Daí eu voltei para a fazenda. Hoje eu me arrependo, mas fazer o quê? Elas usavam hábito preto da Congregação Imaculada Conceição. Um colégio muito bom, mas eu não fiquei não.

Raul: Então viemos para Maringá. Entrei em um colégio, mas não estudei, fui só um dia. Eu precisava trabalhar e a escola era longe de onde eu morava.

Joaquim: Estudei muito pouco. De jovem larguei dos estudos para trabalhar.

Ester: Lá não tinha jeito de estudar, era puro mato. Tudo longe. Não íamos para a cidade.

Carlos: E não é mesmo que entrei para fazer o curso? Em Ponta Grossa, Campo Mourão, Peabiru, Araruna. Terra Boa. Não tem onde eu não conheça. Dinheiro não faltava pra mim. Porque o povo me ajudava, porque eu era um moleque muito querido. E eu fui para Ponta Grossa e entrei no estudo. Eu falei: “Eu não tenho nada,

mas eu quero estudar”. Então eles me colocaram no seminário. Os padres gostaram de mim. Falavam: “Nós vamos fazer tudo pra você”. E não é que fizeram tudo mesmo? Eu estudei 13 anos. Eu comecei pequeno, porque não tinha 10 anos.

Carlos: Eu estudei quando era novo da tua idade assim. Daí eu terminei. Não pode parar. Não pode por o pé no freio e estacionar. Estudo nunca é demais. Que nem eu. Eu tenho estudo, bastante, mas não presta pra nada mais. Acabou tudo.

Rafael: Aí o meu padrinho pegou os filhos deles no sítio e montou uma escola na casa dele para a criançada estudar. Ele arrumou uma professora para ensinar. Só que eu não podia ir lá. Eu brincava com os meninos quando era pequeno, mas na escola não podia ir. Porque se eu fosse lá [na escola] ela [a colega de sua mãe] me pegava. Eu não podia ir pra escola. Eu tinha que ficar em casa. Aí eu perdia aula. Não estudei, não tenho estudo por causa disso. Aí eu fiquei trabalhando no sítio ajudando meu pai. Todos os meninos na boa e eu lá no sítio capinando. Mas era melhor. Se eu fosse à casa do meu padrinho, ela me pegava e me levava embora. Aí no sítio do meu pai ela não podia ir.

Cecília: A única felicidade que eu não tive é que meu pai nunca me deixou ir para a aula. Eu gostava da leitura. Eu conheço os números, conheço as letras, mas não sou capaz de juntar para decorar para ler. Ele não deixava estudar porque tínhamos que trabalhar.

A maioria dos velhos ressaltou o tema do estudo. Ter me apresentado como pesquisadora e contar-lhes que ainda estou estudando podem ter influenciado os moradores para este tópico. Mas, um aspecto a ser destacado é o das queixas sobre não ter podido estudar ou ter estudado muito pouco. Assim como o casamento, muitos dos velhos vislumbravam um bom estudo como uma possibilidade de não estar no asilo ou de estar em algum lugar melhor devido à possibilidade de maior abundância de recursos financeiros advindos de conhecimentos.

Por terem experienciado estudos curtos e simples, consideram ter poucos conhecimentos e negligenciam a importância dos saberes ordinários (CERTEAU, 2012), e até mesmo, os desvalorizam frente aos conhecimentos de escola. Apesar disso, a satisfação em ter uma boa memória é proeminente nas falas e também no sentimento de orgulho dos velhos. Manter-se lúcido e conseguir recordar de fatos importantes do que aconteceu na história do país e também da própria vida é tido como algo de grande valor para os velhos.

Carlos: Eu tenho a cabeça boa. [...] Lembro! Lembro sim. Eu me lembro de tudo. Estou com 82 anos, mas a minha cabeça guarda tudo certinho. Não sai fora nada, nada. Não converso abobrinha também.

Cecília: A gente tem que compreender que quando a gente é nova é uma coisa. E quando a gente é velha é outra. O que mais muda é o pensamento. Porque no tempo que a gente é mais nova o pensamento é mais vadio. Só quando a gente está com uns 50 ou 60 anos o pensamento muda. Pensamento da gente fica mais pesado, mais coisas na cabeça. A gente vê muita coisa errada e fica meio triste.

Esquecer-se de si e das memórias é algo temido pelos velhos, já que existem diversas doenças que afligem indivíduos de maior idade e afetam justamente este setor da mente. Portanto, lembrar-se e recordar-se das memórias é uma das práticas que são relacionadas à velhice e que geram conforto para os que as têm intacta.

Outro ponto a ser ressaltado, é que todas as pessoas criam preferências pelos lugares de acordo com as lembranças cenestésicas que criam (TUAN, 1987). Foi possível visualizar este aspecto nas lembranças da infância ou mesmo dos lugares anteriores ao que vieram do asilo e fazer a comparação entre estes lugares. A memória de onde estiveram no passado é comparada ao lugar em que estão atualmente.

Raul: Vivia bem, consegui comprar o ranchinho em que trabalhava. Foi a primeira casinha que comprei, e única. Eu gostava de lá, eu gostava do meu rancho [...] Quando voltei para o rancho, reformei a casa, deixei bonita, pintei de branco e bege, e o telhado eu pintei de cinza, forrei a casa. Fiz calçada no quintal inteiro para eu andar de cadeira de rodas. Eu tinha conforto lá. O banheiro tinha 4 ferros para eu passar para o banheiro e sair.

Carlos: eu só fico quietinho, sentado pra cá.

Carlos: Eu penso muito na família. Penso o que eu tinha. Que quando minhas coisas acabaram [sobre a carreira], eu passei tudo o que eu tinha para minha filha. Que ela tem conforto. Ela tem três casas, carro, chácara. Ela ficou com tudo. Eu tenho e não tenho, porque eu passei para ela e é dela.

A partir destas análises, busquei compreender como todas estas práticas e relações influenciam na territorialização dos velhos no asilo.

7.5 Práticas cotidianas e relações traduzidas simbolicamente pelos moradores do asilo, ocasionando os processos de territorialização

Um ponto que ficou muito claro para mim é que a dificuldade da adaptação e o modo de territorializar e simbolizar o espaço em que estão inseridos está em um nível mais pessoal e íntimo de cada velho do que com as atividades e práticas oferecidas pelo asilo. Percebo que alguns daqueles velhos nunca vão conseguir territorializar o novo ambiente, isso porque existe uma resistência interna em aceitar que agora são moradores do asilo, e não vão poder ir embora, voltar para suas antigas casas ou conviver com os seus familiares. Portanto, os fatores subjetivos, emocionais e pessoais têm um peso maior no que tange ao tema da territorialização.

Percebi que cada um dos velhos cria a sua própria rotina no asilo. Apesar de existirem várias atividades, cada um escolhe a sua de acordo com sua vontade ou necessidade. Ester por exemplo, dá três voltas todos os dias pela sala comum, no intuito de se exercitar, porém, não participa das fisioterapias, apenas quando tem dor. Alguns velhos participam de todas as atividades da terapia ocupacional, outros velhos participam apenas de algumas das atividades. Raul frequenta a capela diariamente, assim como Joana que pinta diariamente. Cada um realiza as suas atividades de uma maneira particular.

Além disso, os velhos criam uma imagem do que seria o asilo e uma espécie de representação mental sobre o lugar, conforme argumentam Tuan (1983) e Raffestin (1993), aos discutirem sobre processos de territorialização. Os velhos que disseram que o asilo era um lugar de sossego, normalmente se mantinham isolados e em espaços com menos pessoas. Os indivíduos que diziam que era um lugar para os velhos, e, portanto um coletivo de velhos, mantinha-se na presença dos outros velhos e interagiam uns com os outros. Logo, cada um sente, percebe e territorializa o lugar à sua maneira.

Sobre essa questão, vale ressaltar que muitos dos velhos acreditam que vão poder voltar para suas antigas casas em algum momento ou que algum parente irá buscá-los. Existem casos de moradores que perguntam por seus familiares todos os dias, choram dizendo que querem ir embora. E, na maioria dos casos, esse é um desejo que tem pouquíssimas chances de se concretizar.

Também tem alguns velhos que fantasiam em suas mentes que ao sair do asilo vão ter uma melhor qualidade de vida, mesmo que ali tenha sido o primeiro lugar que receberam algum acompanhamento médico, atenção e cuidado.

Outros ainda são mais conformados e têm consciência de que não poderão mais deixar de morar no asilo, dizem que gostam de viver ali, mas ainda assim, admitem que preferiam estar em suas casas e não há como comparar a liberdade de estar em algo próprio ao estar no asilo.

Ao contrário dos casos citados anteriormente, existem vários velhos que escolheram por si mesmos vir para o asilo e consideram que lá é um lugar bom e sossegado para se viver, alguns consideram até mesmo melhor que suas casas anteriores.

Percebi que os homens se sentiram mais à vontade para contar sobre suas vidas. Até mesmo nas entrevistas coletadas nesta pesquisa, as mulheres foram mais reservadas quanto aos detalhes, diferentemente dos homens, que contaram detalhes. Os que se sentiam mais à vontade e orgulhosos de seu passado contavam com maior riqueza de detalhes e tranquilidade sobre o passado e os motivos de terem vindo para o asilo.

Por essas formas apresentadas de encarar a estada no asilo é perceptível que cada pessoa interpreta o lugar e a sua adaptação de uma maneira, de forma que não é possível generalizar.

Noto que os velhos que são mais adaptados ao asilo e que possuem uma disposição maior e são bem humorados, comumente, são aqueles que vieram para o asilo por uma opção pessoal. Nesse caso, o perfil mais comum é o de indivíduos solteiros, que perderam seus familiares e pelo passar do tempo, não possuem mais familiares próximos que podem continuar o cuidado, pois os outros irmãos também já envelheceram ou faleceram. Logo, o conflito familiar é menos evidente.

Há também os caso dos velhos que têm parentes e que os visitam frequentemente. Estes compreendem a importância da família para o seu próprio bem psíquico, e a família também se mantém presente na medida do possível. Isso é bem evidente na fala de Joana. Nesse caso, conforme já trazido por Carvalho e Dias (2011), evidencia-se que os velhos que têm um maior convívio familiar apresentam uma melhor qualidade de vida.

Joana: Meu sobrinho vem me buscar aos domingos para almoçar com ele. Tenho dois sobrinhos aqui na cidade. [...] Vou de manhã, volto à tarde, só o almoço. Você fica entosado com a família. Porque se afastar da família não dá.

Em outros casos, existem os velhos que não são visitados pelos seus parentes e acabam se conformando, como é o caso de Joaquim, que conta que seus sobrinhos têm condições financeiras muito boas, e podem vir visitá-lo, mas nunca o fazem.

Joaquim: Meus sobrinhos estão tudo ricos. Fazer o que? E não vem nem me ver. Ah, quer vir vem, não quer não vem. Eu fico aqui eles ficam pra lá. Pra eles é fácil de vir aqui, eles são doutor. Eu sei onde eles estão, mas para eu sair daqui, é muito longe.

E os casos mais críticos, em minha percepção, são aqueles em que o velho tem família, mas nenhum membro os visita. Em diversas conversas disseram-me que seus parentes não os vêm visitar há muito tempo. Alguns dos velhos me disseram que preferem estar ali no asilo à sua casa, pois ali ninguém o manda fazer nada, são mais livres do que na própria casa com os parentes.

Há alguns perfis dos moradores do asilo que foram alcoólatras, agressivos, e ainda que tiveram problemas familiares de todos os tipos, e por essa razão, os familiares preferiram cortar os laços. Além disso, muitas pessoas que estão hoje ali internadas já estavam

abandonadas na rua, ou sofreram algum tipo de violência. Por essa razão, o cognitivo, interação social e a parte física muitas vezes já estão comprometidas, e isso dificulta os trabalhos de reabilitação destas pessoas. Alguns velhos têm bons estados cognitivo e físico, mas não conseguem mais interagir com os outros indivíduos.

Portanto, conforme Carvalho e Dias (2011) o motivo da internação, o contato que continua tendo com os parentes e a manutenção de uma vida ativa ou com afazeres que ocupam a mente, interferem imensamente na adaptação dos velhos. Entendo que não somente as práticas cotidianas atuais dos velhos estão relacionadas com as ações de territorialização, mas tudo o que já foi vivido por estes indivíduos no passado. As ações do passado, os costumes, as tradições, e principalmente, o modo pelo qual lidou anteriormente com a mudança, os motivos da internação, as relações familiares, o fato de querer estar ali ou não, influenciam diretamente na adaptação rápida ou lenta dos velhos.

Vários velhos esperam pelas visitas de familiares ou mesmo de visitantes que os ouça e se interesse pela vida deles. É possível ver isso na atenção que os moradores do asilo dispensam para com os visitantes. Todo esse contato é importante para a manutenção da vida no asilo, visto que novos visitantes trazem novas informações do mundo fora do asilo e são mais uma oportunidade para os velhos contarem sobre suas vidas. O mesmo ocorre com a presença de pesquisadores que os ouvem.

Carlos: Agora tem você aqui para conversar comigo. Que história você tem para contar pra mim? Coisa boa! [...] Tem que se alegrar com quem se alegra. Porque toda hora que eu olho pra você aqui e eu nunca puxei conversa com você. Eu ia lá embaixo via você sentar perto de um, sentar perto de outro. Agora que eu estou sabendo no que você se trabalha e me interessa um pouco. [...] Eu fico contente de ter você conversando comigo assim.

Em várias conversas verifiquei que a ociosidade, não precisar fazer nada, poder descansar, estar em um lugar seguro são pontos que agradam aos velhos. Para alguns este ócio é maravilhoso, enquanto para outros, é um tédio sem fim. Isso demonstra a grande divergência de opiniões entre os próprios internados no asilo, já que para alguns o asilo é o pior lugar do mundo, e para outros, é um local de paz e sossego.

Finalmente, a territorialização acontece pelas pequenas ações do dia a dia dos moradores do asilo. Quando estes indivíduos tem a oportunidade de realizar alguma atividade ao seu modo e ainda não existem precedentes, perfazem à sua maneira e criam tradições. No caso de ações desconformes com o costume, abalam a conveniência apropriada. O estado de alheamento dificulta a inserção das características individuais no novo ambiente, visto que o

indivíduo não tem vontade de realizar ações, realiza somente o que está descrito nas normas e oculta a sua vontade, já não conferindo importância aos gostos pessoais. Manter e se sentir dono de espaços e coisas dentro do asilo aproximam os indivíduos da territorialização do asilo.

8. CONCLUSÕES

Neste capítulo apresento as conclusões obtidas com esta pesquisa, suas limitações e as sugestões para pesquisas futuras de assuntos que não puderam ser abarcados dentro do período de estudo.

Como objetivos que tracei e executei para poder responder à pergunta de pesquisa referente a esta dissertação, descrevi as práticas cotidianas dos moradores do asilo tanto no capítulo 5 “Imersão do campo”, com um maior enfoque no tópico “O cotidiano observado e vivido” e nele uma apresentação macro do cotidiano das atividades que observei e também atividades que me foram descritas pelos próprios moradores do asilo. Outras partes do cotidiano foram descritas e estão no capítulo seguinte “Histórias de vida dos velhos”, que foram trazidos pelos próprios indivíduos entrevistados, neste estão alguns detalhes relacionados às práticas dos velhos de uma maneira particular de cada um.

Tracei o segundo objetivo em busca de encontrar dentro das relações, aspectos que pudessem me auxiliar em decifrar a questão da territorialização vivenciada pelos velhos do asilo. Assim como as práticas cotidianas, apresentei os dados e informações do que pude ouvir e observar dentro dos capítulos 5 e 6. Por fim, uni a questão do cotidiano com a questão da territorialização no capítulo 7, o qual eu denominei de “Histórias de vida, observações e suas análises à luz do cotidiano e da territorialização”.

Como resultados principais advindos desta pesquisa, acredito que este estudo trouxe uma melhor compreensão sobre velhos moradores dos asilos a partir do olhar do cotidiano de Michel de Certeau; o entendimento de que novas práticas poderiam ser implementadas no contexto das atividades do asilo para facilitar a territorialização dos velhos, e que se estas atividades estiverem correlacionadas aos trabalhos e estudos que outrora foram executados por estes indivíduos, poderiam contribuir para um reconhecimento mais fácil do saber fazer e do sentir-se útil por parte dos velhos; as práticas destrinchadas também trouxeram um maior entendimento a respeito dos termos da velhice e do asilo, que se relacionam a partir de um entendimento geral com o uso dos termos. Além disso, as práticas descritas trazem uma maior compreensão do sujeito ordinário velhos, ao qual foram atribuídos diversas práticas que ajudam a desvelar este sujeito.

Como a maior conclusão do meu estudo, entendo, a partir desta pesquisa, que não somente as práticas cotidianas atuais dos velhos estão relacionadas com as ações de territorialização, mas tudo o que já foi vivido por estes indivíduos no passado. As ações do

passado, os costumes, as tradições, e principalmente, o modo pelo qual lidaram anteriormente com suas perdas, mudanças, os motivos da internação, suas relações familiares, o fato de quererem estar ali ou não, influenciaram nos seus processos de territorialização.

Desta forma, em termos teóricos, a contribuição deste estudo foi fazer emergir que a territorialização não advém apenas das táticas, das estratégias, das conveniências e das bricolagens e resistências cotidianas dos velhos, num sentido certauniano, mas também como eles acessam a memória, como interpretam seu passado, como lidam com ele e trazem para os dias atuais essas reflexões para tornar seu presente mais vivível. Assim, a análise do cotidiano se torna mais rica quando trazemos elementos do passado para a sua compreensão e como esses elementos são trabalhados no presente pelos indivíduos que estão envolvidos nesse cotidiano.

Um ponto que considero como limitação para este trabalho foi o limite de horário que eu teria para fazer as observações e entrevistas no asilo. Passar apenas alguma parte do dia com eles fez com que eu convivesse somente em determinados momentos. Logo, os detalhes das práticas que acontecem no período noturno, por exemplo, não pude observar. Essa limitação faz partes das regras do asilo e já foram explicadas. Tentei resolver essa questão perguntando aos próprios moradores como funcionava o dia e a noite no asilo para eles, e espero ter conseguido acessar as informações em uma qualidade necessariamente boa para ter realizado a pesquisa. Porém, não pude observar e participar de todos os momentos e atividades deles.

Como sugestão para trabalhos futuros, penso que seja possível avançar ainda mais no que tange à pesquisa dentro dos Estudos Organizacionais, uma vez que esse tipo de organização tem e terá papel cada vez mais importante na vida dos indivíduos, haja vista a demanda crescente por esse tipo de instituição. Além disso, é preciso prosseguir na compreensão de quem são os velhos, o que valorizam, o que sentem, afinal, são sujeitos ainda pouco lembrados quando falamos em termos de Administração. Entendimentos mais profundos a este respeito podem trazer avanços teóricos e práticos para a gestão e o entendimento desse tipo de organização.

Por fim, pessoalmente, esta pesquisa foi de grande crescimento pessoal e científico. Primeiramente pessoal, visto que aprendi muito sobre a senilidade e mudei um pouco a minha maneira de ver o mundo. As histórias de cada um dos personagens foram um convite para reflexão. A maneira simples e sincera com a qual os velhos contaram sobre suas vidas fez com que eu me sentisse mais empática e compreensiva sobre os sentimentos dos outros; e também fez com que eu repensasse minhas ações do presente, visto que as ações de hoje,

provavelmente, vão ter consequências no futuro. Já na questão teórica, acredito que poderei enxergar com um novo olhar em diversos outros campos de estudo, uma vez que o uso do cotidiano, da territorialização e das memórias permite uma compreensão profunda sobre a realidade a qual se deseja entender. Encerro esta trajetória satisfeita, transformada para melhor e grata.

REFERÊNCIAS

ABIB, Gustavo, HOPPEN, Norberto, HAYASHI JUNIOR, Paulo. Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil. **RAE**, São Paulo, v. 53, n. 6, p. 604-616, 2013.

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e; CRISOSTOMO, Edson. Artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático em uma feira livre. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v.19, n.1, p. 273-295, 2017.

AMARO, Fausto. Envelhecer no mundo contemporâneo: oportunidades e incertezas. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 12, n. 3, p. 201-211, 2015.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANVISA. **Resolução RDC nº 283**, de 26 de setembro de 2005. Diário Oficial da União, Poder Executivo, de 27 de setembro de 2005.

ASSUNÇÃO, Helena S., MENDONÇA, Ricardo Fabrino. A estética política da gambiarra cotidiana. **Revista Compólitica**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 92-114, 2016.

BARROS, Vanessa Andrade de, LOPES, Fernanda Tarabal. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, Eloisio Moulin de. **Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Dados Eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2014.

BEAL, Sophia. A arte de andar nas ruas de Brasília. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 45, p. 65-83, 2015.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BESSA, Maria Eliana Peixoto, SILVA, Maria Josefina da. Motivações para o ingresso dos idosos em Instituições de Longa Permanência e processo adaptativos: um estudo de caso. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 258-265, 2008.

BESSA, Maria Eliana Peixoto. **Idosos Institucionalizados e a compreensão do seu Cotidiano**. 2007. 97 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

BISPO, Nuno de Noronha da Costa, LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. A solidão entre idosos institucionalizados e o efeito do atendimento de fisioterapia. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 7, n. 1, p. 74-83, 2010.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL, Lei nº 10.741/2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília: DF, Outubro de 2003.

BRASIL, Lei nº 8.029/1990. **Dispõe sobre a extinção e dissolução de Entidades da Administração Pública Federal e da outras providências**. Brasília: DF, Abril de 1990.

BURRELL, G., MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.

CAMARANO, Ana Amélia, KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **R. Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235, 2010.

CARVALHO, Maria Paula R. S. de, DIAS, Maria Olívia. Adaptação dos idosos institucionalizados. **Millenium**, Viseu, v. 40, p. 161-184, 2011.

CAVEDON, Neusa Rolita. **Antropologia para administradores**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CAVEDON, Neusa Rolita. Método etnográfico: da etnografia clássica às pesquisas contemporâneas. In: SOUZA, E. M. de. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Dados eletrônicos. Vitória, EDUFES, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** (1. Artes de fazer). 18ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano** (2. Morar, cozinhar). Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

COLARES, André Felipe Vieira; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Problematizando o “Velho” e o “Idoso” sob a Ótica do Capital. **NAU Social**, v. 7, n. 12, p. 55-67, 2016.

COURPASSON, David. The Politics of Everyday. **Organization Studies**, v. 38, n. 6, p. 843-859, 2017.

DALLABRIA, Valdir Roque. Ativos territoriais, estratégias de desenvolvimento e governança territorial: uma análise comparada de experiências brasileiras e portuguesas. **Revista EURE - Revista de Estudios Urbano Regionales**, v. 42, n. 126, p. 187-212, 2016.

DEMIRLI, Meltem Eranıl; ULTAV, Zeynep Tuna; DERMITAŞ-MILZ, Neslihan. A socio-spatial analysis of urban transformation at a neighborhood scale: The case of the relocation of Kadifekale inhabitants to TOKI Uzundere in Izmir. **Cities**, v. 48, p. 140–159, 2015.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2006.

DEY, Pascal; TEASDALE, Simon. The tactical mimicry of social enterprise strategies: Acting ‘as if’ in the everyday life of third sector organizations. **Organization**, v. 20, p. 1-20, 2015.

ELBASAN, Bulent; YILMAZ, Gul Deniz; CIRAK, Yasemin; DALKILINC, Murat. Cultural Adaptation of the Friendship Scale and Health-Related Quality of Life and Functional Mobility Parameters of the Elderly Living at Home and in the Nursing Home. **Topics in Geriatric Rehabilitation**, v. 29, n. 4, p. 298-303, 2013.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; Alves, Nilda. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. **Pedagogia y Saberes**, n. 46, p. 7-17, 2017.

FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, Michel de. **Vigiar e punir**. 40ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRANKL, Viktor E. **El hombre en busca de sentido**. Barcelona: Herder, 1991.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, 1930. Disponível em: <http://www.psicanaliseflorianopolis.com/artigos/147-obras-completas-de-sigmund-freud.html>. Arquivo consultado em 28 de Julho de 2016.

GOCONQR. **Ferramenta online para criação de modelos de Mapas Mentais**. Disponível em: <https://www.goconqr.com/pt>. Acesso em 30 de Outubro de 2017.

GODOI, Christiane Kleinübing, MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, Christiane Kleinübing, BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo, SILVA, Anielson Barbosa (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GONÇALVES, Rita de Cássia, LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral e sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. especial, p.83-92, 2007.

GUERRA, Ana Carolina Lima Cavaletti, CALDAS, Célia Pereira. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010.

GUIMARÃES, Gleny Duro. **Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HAESBAERT, Rogério, LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **ETC: espaço, tempo e crítica**, v. 1, n. 2, 2007.

HAESBAERT, Rogério, PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2009.

HONORATO, Bruno Eduardo Freitas. **Ordem e subversão nas cidades: um estudo sobre a população em situação de rua de Belo Horizonte**. (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2014**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2015/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2016**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2016/default_tab_xls.shtm>. Acesso em: 21 de julho de 2017.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie; SANTOS, Lucy Woellner dos. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: SILVA, Anielson; GODOI, Christiane. K; MELLO, Rodrigo B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, p. 185-209, 2006.

JOAQUIM, Nathalia de Fátima. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. In: IX Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 2016. Belo Horizonte. **Anais**. EneO. 2016.

JORGENSEN, Danny L. **Participant Observation: A Methodology for Human Studies**. London: Sage, 1989.

LEITE, Rogério Proença. A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.

LEVIGARD, Yvonne E., BARBOSA, Ruth, M. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.62, n.1, 2010.

LOCATELLI, Patrícia Augusta Pospichil Chaves; FONTOURA, Daniele Dos Santos. Envelhecimento Populacional e os Estudos em Administração. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 7, n. 17, p. 273-300, 2013.

LOCATELLI, Patrícia Augusta Pospichil Chaves; CAVEDON, Neusa Rolita. Representações sociais e a captação de pessoas para trabalhar com idosos. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Chapecó, v. 13, n. 1, p. 1-13, 2014.

MADEIRA, Maria Margarida. Condicionantes Sociológicas na Integração do Idoso em Lares da 3ª Idade: Breves Considerações. **Revista Referência**, n. 3, p. 23-27, 1999.

MARQUES, Filipa Daniela, SOUSA, Liliana. Integridade Familiar: Especificidades em Idosos Pobres. **Paidéia**, v. 22, n. 52, p. 207-216, 2012.

MARTINS, José de S. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*, **Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-8, 1998.

MEES, Luiz Alexandre Lellis. Espaços turísticos construídos no Complexo do Alemão por roteiros comerciais. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v. 5, n. Especial, p. 43-53, 2015.

MENDES, Luciano; CAVEDON, Neusa Rolita. As Culturas Organizacionais Territorializadas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 108-123, 2013.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Memória e Identidade: Travessia de velhos professores**. Maringá: EDUEM, 1998.

MOTTA, Alda Britto da. Palavras e Convivência - idosos, hoje. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 1, 1997.

NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, Leandro F., FUENTES, Daniel, COSENZA, Ramon M. (orgs). **Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional**. Porto Alegre: Armed, 2013.

OLLAIK, Leila Giandoni, ZILLER, Henrique Moraes. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.38, n.1, p. 229-241, 2012.

ORTEGA, Francisco A. Michel de Certeau y las ciencias sociales: un lenguaje alterado. **Memoria y Sociedad**, v. 20, n. 41, p. 55-70, 2016.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade... In: Barros, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV. p.69-84, 1998.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultura, 1997.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. Space, territory, and territoriality. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 30 n.1, p. 121-141, 2012.

SALAMON, Rossana Cassigoli. Antropología de las prácticas cotidianas: Michel de Certeau. **Chungara: Revista de Antropología Chilena**, v. 48, n. 4, p. 679-689, 2016.

SANTOS, Leonardo Lemos da Silveira, ALCADIPANI, Rafael. Por uma Epistemologia das Práticas Administrativas: a Contribuição de Theodore Schatzki. **Anais XXXIV ENANPAD**, Rio de Janeiro, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. El desarrollo em una perspectiva territorial multidimensional. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, v. 2, n. 01, p. 111-123, 2013a.

SAQUET, Marcos Aurélio. Reflexões sobre o conceito de território e suas relações com os estudos de cultura e identidade. Em: **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Álvaro Luiz Heidrich, Benhur Pinós da Costa, Cláudia Luisa Zeferino Pires (organizadores). – Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013b.

SILVA-SOBRINHO, Helson Flávio. **Discurso, Velhice e Classes Sociais**. Maceió: EDUFAL, 2007.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4. p. 801-815, 2008.

SOJA, Edward William. **The Political Organization of Space**. Washington, D.C., Association of American Geographers, 1971.

SOUZA FILHO, Alípio. Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. **Sociabilidades**. São Paulo, v.2, n. 1, p. 129-134, 2002.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.5, n. 93, 2001.

TAYLOR, Steven J., BOGDAN, Robert C. **Introduction to qualitative research methods: A guidebook and resource** (3rd ed.). New York: John Wiley, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão, ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13-28.

VILAS BOAS, Luana Furtado. **Um estudo do homem ordinário, suas práticas cotidianas e processos de territorialização: Migrantes inseridos no contexto do trabalho precário**. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Análise de entrevistas em pesquisa com história de vida. **Caderno CERU**, v.2, n. 11, p. 147-158, 2000.

ANEXO A

ROTEIRO COM AS INFORMAÇÕES COLETADAS PARA A HISTÓRIA ORAL DE VIDA

1º Bloco: Infância

- 1) Informações: nome e idade.
- 2) Em qual cidade nasceu?
- 3) Quanto tempo viveu lá?
- 4) Quais as memórias mais significativas da sua infância?
- 5) Quais as lembranças mais significativas da sua adolescência?

2º Bloco: Juventude e trabalhos realizados

- 1) Mudou-se para outras cidades? Como foi?
- 2) Mudou-se de casas? Como foi?
- 3) Quais as lembranças mais significativas da sua juventude?
- 4) Em que trabalhou?
- 5) Gostava do seu trabalho? Sente falta atualmente?

3º Bloco: Principais fatos marcantes da vida

- 1) Quais foram suas maiores conquistas?
- 2) Quais fatos de sua vida que você considera que te formaram como a pessoa que você é hoje?

4º Bloco: Entrada no asilo

- 1) Quando veio para este asilo? Por quê?
- 2) Quanto tempo levou para se adaptar aqui neste asilo?
- 3) Como foi a sensação quando veio pela primeira vez para cá?
- 4) Viveu em outro asilo antes? Por quanto tempo?

5º Bloco: Realidade atual

- 1) Quais são os lugares que mais frequenta aqui no asilo?
- 2) Qual seu lugar preferido aqui no asilo?
- 3) Quem são as pessoas daqui que você mais convive?
- 4) Quais as atividades que mais gosta?
- 5) Seus familiares te visitam?

ANEXO B

MODELO CAPA DA HISTÓRIA DE VIDA DOS ENTREVISTADOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

**MINHA HISTÓRIA DE
VIDA**

NOME DO ENTREVISTADO

2017

ANEXO C

MODELO HISTÓRIA DE VIDA E INFORMAÇÕES SOBRE O MEU CONTATO



3

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Eu gosto de pintar. Eu fico o dia todo aqui à toa. Às vezes eles chamam para passear [pessoal do asilo]. Mas eu falo: "eu não vou passear de cadeira de rodas". Mas eles me levam. Ai eu vou passear.

Aqui o dia a dia é ficar aqui. Rezar o terço. Todo dia a gente reza o terço. O rapaz que vem aqui reza o terço. Tem mais uns velhinhos que rezam também. Ai o padre vem rezar a missa aqui no domingo.

Todos aqui são meus amigos, converso com todo mundo aqui. Eu gosto dos meus amigos daqui do asilo. Vem um monte de escolas aqui. Um monte de gente vem conversar com a gente. Mas converso mais com quem chega de fora. Aqui o pessoal não gosta muito de conversar. Vem várias pessoas fazer atividades aqui [no asilo].

Tem uns que fumam. Ai não gosto. Eu não fumo e não bebo também, porque eu não gosto. Ai eles fumam do lado de cá e vem tudo o cheiro. Mas quer fumar tem que fumar lá fora, mas a fumaça vem aqui.

A vida foi corrida até hoje. Daí, agora eu parei de trabalhar. Sempre gostei de trabalhar e gosto de trabalhar até hoje. [Eu] plantava café, trabalhava, trabalhava, trabalhava. A vida inteira foi de trabalhar! Eu gosto de trabalhar. Até hoje eu gosto de trabalhar. Eu tenho saudade da roça.

Entrevistas realizadas em setembro de 2017.

Entrega e confirmação da entrevista em outubro de 2017.

Estas informações foram utilizadas para compor minha dissertação de mestrado. Na pesquisa, todos os nomes foram alterados para nomes fictícios preservando o sigilo.

Contato: Jessica Syrio Callefi

Telefone: (44) 99882-9347, / E-mail: jessica.callefi@gmail.com ■

Universidade Estadual de Maringá
Programa de Pós Graduação em Administração
Av. Colombo, 5790 – Bloco C23 – Sala 15 – CEP 87020-900
Maringá - Paraná